

PRIMEIRA CARTA DE PEDRO

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Uwe Holmer

Editora Evangélica Esperança

Copyright © 2008, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança
Rua Aviador Vicente Wolski, 353
82510-420 Curitiba-PR

E-mail: eee@esperanca-editora.com.br
Internet: www.esperanca-editora.com.br

Editora afiliada à ASEC e a CBL
Título do original em alemão
Der Briefe des Petrus und der Brief des Judas
Copyright © 1983 R. Brockhaus Verlag

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Holmer, Uwe

Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas / Fritz Grünzweig, Uwe Holmer, Werner de Boor / tradução Werner Fuchs. -- Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2008.

Título original: *Der Briefe des Jakobus, Die Briefe des Petrus und der Brief des Judas, die Briefe des Johannes.*

ISBN 978-85-7839-004-4 (brochura)

ISBN 978-85-7839-005-1 (capa dura)

1. Bíblia. N.T. João - Comentários 2. Bíblia. N.T. Judas - Comentários 3. Bíblia. N.T. Pedro - Comentários 4. Bíblia. N.T. Tiago - Comentários I. Holmer, Uwe. II. Boor, Werner de. III. Título.

08-05057 CDD-225.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Novo Testamento : Comentários 225.7

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1993.

Sumário

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Introdução à primeira carta de Pedro

Voto inicial – 1. Pedro 1.1s

Renascidos para uma esperança viva! – 1Pe 1.3-9

Compreendam a magnitude da sua redenção! – 1Pe 1.10-12

Vivam em concordância com sua esperança – 1Pe 1.13-21

Amem persistentemente um ao outro de coração! – 1Pe 1.22-25

Edificados como pedras vivas – 1Pe 2.1-10

Tenham uma boa conduta! – 1Pe 2.11s

Comportamento correto em relação a todos – 1Pe 2.13-17

Comportamento correto perante os superiores – 1Pe 2.18-25

Conduta correta em relação ao parceiro conjugal – 1Pe 3.1-7

Não reagir ao mal com o mal! – 1Pe 3.8-12

Vencer o mal pelo bem – 1Pe 3.13-22

Suportar o mal com a mentalidade de Jesus – 1Pe 4.1-6

Bons administradores da multiforme graça de Deus – 1Pe 4.7-11

Alegrai-vos por sofrer com Cristo! – 1Pe 4.12-19

A responsabilidade dos anciãos e dos mais jovens pela igreja – 1Pe 5.1-5

Exortação à vigilância – 1Pe 5.6-11

Saudações e voto de bênção – 1Pe 5.12-14

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

Com referência ao texto bíblico:

O texto de 1Pedro está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

Códice do Cairo (C) 895 Moisés ben Asher

Códice da sinagoga de Aleppo depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

Códice de São Petersburgo 1008 Moisés ben Asher

Códice nº 3 de Erfurt século XI Ben Naftali
Códice de Reuchlin 1105 Ben Naftali

Qumran Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do **AT**. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

Sam O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

Targum A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.

LXX A tradução mais antiga do **AT** para o grego é chamada de “Septuaginta” (**LXX** = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A **LXX** é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do **AT**.

Outras Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do **AT**. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da **LXX**), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):

- Latina antiga por volta do ano 150
- Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
- Copta séculos III-IV
- Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

AT Antigo Testamento
cf confira
col coluna
gr Grego
hbr Hebraico
km Quilômetros
lat Latim
LXX Septuaginta
NT Novo Testamento
opr Observações preliminares
par Texto paralelo
p. ex. por exemplo
pág. página(s)
qi Questões introdutórias
TM Texto massorético
v versículo(s)

II. Abreviaturas de livros

Bl-De *Grammatik des ntst Griechisch*, 9ª edição, 1954. Citado pelo número do parágrafo
CE *Comentário Esperança*
Ki-ThW Kittel: *Theologisches Wörterbuch*
NTD *Das Neue Testament Deutsch*

- Radm *Neutestl. Grammatik*, 1925, 2ª edição, Rademacher
St-B *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, vol. I-IV, H. L. Strack, P. Billerbeck
W-B *Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur*, Walter Bauer, editado por Kurt e Barbara Aland

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

- BLH Bíblia na Linguagem de Hoje (1998)
BJ Bíblia de Jerusalém (1987)
BV Bíblia Viva (1981)
NVI Nova Versão Internacional (1994)
RC Almeida, Revista e Corrigida (1998)
TEB Tradução Ecumênica da Bíblia (1995)
VFL Versão Fácil de Ler (1999)

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

- Gn Gênesis
Êx Êxodo
Lv Levítico
Nm Números
Dt Deuteronômio
Js Josué
Jz Juízes
Rt Rute
1Sm 1Samuel
2Sm 2Samuel
1Rs 1Reis
2Rs 2Reis
1Cr 1Crônicas
2Cr 2Crônicas
Ed Esdras
Ne Neemias
Et Ester
Jó Jó
Sl Salmos
Pv Provérbios
Ec Eclesiastes
Ct Cântico dos Cânticos
Is Isaías
Jr Jeremias
Lm Lamentações de Jeremias
Ez Ezequiel
Dn Daniel
Os Oséias
Jl Joel
Am Amós
Ob Obadias
Jn Jonas
Mq Miquéias
Na Naum
Hc Habacuque
Sf Sofonias

Ag Ageu
Zc Zacarias
Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt Mateus
Mc Marcos
Lc Lucas
Jo João
At Atos
Rm Romanos
1Co 1Coríntios
2Co 2Coríntios
Gl Gálatas
Ef Efésios
Fp Filipenses
Cl Colossenses
1Te 1Tessalonicenses
2Te 2Tessalonicenses
1Tm 1Timóteo
2Tm 2Timóteo
Tt Tito
Fm Filemom
Hb Hebreus
Tg Tiago
1Pe 1Pedro
2Pe 2Pedro
1Jo 1João
2Jo 2João
3Jo 3João
Jd Judas
Ap Apocalipse

OUTRAS ABREVIATURAS

O final do livro contém indicações de literatura.

(A 25) Apêndice (sempre com número)

Traduções da Bíblia (sempre entre parênteses, quando não especificada, tradução própria ou Revista de Almeida)

(A) L. Albrecht

(E) Elberfeld

(J) Bíblia de Jerusalém

(NVI) Nova Versão Internacional

(TEB) Tradução Ecumênica Brasileira (Loyola)

(W) U. Wilckens

(QI 31) Questões introdutórias (sempre com número, referente ao respectivo item)

Past cartas pastorais

ZTK *Zeitschrift für Theologie und Kirche*

ZNW *Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*

[ver: Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT (ed. Gordon Chown), Vida Nova.]

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA CARTA DE PEDRO

A primeira carta de Pedro pertence, com a carta de Tiago, 2Pedro, as 3 cartas de João e a carta de Judas, às sete “epístolas católicas” do NT. “Católico” significa “geral”. Em função disso o nome é interpretado como designação de cartas que se dirigem à cristandade inteira, ao contrário de outras cartas do NT que são destinadas a igrejas, grupos ou pessoas específicas. Contudo, argumentou-se contra isso que as epístolas católicas originalmente não se dirigem a todos os cristãos, mas a um círculo restrito, ainda que muito grande, de destinatários. Por isso também ocorre uma

segunda interpretação: as cartas são chamadas de “católicas” porque acabaram sendo reconhecidas de modo geral, i. é, aceitas como canônicas pela totalidade da igreja (cf. Barclay, p. 133). Por isto, também são chamadas de “cartas canônicas”.

O autor

“Pedro, apóstolo de Jesus Cristo”, consta como dado sobre o autor (1Pe 1.1). Pensa-se, portanto, no discípulo Simão, a quem Jesus dera o cognome Cefas (aramaico) = Pedro (greco-latino) com a promessa de que sobre essa rocha ele haveria de construir sua igreja (Mt 16.18; Jo 1.42). Os evangelhos o caracterizam de maneira tangível. Seu papel de liderança nos primórdios do cristianismo primitivo em Jerusalém e a primeira atuação são explicitados a partir de Atos dos Apóstolos que, no entanto, silencia acerca dele a partir de At 15.7. Em decorrência, o NT não informa nada acerca da continuação de sua atividade nem sobre o fim de sua vida, exceto que inicialmente evangelizou, sobretudo entre judeus (Gl 2.8), que foi corrigido por Paulo em Antioquia (Gl 2.11ss) e que levava a esposa consigo no trabalho missionário (1Co 9.5). Em Jo 21.18s deve-se constatar certa alusão ao fim de sua vida, onde se informa que o Ressuscitado lhe anunciou a morte de martírio (entretantes provavelmente ocorrida).

Os destinatários

Os destinatários são “forasteiros eleitos da Diáspora no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia”. Naquele tempo esses nomes regionais da Ásia Menor designavam províncias romanas maiores, todas surgidas entre 133 a.C. (Ásia) e 17 d.C. (Capadócia). A província romana da Galácia abarca, além da antiga região com esse nome no centro da Ásia Menor, também a Licaônia, Pisídia e o leste da Frígia. Faziam parte da província romana da Ásia (*Asia proprie dicta*) as regiões da Mísia, Lídia, Frígia e Cária. Subentendendo-se que Pedro se ateu às designações oficiais romanas, os nomes citados abrangem quase todo o território da Ásia Menor. Somente Lícia, Panfília e Cilícia, no extremo sul, não foram citadas. A última região provavelmente era estreitamente ligada à congregação missionária da Antioquia. Será que as igrejas na Lícia e Panfília eram insignificantes demais, ou porventura estavam situadas fora das rotas de viagem do emissário que trazia a carta, ou será que não existia motivo para escrever a igrejas dali, porque sua realidade era outra? Essas interrogações têm de permanecer em aberto.

Os destinatários parecem ter sido predominantemente cristãos gentios. Porque somente de ex-gentios se pode afirmar: no passado sua vida, na ignorância, foi determinada pelas paixões (1Pe 1.14), foram redimidos da conduta vã legada pelos pais (1Pe 1.18), outrora eram “não um povo”, agora, porém, são povo de Deus (1Pe 2.10) e “basta que nos tempos passados realizastes a vontade dos gentios” (1Pe 4.3s). No entanto, com certeza também cristãos judeus faziam parte das igrejas às quais Pedro escreve. Isso condiz inteiramente com a idéia que já possuímos acerca da atuação do apóstolo Paulo na Ásia Menor. Somente poucos intérpretes (B. Weiß; Kühl) supõem que Pedro escreveu a carta a cristãos judeus. Dois aspectos são característicos para os destinatários da carta: há muitos recém-convertidos entre eles (1Pe 2.2), e eles passam por diversos sofrimentos e aflições (1Pe 1.6; 2.20; 3.14ss; 4.12ss; etc.).

O local de redação

Como local de redação a carta cita Babilônia (1Pe 5.13). Provavelmente isso se refere a Roma. Para, pormenores, veja o comentário sobre 1Pe 5.13.

A época da redação

Para a época da redação são importantes sobretudo as referências dos pais eclesiásticos. Eles informam que Pedro teria morrido como mártir sob Nero, por volta do ano 64. Portanto, a carta deve ter sido escrita entre o começo e meados dos anos 60. Com uma datação tão antiga condiz também a observação de que nas igrejas às quais 1Pe se dirige o cargo de “bispo” ainda não parece ter sido tão influente como acontecia em época posterior. A igreja era dirigida por “anciãos” (1Pe 5.1). Isso aponta para um estágio inicial da igreja (cf. At 20.17ss). Contudo, os dados dos pais eclesiásticos e as constatações na própria carta permitem tirar apenas conclusões prováveis. Schlatter declara: “Sobre a época e o local em que Pedro redigiu sua carta paira uma incerteza impossível de eliminar” (*Einleitung in die Bibel*, p. 487).

1Pedro e Paulo

Dois fatos são relevantes em vista dessa questão:

- 1) A primeira carta de Pedro tem grande proximidade com a teologia de Paulo (particularmente com as cartas aos Romanos e aos Efésios). Pedro realiza seu ministério de cuidado pastoral às igrejas da Ásia Menor sem qualquer contraste perceptível em relação a Paulo.
- 2) A primeira carta de Pedro não contém nem uma saudação de Paulo nem qualquer outra informação sobre dele. A constatação de um relacionamento sem tensões entre Pedro e Paulo é corroborada pelo fato de Pedro trabalhar em conjunto com ex-colaboradores de Paulo, Silvano e Marcos (cf. Fm 24; Cl 4.10; 2Tm 4.11). Também a nota em

2Pe 3.15 atesta um bom relacionamento entre Pedro e Paulo. Como, no entanto, se deve explicar o fato de que 1Pe não traz nenhuma saudação de Paulo? Disso temos de concluir que Paulo não se encontrava no mesmo local que Pedro na época da redação da carta. Fica em aberto onde ele estaria. Segundo as cartas pastorais (**Tt 1.5; 3.12; 1Tm 1,3**) Paulo deve ter sido libertado novamente do cativo romano relatado em Atos dos Apóstolos (**At 28.30s**), visitando a região oriental do mediterrâneo. Também algumas notícias esparsas da igreja antiga informam que Paulo ainda conseguiu viajar até a Espanha, desempenhando ali um serviço de evangelização. Também ficará sem confirmação se Pedro combinou com Paulo seu serviço de cuidado pastoral nas igrejas da Ásia Menor.

A questão da autenticidade

A primeira carta de Pedro está relativamente bem documentada na igreja antiga. A carta de 2Pe a menciona (**2Pe 3.1**). Eusébio relata que o bispo Papias de Hierápolis (por volta do ano 130) cita 1Pe, sem, no entanto, caracterizar essas citações como tais (Eusébio, *HE III*, 39,16). O bispo Policarpo de Esmirna (fal. 156) adota frases inteiras de 1Pe em sua carta aos filipenses. Os antigos mestres da igreja Ireneo, Clemente de Alexandria e Tertuliano estão convictos da autenticidade de 1Pe. Orígenes relaciona a epístola entre as que de maneira geral são consideradas autênticas. Em consonância, ela consta nos cânones de Orígenes e de Eusébio. O fato de não estar incluída no Cânon Muratori pode ter razões diferentes da dúvida quanto à sua autenticidade.

Apesar disso há uma série de razões que levam alguns pesquisadores à convicção de que 1Pe não teria sido escrita pelo apóstolo Pedro, ou seja, que não seria autêntica. Aduzem os seguintes argumentos:

a) A carta foi escrita em grego fluente. Um estilo tão bom somente poderia ser próprio de uma pessoa erudita, não de um ex-pescador da Galiléia. Alguns exegetas também remetem à nota de Papias (em Eusébio, *HE III*, 39,15) de que Marcos era “hermeneuta” do apóstolo. Entendem hermeneuta como tradutor, concluindo daí que o próprio Pedro não dominava o idioma grego.

b) A convergência, acima constatada, com o ideário de Paulo, apontaria para uma dependência de Paulo. Mas seria correto confiar uma maior autonomia à personalidade de Pedro. Por isso um aluno qualquer de Paulo deveria ter sido o autor de 1Pe. Também é possível comprovar várias coincidências com a carta de Tiago. Isso igualmente caracterizaria o autor de 1Pe como um pensador pouco independente.

c) As citações do AT são comprovadamente retiradas da tradução grega do AT, a Septuaginta (LXX). Pedro, porém, deveria ter usado o AT hebraico.

d) Pedro estaria escrevendo a igrejas perseguidas. Contudo, houve perseguição em grande extensão somente no tempo de Nero (a partir de julho de 64), provavelmente no começo ainda restrita a Roma. Na Ásia Menor, porém, há relatos de perseguições gerais apenas em período posterior (Domiciano 81-96, Trajano 98-117). Logo a carta somente poderia ter sido escrita sob Domiciano ou Trajano, ou seja, muito tempo depois da morte do apóstolo.

e) 1Pe não contém nenhuma recordação da convivência com Jesus durante sua vida na terra.

Essas alegações precisam ser levadas a sério e examinadas. Porque se forem contundentes, colocam em dúvida a autoria de Pedro. No entanto, será que são? Diante do grande peso da atestação positiva somente argumentos convincentes poderão refutar a autenticidade de 1Pe. Nesse ponto é preciso examinar de forma muito conscienciosa se a crítica se baseia em motivos irrefutáveis ou apenas em objeções que também podem ser explicadas de outra maneira. Por isso cabe agora analisar as objeções contra a autenticidade de 1Pe:

Sobre a): o grego da carta de fato é bom e fluente. Mas “já os pais da igreja até Jerônimo não entenderam a expressão ‘hermeneuta’ do testemunho freqüentemente usado de Papias no sentido estrito de ‘intérprete’, mas a relacionaram com a dependência de conteúdo de Marcos em relação a Pedro” (como intermediário, que transmitiu por escrito o conteúdo das pregações de Pedro, como defende Feine-Behm, *Einleitung*, p. 60). O. Cullmann (p. 24) cita G. Dalman “*Orte und Wege Jesu*” 3ª ed. 1924, p. 177: “Quem cresceu em Betsaida não somente deve ter entendido grego, mas também estava lapidado pelo convívio com forasteiros e acostumado à cultura grega.” Não sabemos nada a respeito da habilidade lingüística de Pedro. Pode ter sido excelente. A isso se agrega um segundo argumento: em **1Pe 5.12** observa-se que a carta foi escrita “através de Silvano”. Como cidadão romano (**At 16.37**) e como colaborador do apóstolo Paulo durante longos anos, Silvano (ou “Silas”) com certeza falava e escrevia bem o grego. Por isso é possível que Silvano proporcionou à carta a configuração idiomática, mas que o conteúdo seja de Pedro. Muitos exegetas tendem para essa hipótese (cf. o comentário a **1Pe 5.13**). Não obstante, persiste aberta a possibilidade de que Pedro também tenha formatado pessoalmente a linguagem de sua carta.

Sobre b): A concordância com idéias das cartas de Paulo pode ser derivada em parte da circunstância de que ambos os apóstolos têm participação da larga corrente do legado comum do conhecimento do primeiro cristianismo. Também

é provável que Pedro tenha conhecido algumas cartas de Paulo (cf. [2Pe 3.15](#)) e que acentue exatamente o que ambos têm em comum em seu ministério junto às igrejas fundadas por Paulo. Não está descartada a possibilidade de que Pedro e Paulo tenham tido uma troca de idéias no início dos anos 60.

Sobre c): Para o Império Romano como um todo a “Bíblia” não era o AT hebraico, mas a LXX. Por essa razão é provável que Pedro também estivesse familiarizado com ela, do mesmo modo como os destinatários da carta. Um missionário, porém, utiliza a Bíblia que é entendida na terra em que atua, nesse caso, a LXX.

Sobre d): É verdade que Pedro escreve a igrejas em diversas aflições e sob crescente ameaça. Em nenhuma passagem, porém, sua carta diz que se trata de uma perseguição geral de maiores proporções. Termos como *diogmos* (perseguição) e *thlipsis* (tribulação) ainda estão ausentes. Logo Pedro pode ter em vista uma perseguição que se aproxima, ataques crescentes, uma opinião perigosa contra os cristãos. Tal situação, porém, se torna perceptível para certas localidades já no tempo de Estêvão ([At 8.1](#); cf. também [At 12.1-4](#)) e da evangelização por Paulo ([At 13.50](#); [14.5s,19](#); [17.5-8](#); etc.). Logo é concebível que um clima desses se alastrava e se tornava mais geral com a crescente expansão das igrejas. Por isso ainda não é necessário associar a redação da carta com um dos períodos de perseguição oficial. A situação explicitada em 1Pe pode muito bem ter vigorado antes da perseguição por Nero, ou seja, no tempo da atuação de Pedro.

Sobre e): É verdade que a carta não traz nenhuma recordação de experiências com Jesus durante sua vida na terra. O pouco valor de tais objeções, porém, é evidenciado pela segunda carta de Pedro. Ali se faz alusão muito clara ao tempo de Jesus na terra ([2Pe 1.16ss](#)). E isso torna a ser considerado por muitos como sinal de que a carta não é autêntica. Pedro podia ter a certeza de que de modo geral as igrejas estavam bem informadas a respeito da vida e atuação do Senhor. Isso pode ter sido motivo suficiente para não falar mais uma vez a respeito disso.

Finalizando, podemos constatar que todos os argumentos que parecem depor contra a autoria do apóstolo Pedro podem ser eliminadas sem arbitrariedades. A tradição da igreja antiga, geralmente digna de confiança, nos parece ser mais forte que as dúvidas levantadas contra a autenticidade. Por isso pensamos que é possível ler 1Pe como uma carta daquele de quem ela traz o nome.

Finalidade e conteúdo de 1Pe

O próprio Pedro assinala a finalidade e o objetivo de sua carta: exortar as igrejas da Ásia Menor e testemunhar “que essa é a verdadeira graça de Deus, na qual vos deveis inserir”. Pretende consolidar nos destinatários o reconhecimento de sua salvação, mostrando-lhes a magnitude de sua redenção atual e futura, para que tenham a força de permanecer fiéis a seu Senhor e Salvador nas ameaças que sofrerem. A esse intento dedica-se o primeiro bloco ([1Pe 1.1-2.10](#)). O segundo bloco deve ajudar os destinatários a vencer a vida cotidiana a partir da fé, e até mesmo a penetrar mais profundamente nessa graça, para que em todas as situações no mundo possam ser aprovados como discípulos de Jesus ([1Pe 2.11-4.6](#)). Na seção final está em jogo o relacionamento dos indivíduos com a igreja ([1Pe 4.7-5.14](#)). Na igreja se recebe fortalecimento, e nela cada um tem suas tarefas. Por isso Pedro revigora seus irmãos, ajudando-os a se inserirem corretamente na igreja.

A peculiaridade de 1Pe

Schlatter aponta para a consciência apostólica de envio que caracteriza o autor: “Quem fala aqui não se dirige aos irmãos como um deles... Quem fala reivindica para si o ministério de mensageiro...” (*Petrus und Paulus*, p. 17). Essa autoridade do apóstolo, que tem a certeza de obter a atenção dos destinatários, bem como o objetivo de fortalecer os cristãos sofredores da Ásia Menor, constituem a característica da carta. Por essa razão as palavras “redenção” ([1Pe 1.5,9s](#); [2.2](#); [3.21](#)), “esperança” ([1Pe 1.3,13,21](#); [3.15](#)) e “glória” ([1Pe 1.11,21](#); [4.13s](#); [5.1,4,10](#)) são conceitos fundamentais da carta. Contudo também a exortação para ir ao encontro da ignorância do entorno com a prática conseqüente de boas ações ([1Pe 2.12,15,20](#); [3.9ss,16](#); [4.15](#)) perpassa como linha forte toda a carta. Particularmente notável é sua ancoragem no centro da doutrina bíblica, na cruz e ressurreição de Jesus Cristo: a exortação à conduta correta é fundamentada expressamente pelo sofrimento de Cristo ([1Pe 1.17ss](#); [2.21ss](#); [3.18ss](#)). Seu sofrimento por nós e sua paixão antes de nós, seu exemplo confere forças para a boa conduta, até mesmo no sofrimento. “Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento” ([1Pe 4.1](#))! O calor humano, combinado com a coragem de exortar para o sofrimento por causa de Jesus, e para também assumir o sofrimento próprio, marcam 1Pe, além da empatia de aconselhamento e do vigilante cuidado apostólico. A carta inteira é determinada pela alegria da salvação, concedida às igrejas por meio de Jesus. Com tudo isso 1Pe volta a ter nova relevância também para a nossa época.

COMENTÁRIO

Voto inicial – 1. Pedro 1.1s

- 1 – Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia,
2 – eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas.

- 1 Para compreender uma carta é importante saber quem a escreveu e a quem foi dirigida. Uma carta antiga era escrita na forma de um rolo epistolar. A assinatura, portanto, não podia ser lida de imediato. Por isso era costume que o intróito da carta já trouxesse a indicação do remetente, do destinatário e uma palavra de saudação. Também Pedro segue o estilo epistolar de seu tempo. **Pedro, apóstolo de Jesus Cristo:** é assim que o remetente se define. **Pedro** significa “rocha”. Esse é o novo nome que o próprio Jesus deu a seu conhecido discípulo Simão (Jo 1.42; Mt 16.18; para pormenores, veja a Introdução). O Ressuscitado dera-lhe a incumbência: apascenta minhas ovelhas (Jo 21.17). Por isso fortalecer a igreja, apascentar o rebanho de Jesus também constitui a intenção fundamental dessa carta. Pedro designa-se como **apóstolo:** isso significa mensageiro, emissário. Um **apóstolo de Jesus** possui esta relevância tão alta pelo fato de que por trás dele estão o poder e a autoridade de seu Senhor celestial. Ao mesmo tempo o apóstolo tem limitações sólidas em seu ministério. Não lhe cabe trazer suas opiniões pessoais, mas somente entregar a mensagem de seu Senhor. Um mensageiro que modifica por arbítrio próprio a mensagem de que foi incumbido é imprestável.

A autoridade que envia seus apóstolos é Jesus Cristo. Em decorrência, a reação à palavra dos apóstolos é resposta à interpelação do próprio Senhor. É por isso que a palavra de um apóstolo deve ser levada tão a sério. Isso se torna ainda mais evidente quando nos conscientizamos de que a palavra “Cristo” na realidade não é, como entendemos hoje, um nome, mas um título, e que significa o Ungido (em hebraico: *mashiach*, o Messias). Pedro é, portanto, um apóstolo do Messias Jesus. O Crucificado foi exaltado por Deus como Senhor e Messias (At 2.36) para que executasse o plano de consumação de Deus com o mundo e simultaneamente determinasse o destino de cada ser humano em particular (At 10.42). O remetente é mensageiro autorizado por esse Senhor.

Ele escreve **aos forasteiros eleitos da diáspora de Ponto, Galácia, Capadócia, da Ásia e da Bitínia.** Recomenda-se verificar esses nomes no mapa. Provavelmente designam as províncias criadas pelos romanos. Quase todas as regiões da Ásia Menor estavam incorporadas a essas províncias maiores, sendo que aqui não é citado o extremo sul da Ásia Menor (Lícia, Panfília, Cilícia). Logo temos em mãos uma carta circular a quase todas as igrejas da Ásia Menor. Somente uma parte dessa grande região havia sido evangelizada por Paulo, e não há nenhuma notícia de que a região restante tenha sido alcançada para o evangelho por outros apóstolos. Por isso parece que as igrejas desses locais surgiram pelo serviço de testemunho de discípulos desconhecidos da primeira igreja. Além das igrejas paulinas já existiam na Ásia Menor alguns cristãos que tinham aceitado Jesus em Pentecostes (At 2.9s). Fica óbvio que para os primeiros cristãos ser cristão significava ter uma existência missionária. Pedro fala dos destinatários que estavam na **diáspora** = dispersão. Esse termo é usado com frequência na LXX, designando os judeus que formavam uma minoria que vivia fora da Judéia e Galiléia, em um contexto gentílico. Por isso vários comentaristas opinam que Pedro estivesse escrevendo a cristãos judeus que aceitaram Jesus em uma diáspora judaica, a saber, a da Ásia Menor. No entanto, isso é improvável. Os destinatários devem ter sido predominantemente cristãos gentios (veja a Introdução), pois podemos imaginar muito bem que já naquele tempo a palavra diáspora tenha sido referida à situação das congregações de Jesus. Afinal, também viviam em um contexto que seguia majoritariamente crenças diferentes. Precisamente essa é a aflição daqueles aos quais se dirige a carta: vivem na dispersão como indivíduos, muitas vezes também solitários entre muitos outros com crenças diferentes. Têm o privilégio de saber: o Senhor sabe de sua difícil realidade. Contudo seguramente não se tem em vista apenas a situação deles na dispersão. Porque **diáspora** também significa ao mesmo tempo sementeira. Logo a realidade desses discípulos de Jesus

dispersos na Ásia Menor é simultaneamente muito esperançosa. Eles são a “semeadura” de Deus que precisa ser disseminada. É assim que se inserem na diáspora.

Por que Pedro classifica os destinatários de **forasteiros**, e não simplesmente de irmãos, santos, ou algo assim? A expressão assinala o motivo da incompreensão que o mundo lhes dirige, incluindo uma série de tribulações e perseguições. Tornaram-se filhos de Deus e receberam uma pátria junto a Deus (Jo 14.3; 2Co 5.6 e 8). Ser forasteiro é sua sina difícil e ao mesmo tempo gloriosa. A existência como estrangeiro é totalmente confirmada por Pedro, porque está indissolivelmente relacionada ao fato de pertencermos a Jesus. Aquele que foi chamado por ele para fora do mundo e escolhido para ser propriedade exclusiva dele, torna-se assim compulsoriamente um corpo estranho no mundo (cf. Jo 15.19!). Por isso, aceitar sua condição de forasteiro e alegrar-se com sua filiação divina significa um apoio decisivo para todos os que sofrem esta incompreensão e desprezo. Assim encontram o relacionamento correto com o mundo, com suas ameaças e com a tentação de se adaptar a ele.

Pedro não lamenta que a condição dos destinatários seja de forasteiros, porque resulta de uma sublime vocação, expressando-o pelo adjetivo **eleitos**: facilmente transformamos isso em problema, estagnando na questão da predestinação. Não é o caso dos apóstolos. Sem qualquer problema eles atestam aos que encontraram a salvação por meio do arrependimento: vocês são pessoas eleitas por Deus. Tais declarações sobre a eleição divina ocorrem na Bíblia somente depois que a respectiva decisão em favor de Jesus já foi tomada. Na prática, é dessa decisão que os apóstolos depreendem a eleição divina. O termo ‘eleitos’ auxilia no aconselhamento pastoral. Visa mostrar aos cristãos: não foi a decisão de vocês que produziu sua redenção, mas essa repousa solidamente na eleição de Deus. No termo “eleito” repercute uma segunda verdade: a alegria admirada por causa do status inconcebivelmente elevado para o qual os destinatários da carta foram chamados (cf. 1Pe 2.9; Cl 3.12; etc.). Não são de forma alguma dignos de pena, mas forasteiros eleitos, possuindo assim um privilégio imerecido. Quem apreende isso pela fé pode aceitar com gratidão sua realidade como estrangeiro. Em última análise, são somente as maravilhosas realidades de Deus que de fato podem consolar e alegrar cristãos atribulados.

- 2 As preposições do v. 2 (“segundo”, “em” e “para”) com certeza foram escolhidas com ponderação. Essa frase subordinada explícita com uma síntese marcante, e até mesmo com brevidade clássica, o caminho da salvação pelo qual os destinatários foram conduzidos. São forasteiros eleitos **segundo** (ou: **partindo de**) a providência de Deus, a eleição se concretizou na santificação pelo Espírito, e a finalidade de tudo reside em que se deixem conduzir à necessária obediência e recorram constantemente à aspersão com o sangue de Jesus. **Segundo** (ou: **partindo de**) **a providência de Deus** foram eleitos. O termo grego *prognosis* = providência também contém “predestinação”, a rigor até mesmo “conhecimento prévio”, no sentido de que Deus já destinou cada ser humano, antes que nascesse, para a comunhão consigo. Independentemente de como traduzirmos *prognosis*, em nenhum caso devemos entender o termo no sentido de um destino impessoal. O desígnio divino pré-temporal de amor, bem como a sabedoria e o poder com que Deus conduz a trajetória de seus filhos – tudo isso está incluso nesse termo. Uma vez que os leitores na diáspora, sofrendo perseguição e sofrimento, podem cair em perigosa tentação, devem saber isto: Deus tem um plano sábio e amoroso para a vida deles, preparado de antemão, e que abarca sua salvação e sua trajetória de vida. São forasteiros eleitos... **segundo a providência de Deus**. Esse pensamento é realçado pela caracterização de Deus como **o Pai**. Onde quer que estejam os destinatários, independentemente do que possam vivenciar: sobre eles governa a providencial e amorosa vontade paterna de Deus.

Escolhido previamente por Deus, o Pai, para forasteiros eleitos da diáspora – esse plano se tornou realidade **na santificação por meio do Espírito**. Santo, quando referido a pessoas, significa “pertencente a Deus”. **Santificação** tem ambos os significados: ser santificado e tornar-se santo. No NT a santificação é por um lado o processo em que um ser humano é convocado e colocado a serviço de Deus, assim como já no AT uma coisa ou pessoa era santificada, ficando assim disponibilizada exclusivamente para o serviço de Deus. Por isso a santificação acontece no arrependimento, na entrega consciente do ser humano a Deus. Em contraposição, a santificação após o arrependimento continua no curso da vida, significando então a transformação da pessoa inteira e de toda a sua vida a partir da circunstância de que a pessoa foi santificada, arrestada para Deus. Em consonância, Paulo declara na carta aos Romanos 12.2: “Transformai-vos pela renovação de vossa mente!” Logo a santificação é tornar-se santo no sentido de ser transformado, com o objetivo de que os redimidos sejam configurados à semelhança do Filho de Deus (Rm 8.29; 2Co 3.18; Gl 4.19). Em função disso,

por um lado os apóstolos chamam todos os crentes de santos desde já (2Co 1.1; Ef 1.1; etc.) e lhes asseguram: “fostes santificados” (1Co 6.11). Por outro lado é necessária a solicitação: “Correi atrás da santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14). E Pedro declara: Assim como aquele que vos chamou é santo, tornai-vos santos em toda a conduta (v. 15).

A santificação acontece **por meio do Espírito** (Santo). Logo a santificação não é um feito nosso, mas, como arresto inicial e também como transmutação contínua, obra exclusiva do Espírito Santo. Nossa incumbência e responsabilidade consistem meramente em dar espaço à ação do Espírito.

As afirmações do v. 2 mostram que aqui escreve uma pessoa que conhecia bem o AT, pressupondo esse conhecimento também entre os destinatários da carta. Ele refere-se a Êx 19-24, o relato da celebração da aliança. Quando Deus havia firmado a aliança com o povo de Israel, fez com que fosse santificado (Êx 19.10,14), comprometido com a obediência (Êx 19.8; 24.7) e aspergido com o sangue da aliança (Êx 24.7s). Ao relacionar essas palavras com os salvos por Jesus, Pedro diz que com eles aconteceu a mesma coisa, mas por intermédio do sangue de Jesus Cristo, i. é, já na nova aliança. Também eles foram santificados e se tornaram povo de Deus. Desse modo, porém, foram convocados **para a obediência**. E também eles foram aspergidos com o sangue do Cordeiro, continuando também sob a proteção dele. O fato de que na conversão nos decidimos fundamentalmente a obedecer à vontade de Deus constituiu a premissa e o alicerce para nossa santificação. Ao mesmo tempo, porém, vale igualmente o que consta no texto: nossa vida santificada tem a finalidade de sermos capacitados para a obediência concreta no cotidiano e obtermos aprovação nessa obediência. O v. 14 ainda enfatizará especialmente a relevância da obediência para nossa vida. Afinal, jamais deve ser esquecido que a desobediência de Adão foi o ponto de partida de toda a desgraça que sobreveio à humanidade, onerando-a até hoje. Por isso se decide, diante da pergunta pela obediência, o destino de cada pessoa. E quando retornamos para Deus e, por conseguinte, para a **obediência**, reencontramos o aconchego que se havia perdido pela queda no pecado.

As palavras “para a obediência e **aspersão pelo sangue de Jesus Cristo**” fazem ressoar a essência do AT, conduzindo ao mesmo tempo para dentro do cerne do NT. Somente podemos entender essa linha básica da teologia bíblica quando levamos a santidade de Deus e a perdição do ser humano completamente a sério. Desde a queda do pecado, a pergunta a respeito daquele que supera o pecado e assim traz a comunhão com Deus de volta aos perdidos perpassa todo o AT, como um fio vermelho. E o NT é a resposta, é a notícia do Cordeiro de Deus que leva embora o pecado do mundo, que derramou seu sangue no madeiro da maldição para expiar o pecado, e que concede participação ao povo de Deus na propiciação pela aspersão mediante o seu sangue.

Em Êx 24.7s lemos: “Moisés tomou o código da aliança e leu ao povo. E disseram: tudo o que o Senhor falou faremos e obedeceremos. Então Moisés tomou o sangue e o aspergiu sobre o povo, dizendo: Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor fez convosco com base em todas essas palavras.” Uma aliança fundada unicamente sobre a obediência há muito teria sido rompida pela transgressão do ser humano. Por isso Deus outorgou tanto à antiga aliança como também à nova uma base diferente: o sangue do Cordeiro e o perdão que é constantemente gerado por meio dele. Contudo, nada é revogado em relação à exigência de Deus quanto à prática do bem, quanto à necessidade de obedecer. Em contrapartida Deus sabe da pecaminosidade do ser humano, que agirá contra a vontade de Deus e transgredirá os mandamentos de Deus. Isso, porém, não é, de forma alguma, algo insignificante, mas sempre um desprezo a Deus, que provoca sua ira (Rm 1.18ss). Esse acontecimento terrível perante Deus tem de ser expiado por outro evento igualmente terrível, a saber, pelo derramamento de sangue. “Sem derramar sangue não acontece perdão”, diz a Escritura (Hb 9.22). Pecado é punido com a morte. Isso é direito divino. Somente pelo aniquilamento é possível expiar o pecado. A **aspersão pelo sangue de Jesus Cristo** concede perdão pleno e certeza da salvação. “**Para** obediência e aspersão” expressa um objetivo de Deus: Deus previu para os redimidos uma vida marcada pela obediência à sua vontade e, assim, ricamente agraciada. Deus deseja também que vivam mediante o perdão constantemente renovado pelo sangue de Jesus e, alicerçados sobre esse sangue, tenham a ditosa certeza de se encontrar em uma inquebrantável aliança com ele.

Portanto, temos diante de nós um intróito epistolar muito rico. Nele o apóstolo explicita logo no começo a existência dos destinatários. Eles precisam saber quem são, o que Deus lhes fez e o que ele espera deles.

Graça e paz vos sejam multiplicadas, soa a palavra de saudação. Ela corresponde à forma antiga de saudação (cf. Série Esperança, o comentário sobre Rm 1.7 e 2Co 1.3, bem como a nota). A peculiaridade dessa saudação é que graça e paz não são apenas “desejos devotos”, mas uma realidade benéfica. Deve ser concedida a eles de forma ampliada. Na verdade já obtiveram graça e paz, mas Deus deseja multiplicá-las sempre mais, inclusive com a presente carta.

Renascidos para uma esperança viva! – 1Pe 1.3-9

- 3 – Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos,**
- 4 – para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós,**
- 5 – que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo.**
- 6 – Nisso (ou: sobre isso) exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações,**
- 7 – para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo!**
- 8 – a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória,**
- 9 – obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma.**

3 Louvado seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Também em 1Pe chama atenção o que constatávamos há pouco em relação às cartas de Paulo (exceto na carta a Tito e na carta aos Gálatas, por causa de sua situação peculiar): os apóstolos começam as cartas com gratidão ou louvor. Nisso seguem um costume judeu. Na medida do possível, tudo em Israel era iniciado com oração. Os apóstolos não desprezam um bom costume devoto, mas o preenchem com o evangelho. Os inconcebíveis benefícios de Deus convocam para a gratidão, ainda que muitas preocupações e intenções movam o coração. Essa gratidão fortalece o pensamento dos cristãos. Pedro está começando de maneira consciente e enfática com: **louvado** seja Deus. Não podemos nem devemos preservar o louvor a Deus para nós mesmos, em nossos corações. Ele se manifesta, torna-se adoração, testemunho ou canção. Quando o louvor de Deus é genuíno, o cristão torna-se o que deve ser: um louvor da maravilhosa graça de Deus (Ef 1.6,12). E ao mesmo tempo torna-se uma testemunha impossível de ser ignorada neste mundo. Praticamente não percebemos mais a atualidade e tensão que reside nessas palavras. Os judeus diziam: louvado seja o Deus de Abraão, Isaque e Jacó! Na seqüência a igreja de Jesus confessa: **louvado seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.** Isso forçosamente irritaria um judeu. Porque na realidade significa: Deus se revelou definitivamente naquele Jesus que os judeus rejeitaram, superando Abraão, Isaque e Jacó. Deus é o Deus e Pai que se mostrou gloriosamente em Jesus. Agora somente pode ser encontrado em Jesus. Para nós é salutar sentir certa estranheza que repercute na tradução literal desse versículo: portanto, Deus não é desde já e naturalmente nosso Deus e Pai. Ele é Deus e Pai de Jesus e nosso Pai em Jesus, se esse for nosso Senhor. Com que facilidade esquecemos essas duas palavras “nosso Senhor”, e apesar disso é delas que depende tudo! Todos os que aceitaram Jesus como seu Senhor estão “em Cristo”, e então têm tudo em comum com ele. O Deus e Pai de Jesus Cristo passa a ser também Deus e Pai deles. Sua morte é agora a morte deles (2Co 5.14s), sua vida passou a ser a vida deles (Cl 3.4). Receberam o Espírito do Filho (Gl 4.6) e são co-herdeiros de Cristo (Rm 8.17). Sua salvação e herança é agora herança deles. Isso significa inversamente: quem não tem Jesus como Senhor, tampouco tem Deus como Pai nem a riqueza da nova vida exposta abaixo. Quem deseja enaltecer a Deus tem de saber e ser capaz de declarar o que possui por meio dele.

Antecede a tudo, como diz Paulo em Ef 2.4, a **grande misericórdia de Deus**. A razão dos feitos benéficos de Deus não está em nós, mas na misericórdia de Deus. É isso que cabe enaltecer. Tal exaltação e louvor, porém, excluem qualquer elogio próprio, porque apontam para a condição do ser humano. Quem exalta a misericórdia atesta desse modo que antes era miserável, perdido, indefeso. O juízo de Deus chega a soar: morto em pecados e transgressões (Ef 2.1; Lc 15.32; Jo 5.24s).

Na seqüência Pedro cita o acontecimento fundamental, o evento decisivo em sua vida e na de seus destinatários: **foram renascidos para uma viva esperança pela ressurreição de Jesus Cristo dentre (os) mortos** (ou: renascidos para uma esperança que pela ressurreição de Jesus Cristo dentre mortos é uma esperança viva). Os exegetas têm opiniões divergentes a respeito da forma como a palavra **renascidos** deve ser entendida aqui. Uns a interpretam inteiramente no sentido do v. 23 e Jo 3 como renascimento para viver a partir de Deus. Este alicerçava-se sobre a ressurreição de Jesus. Uma esperança viva somente existiria para os cristãos porque são renascidos. Os outros afirmam que aqui Pedro emprega o termo “renascido” em outro sentido. A ressurreição de Jesus teria dado aos discípulos uma viva esperança. Essa também significaria uma espécie de renascimento.

Em vista dessa compreensão diferente parece aconselhável não dissociar a formulação **renascidos para uma esperança viva**, mas entender os termos em sua correlação. Nesse esforço fica evidente que a ênfase recai na esperança. Ela é o ponto-alvo da afirmação. Por isso Pedro formula: “renascidos para esperança viva”. Nesse ponto pode-se notar a intenção pastoral de 1Pe. Ela é dirigida a cristãos atribulados e perseguidos. Quem deseja ajudá-los a superar esses tempos de aflição precisa fortalecer sua esperança. O caminhante no deserto que perde a esperança não será capaz de perseverar nos “trajetos de sede”. Por essa razão Pedro não fortalece os aflitos na Ásia Menor por meio de um apelo à sua perseverança humana, mas lembrando-os da inconcebível riqueza em que já se encontram e que ainda espera por eles. O renascimento é o começo de uma vida jamais findável a partir de Deus e junto de Deus. Ele é o começo de uma vida com perspectivas inesperadas. Os destinatários da carta na Ásia Menor **renasceram para uma esperança viva**. Unicamente a esperança que se alicerça sobre a vida eterna manifesta na ressurreição de Jesus é **viva**. Qualquer outra esperança, voltada para coisas imanentes, é transitória por natureza, é morta. A palavra grega para esperança não se refere apenas a um processo no íntimo do ser humano, mas deve ser entendida ao mesmo tempo no sentido de “patrimônio de esperança”. Refere-se a uma esperança com base na salvação presente que somente se manifestará integralmente no futuro. O renascimento para uma esperança viva aconteceu através da ressurreição de Jesus Cristo **dentre os mortos**. O NT não diz “da” morte. Jesus não apenas tornou a viver, ou seja, não somente foi livrado do poder “da morte”. Ele foi o primeiro a romper a prisão dos mortos, arrastando-os agora consigo em seu devido tempo. Pedro declara: **ressurreição de Jesus Cristo**. No NT consta geralmente: Deus **acordou** a Jesus. A expressão “acordou” sublinha o agir de Deus com Jesus. Ao ressuscitá-lo, Deus declarou justo o ser humano Jesus de Nazaré, acusado e condenado pelas pessoas, e declarou culpados os humanos. Simultaneamente ele o confirmou assim como Messias, como Senhor de todos os senhores, aquele que propicia a vida ao mundo, o juízo (At 10.42) e a consumação. O termo **ressurreição de Jesus Cristo** também contém tudo isso. Contudo destaca o poder vitorioso de Jesus, sua superação da morte, a impossibilidade de que a morte possa detê-lo (At 2.24). Contudo outro ponto ainda deve ter sido determinante para que o NT falasse com relativa freqüência da **ressurreição** de Jesus Cristo: a fixação do conceito pelo judaísmo. Na esperança judaica pela consumação escatológica a ressurreição ocupava um lugar central. Quem proclamava a “ressurreição” de Jesus nesse contexto testemunha assim: o que é aguardado pelos judeus chegou em Jesus. “Jesus Cristo aniquilou a morte e trouxe à luz a vida e a não-transitoriedade” (2Tm 1.10). Essa vida começa para o ser humano no renascimento. No entanto, tem por alicerce a nova vida de Jesus, sua ressurreição. Como uma pessoa renasce para uma esperança viva? Pedro responde: “pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos.” Essa resposta parece dar razão aos “objetivistas”, aos que esperam tudo da salvação objetiva, daquilo que Deus realizou, e nada do ser humano. A única pergunta é se podemos dizer a uma pessoa que indaga como Nicodemos: como poderá suceder isso? – uma pergunta que o ser humano tem de levantar! – conforme 1Pe 1: Jesus Cristo ressuscitou, e com isso você nasceu de novo. Pedro não respondeu assim. Ele afirma que Deus fez renascer para uma esperança viva a nós, ou seja, aos cristãos. Ele sabe muito bem que ainda existem muitas pessoas que não renasceram apesar da ressurreição de Jesus, sim, que ainda vivem uma “existência de orgias e devassidão” e até mesmo zombam (1Pe 4.3). Como pode Deus fazer com que, através de um evento cósmico válido para todos, a ressurreição de Jesus, uma parte dos humanos seja renascida e a outra parte não? A resposta a essa pergunta está nas palavras acima: **de nosso Senhor**. Todos que têm Jesus como Senhor nasceram de novo, porque estão “em Cristo”; e os que não o têm como Senhor, “não têm a vida” (1Jo 5.12), apesar da ressurreição de Jesus. Jesus é o destino cabal dos seus, a ponto de a vida de Jesus ser a vida deles, de seu reviver e ressuscitar também ser o reviver deles no renascimento.

4 No v. 3 ficou claro que a esperança viva não se refere somente a um aguardar no íntimo, mas a um verdadeiro patrimônio de esperança. Em consonância, as palavras “renascidos para esperança viva” são agora definidas mais de perto: **para uma herança incorruptível, imaculada e imarcescível**. A palavra **herança** torna real a esperança, porque uma herança não existe em sentimentos, mas na realidade. Essa expressão possui na Bíblia um significado importante. Já no AT o “legado” é alvo das promessas de Deus, relacionado inicialmente com a terra de Canaã (Gn 12.7; 50.24; Nm 16.14; Dt 9.5s; 34.4; Js 22.19) e na seqüência com o mundo celestial de Deus (Dn 12.13). No NT encontramos a palavra especialmente em Paulo (Rm 8.17; Gl 4.7; Cl 3.24; Tt 3.7; At 20.32). Herança expressa isto: como filhos de Deus os redimidos ainda têm diante de si coisas grandiosas, a saber, a consumação de sua existência e participação no mundo celestial de Deus. Paulo chama-os de “co-herdeiros do Cristo” (Rm 8.17). Obterão participação em tudo que lhe pertence. A palavra herança é especialmente certa: hoje já podemos ser herdeiros e mesmo assim não “ter” a herança. “Já” herdeiros e, no entanto, “ainda não” proprietários plenos – isso caracteriza a situação dos renascidos. Nossa autocompreensão espiritual e nossa escatologia (doutrina das últimas coisas) somente serão saudáveis quando virmos ambas as coisas ao mesmo tempo. Um herdeiro tem de captar com toda a sobriedade o “ainda não”, para que não desanime quando notar muita precariedade em si. E um herdeiro tem de igualmente compreender o “desde já”, para ser uma pessoa cheia de alegria e esperança.

Como se pode descrever melhor a herança? Para isso não bastam conceitos e linguagem humanos. Por isso a herança é mais bem definida por expressões negativas: **incorruptível, imaculado e imarcescível**. Esses adjetivos negativos expressam a maravilhosa superioridade da herança celestial sobre qualquer bem imanente. Apesar da comparação certa com uma herança terrena, a celestial em última análise é incomparável. Ao contrário de qualquer herança terrena, essa é não-transitória, ou também “incorruptível”, indestrutível. O senão decisivo de toda herança terrena é que em um momento qualquer desaparecerá. Eventualmente também pode ser roubada ou destruída. Nossa herança, porém, nunca se desfaz! Uma herança terrena é facilmente manchada pelo fato de ser reunida com injustiças. O legado, porém, conquistado para nós por Jesus, é **sem mancha**, imaculado. E jamais será manchado pela inveja ou disputa dos co-herdeiros, mas quanto mais co-herdeiros, tanto mais alegria conjunta haverá em todos os filhos de Deus. Também se poderia recordar Jr 27, onde é dito, conforme a LXX: “E entrastes (em Canaã) e maculastes minha terra, e transformastes em abominação a minha herança...”. É impossível que isso aconteça com a herança celestial.

Imarcescível aponta para a circunstância de que na terra todas as coisas belas, toda flor, toda coroa de vitória, todos os bens perdem o frescor. Também toda alegria a respeito de uma herança terrena cede e murcha, pelo menos quando a própria herança “murcha”. Em contraposição, a herança eterna preserva um frescor perene e um valor duradouro. Além disso, ela é guardada nos céus para vós. Embora ainda esteja oculta, não deixa de estar preparada desde já. Somente permanece oculta até que se torne manifesta na parusia, mas é segura e certa. Por assim dizer, está esperando pelo herdeiro. A circunstância de ser guardada **nos céus** torna a herança totalmente segura. É impossível que alguém a tire de lá. Por isso essa herança vale qualquer empenho, até mesmo o sofrimento! Quem captou a incomparável magnitude dessa herança não a colocará em risco por causa de vantagens imanentes.

5 Contudo, não é apenas nos céus que se preserva a herança, mas também na terra serão preservados aqueles para os quais a herança está prevista. São **vigiados na força de Deus por fé para a salvação que está pronta para ser revelada nos tempos finais**. Grandes coisas ainda estão para acontecer no mundo. Rigorosos juízos de Deus ocorrerão. Afinal, Deus não pode responder de outra maneira ao crescimento do pecado e da rebelião contra ele. Seus santos estão bem no meio, porém são detentores de uma **redenção** que – como a herança – já está **pronta** agora. A Bíblia fala de redenção de duas maneiras: por um lado, de uma redenção já acontecida – “vós sois salvos”! (Ef 2.8) – e por outro, de uma futura. Quem foi salvo dos pecados por Jesus pode saber que também será redimido da ira vindoura de Deus (1Ts 1.10; Rm 8.24). A redenção dos eleitos já está perfeita, foi preparada por Deus. Mas, por agora ainda estar oculta, ela será **revelada** no momento que for decisivo, a saber, **no fim dos tempos**. No grego há dois termos para **tempo**: *chronos* é o tempo que transcorre regularmente e pode ser medido, enquanto *kairós* é o tempo pleno, marcado por determinados acontecimentos, a hora marcada por Deus, o momento, o prazo. Na presente passagem consta *kairós*. No NT o termo pode ser praticamente o limite escatológico para o dia da parusia e do juízo, ou seja, para a implantação definitiva e total do reinado de Deus (cf. Lc 21.8; 1Pe 5.6; Ap 1.3; 11.18). Essa

significação do termo já começa na LXX: Gn 6.13; Ez 22.3; 7.12; Lm 1.21; 4.18. Sucederá aos crentes como sucedeu à meretriz Raabe (Js 2 e 6.22ss): quando grande aflição sobreveio à cidade de Jericó, Raabe foi salva. No acampamento dos vencedores essa salvação já era uma ação previamente combinada. Assim a salvação dos filhos e herdeiros de Deus já é questão firmemente decidida no céu. Pedro traz aqui as asserções mais seguras, para de forma alguma permitir que brotem quaisquer dúvidas. Sim, **na força de Deus são vigiados por fé** para a redenção. Isso não é sinergismo. É inteiramente a força de Deus que vigia os herdeiros do céu para a redenção. Eles por sua vez se entregam a essa força de Deus que os sustenta em tudo. É isso que significa: por fé. Desse modo experimentam a promessa de seu Senhor: “e ninguém os tirará de minha mão” (Jo 10.27s).

- 6 **Nisso** (ou: sobre isso) **exultai, vós que agora, se for preciso, fostes um pouco entristecidos em várias provações**. O imperativo “exultai” também pode ser um modo indicativo: “vós exultais”. Logo existem três possibilidades de tradução: nisso exultais..., ou: sobre isso exultais..., ou: exultai sobre isso! A palavra “sobre” refere-se a toda a salvação apresentada nos v. 3-5. Exultar significa uma alegria que se expressa em demonstrações de felicidade, chegando até a dar saltos. O hino de Lutero: “Cristãos, alegres, jubilai, felizes exultando...” [HPD Nº 155] corresponde a esse júbilo. A palavra é usada com predileção para formular a alegria sobre a salvação de Deus, em geral na consumação (Sl 96.11-13; Is 55.12s; Mt 5.12; Ap 19.7; etc.). A própria construção da frase foi escolhida de tal forma que “jubilar” e “ser entristecido” não constam lado a lado, com peso igual; a ênfase incide no júbilo. O apóstolo nos mostra a magnitude da salvação para nos conduzir, dessa forma, à alegria. Na alegria pela redenção e pela consumação vindoura recebemos a força para suportar as aflições relacionadas com isso. Alegria pela salvação é vontade de Deus, é o objetivo da exortação bíblica, é autêntica ajuda para a fé e a vida. Pedro ouviu acerca das tribulações em que seus irmãos na Ásia Menor se encontravam. Por isso perpassa toda a sua carta a intenção pastoral de ajudá-los: precisamente ensinando-os a ver de forma nova a magnitude da salvação e a encarar de forma correta os sofrimentos pelos quais estão passando. Na tribulação intensa carecemos de ajuda de fora, uma vez que ao sofredor a aflição facilmente se apresenta de forma tão imensa que sua visão fica comprometida. Nessa situação lhes é dito: agora **fostes entristecidos apenas um pouco** e também apenas no momento em que é preciso. **Agora** aponta para uma condição transitória, em contraposição a uma consumação que virá mais tarde e em direção da qual tudo aponta. No grego **um pouco** pode referir-se ao período de tempo, a saber, “um tempo breve”, ou à tribulação, a saber, “um pouco entristecidos”. “Um tempo breve” – em parâmetros terrenos, podem ser meses ou até mesmo anos, e não obstante perfazem um tempo breve em vista da eternidade. “Um pouco” – podem ser sofrimentos árduos, e não obstante são “pouco” em vista da magnitude da glória que está em jogo. Essas palavras de forma alguma intentam diminuir os sofrimentos – isso nunca representa ajuda para pessoas atribuladas – muito pelo contrário, colocá-los sob a luz correta, i. é, a luz de Deus. Por exemplo, também Paulo afirma (2Co 4.17s): não dirigimos nosso olhar para o que se vê, o transitório, mas para o que agora ainda não é visível, o eterno. Em decorrência, podemos ver a tribulação como “momentâneo peso leve”. Somente quem olha para o que por ora ainda é invisível, para a nova vida e a gloriosa herança, aquilata corretamente as provações deste tempo. Desse modo os apóstolos conseguem escrever somente como pessoas que passaram pessoalmente por muitos padecimentos (At 5.40s; 2Co 11.23ss; etc.) e que também continuam dispostas a sofrer. Aconselhamento pastoral autêntico compromete inclusive o próprio conselheiro.

No entanto, os sofrimentos vêm unicamente **se for preciso**. Já sobre o sofrimento do Senhor havia pairado essa obrigatoriedade divina (Mt 16.21; Mc 8.31; Lc 22.37; 24.44; Jo 3.14; etc.). Agora ela também paira sobre o padecimento de sua igreja. Aqui os sofrimentos são chamados de “provações” ou também “testes”. A palavra “provação” assinala que esses sofrimentos não são absurdos, mas que se inserem no plano de Deus, que por trás deles há uma intenção divina de amor. Nisso reside um grande consolo. Certamente o livro de Jó é importante para a visão da provação ou tentação do primeiro cristianismo. Segundo ele, Deus permite que Satanás tente o crente, para testar sua fé em Deus. Nesse ato, o próprio Deus determina a medida e o limite dos sofrimentos de teste. Até mesmo quando não os realiza pessoalmente, eles servem à glória de Deus quando a fé é aprovada, embora Satanás os emprenda com intenções más.

- 7 Na seqüência é exposta a finalidade das provações: **para que o que é autêntico de vossa fé seja constatado como muito mais precioso que ouro perecível, que é apurado por fogo, para louvor e glória e honra na revelação de Jesus como Messias**. O presente versículo tem por base uma

comparação freqüente na Bíblia (Sl 12.6; Pv 17.3; 27.21; MI 3.3). Para saber se o ouro é autêntico, ele precisa ser derretido no fogo. Isso não afeta o ouro em nada, mas todas as impurezas são expulsas no processo, e aquilo que é autêntico, que realmente tem valor, se destaca com pureza. Pelo fato de a fé freqüentemente se misturar a diversas impurezas, Deus precisa realizar um processo de derretimento. Assim como a depuração do ouro, também o sofrimento deve ser visto positivamente como teste para a fé. Essa visão pode ajudar decisivamente na aflição. **Para que o que é autêntico de vossa fé seja constatado como muito mais precioso.** Por que é a fé preciosa? Por nos dar paz no coração ou ajuda para viver? O aspecto mais grandioso dela é que honra a Deus: para louvor e glória e honra. Sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6). E sem fé é impossível honrar a Deus e lhe servir. Porém, o real cumprimento de sentido de nossa vida é que “sejamos algo para o louvor de sua glória” (Ef 1.12). Já para um ser humano representa uma honra ser alvo de confiança. Isso vale também perante Deus: a criatura honra seu Criador, o filho de Deus honra seu Pai, confiando nele. No entanto, para poder honrar a Deus, a fé tem de ser autêntica. Por isso tem de ser provada por causa da honra de Deus. Tudo isso se revestirá de um peso particular pela revelação **de Jesus como Messias.** Esse é o ponto para o qual tudo converge. Esse é o próximo grande evento no curso da história da salvação: o desprezado Nazareno será revelado com sua dignidade messiânica. Agora ainda está oculto. Quando, porém, Jesus se tornar visível, também o que é autêntico na fé de sua igreja sofredora passará a ser nitidamente manifesto. Isso há de acontecer para a honra de Deus. Ainda que o diabo concentre toda a sua intenção em arrastar as pessoas para longe de Deus em sua rebelião antidivina, naquele dia com certeza será flagrante que não teve sucesso em incontáveis pessoas (Ap 7.9s). Chama atenção que o texto deixa em aberto a questão de a quem, afinal, são dirigidos o louvor e a honra. Certamente o faz de forma pensada. Porque a glorificação do Redentor em sua revelação é ao mesmo tempo a revelação e glorificação de seus redimidos (Rm 8.17; 1Jo 3.2), e em tudo isso são conferidos louvor, glória e honra ao próprio Pai. Porque o alvo é a honra de Deus (1Co 15.28). É para isso que Jesus virá, para “ser glorificado em seus santos e ser admirado em todos que vieram a ele” (2Ts 1.10). “Quando, porém, se manifestar o Messias, nossa vida, então também vós sereis manifestos junto com ele em glória” (Cl 3.4).

- 8 A ele amais, sem tê-lo visto, nele depositais vossa confiança, apesar de não contemplá-lo agora, ao encontro dele exultais com indizível e glorificada alegria.** Desse modo descortina-se nitidamente diante dos destinatários da carta sua atitude inaudita, humanamente incompreensível e aparentemente absurda, sem que desse modo fiquem confusos e inseguros. Como podem depositar todo o amor e toda a confiança em alguém invisível? Porque ele se lhes manifestou como o Senhor vivo, de modo que o conheceram pessoalmente. Tão certo como seus olhos físicos agora não são capazes de ver, tão certo é que por parte do Espírito Santo lhes foram abertos os olhos do coração (Ef 1.18a), de sorte que seu olhar caiu com toda a admiração sobre o Crucificado e Ressuscitado. E desde então seu olhar de admiração constantemente se dirige a ele, seu Senhor presente. Quanto mais, porém, o contemplam em adoração e mantêm seu amor no campo de visão, tanto mais seu coração se incendeia para um amor recíproco de gratidão, e tanto mais facilidade têm para **confiar** em todas as situações de forma filial e sem reservas. Ao mesmo tempo, no entanto, irrompe neles uma **alegria** que não se compara a nenhuma alegria terrena. Pedro só consegue descrevê-la com termos intensos: jubilar com alegria indizível e glorificada, alegria mergulhada em glória. Já incide neles algo da glória do Senhor que há de vir. Logo não se trata apenas de “alegria no Senhor” (Ne 8.10c), mas ao mesmo tempo também da alegria na expectativa do Senhor, a saber a alegria prévia por sua manifestação a ser aguardada no poder vitorioso de seu Pai. É ao encontro desse grande dia que **rejubilam**, quando poderão encontrar-se com ele nos ares (1Ts 4.17). É nessa alegria que descobriram sua força.

Ao mesmo tempo esse testemunho surpreendente é um testemunho perante o mundo. No fato de os cristãos amarem seu Senhor acima de tudo, confiarem nele e jubilarem ao encontro dele se torna perceptível uma realidade que de outro modo o mundo nem sequer conseguiria notar.

- 9 ... que levais embora o alvo de vossa fé, a redenção da alma.**

A próxima meta da história da salvação é a revelação da glória do Crucificado, por ora ainda oculta. Logo também a fé tem um **alvo**: a redenção da alma. O termo grego para **alvo** significa ao mesmo tempo “fim”. Quando for atingida a meta da fé, a fé passa à contemplação. O Senhor quer que olhemos para a meta, ou seja, que vivamos em consonância com o alvo. Somente quando mantivermos o olhar fixo no alvo é que veremos a atualidade sob a luz correta. Isso é sublinhado pela

expressão **levar embora**. Etimologicamente ela ainda pode conter algo de sua acepção original, a saber, a obtenção de um ganho em virtude de luta, esforço ou direito, assim como se conquista um despojo, um salário ou um mérito, ou algo assim (cf. 1Pe 5.4; 2Co 5.20; Cl 3.24; Ef 6.8). Trata-se de um resultado final, para o qual aponta todo o crer, bem como as labutas e os sofrimentos correlatos. O tempo presente (“levais embora”) indica que esse acontecimento futuro determina a igreja desde já, que ele já se estende para dentro da atualidade. O alvo da fé ou o resultado é descrito como **redenção da alma**. Essa expressão foi emprestada apenas aparentemente da filosofia grega. Na realidade corresponde à proclamação do Senhor, que dissera em vista de perseguição e ameaça de morte: “Não temais os que matam o corpo, mas não conseguem matar a alma” (Mt 10.28). Isso por um lado soa como antropologia (doutrina acerca do ser humano) grega, mas condiz na realidade inteiramente com a visão bíblica e é fundamentalmente diversa da grega. Os gregos consideravam a alma como única coisa valiosa no ser humano: pois a libertação da alma do cativo do corpo era o alvo mais importante, de modo que ansiavam por uma existência da alma dissociada do corpo. Também a Bíblia por um lado fala do valor incomparável da alma (Mt 16.26) e tem conhecimento da existência dela sem o corpo (Mt 10.28; Ap 6.9; cf. também 1Pe 3.19). Porém, segundo a Bíblia, o corpo não é de forma alguma cárcere da alma, mas forma, em conjunto com a alma e o espírito, o ser humano todo. A existência da alma fora do corpo é, conforme a Bíblia, nem de longe um ideal, mas é considerada como dolorosa condição de imperfeição (cf. 2Co 5.4; 1Ts 4.13). A igreja será perfeita somente quando tiver o novo corpo espiritual, a ser obtido na parusia de Jesus. Portanto, não espera que a alma seja liberta do corpo, mas aguarda que seu corpo seja redimido (Rm 8.23). Entretanto o objetivo inicial de sua fé é **a salvação das almas**, e que a pessoa como tal seja conduzida através das aflições do fim dos tempos no sentido de Mt 10.28. De acordo com a Bíblia a redenção da alma depende da relação do ser humano com Deus. Assim a antropologia bíblica não é marcada pela filosofia grega, mas pela teologia e pela escatologia (doutrina sobre as últimas coisas) bíblicas. Se Pedro tivesse evitado no presente versículo a palavra “alma”, falando simplesmente de “vossa redenção”, haveria o risco de um mal-entendido. Os destinatários poderiam ter pensado que Pedro lhes estaria assegurando que permaneceriam vivos. Isso talvez os tivesse deixado seguros. Afinal, em última análise não está em questão a preservação do corpo terreno, que de qualquer modo precisa desaparecer (1Co 15.50). Aos que se encontram no sofrimento, aos que talvez até mesmo estejam na iminência de morrer como mártires, é anunciado: existe algo que as pessoas não podem tirar de vocês: a alma (da qual também faz parte o espírito, cf. Lc 23.42; Jo 19.30; At 7.59), o centro da personalidade, do “ser humano interior” (2Co 4.16). A verdade de que a alma de vocês será salva deve ser sua alegria e certeza. E que a alma redimida chegará à perfeição na parusia com o novo corpo espiritual – essa é a promessa do NT.

Compreendam a magnitude da sua redenção! – 1Pe 1.10-12

- 10 – Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós destinada,**
- 11 – investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam.**
- 12 – A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar.**

- 10** Como é grande a redenção que está em jogo! No entanto, são pobres aqueles que não compreendem a riqueza que possuem. Existem cristãos que não captaram a magnitude da graça divina com que foram presenteados. Vivem mera vida da fé apática e correm o perigo de sucumbir às atrações e ameaças do mundo. A salvação presente que a igreja possui já estava no campo de visão dos homens de Deus na antiga aliança. Profetas e até mesmo anjos (v. 12) aguardaram a salvação em que vocês se encontram! A palavra “redenção” se refere àqueles que se encontravam em uma situação de perigo mortal. Desde a queda no pecado a humanidade está perdida, porque perdeu a Deus. Desde então o tema principal da história da salvação, também do AT, é sua redenção, sua volta para Deus. Sem o reconhecimento de que o pecado é o problema fundamental do mundo, porque sobre ela pesa a ira de

Deus, a Bíblia inteira sequer pode ser compreendida. Quem encontrar nela um tema diferente da perdição e redenção do ser humano, equivoca-se acerca dela e jamais compreenderá a grandeza da graça de Deus com que foi presenteada. Por isso já os profetas **vaticinaram acerca dessa graça**. Graça significa aqui a síntese de tudo o que nos foi apresentado em Jesus. Ela abarca a redenção e tudo o que dela decorre. Os profetas **pesquisaram e se diligenciaram** por essa redenção. No texto grego consta: esgotaram todas as possibilidades, para procurar e pesquisar. Isso significa:

- 11** Os profetas pesquisaram **de que maneira ou para que época o Espírito de Cristo dava revelação neles**. Tentaram sondar a hora fixada por Deus (em grego *kairós*, cf. acima o comentário ao v. 5) e as circunstâncias mais detalhadas do tempo de salvação. Tudo o que diz respeito a essa época era importante para eles. Seus pensamentos freqüentemente moviam-se em torno do “quando” e do “como” dessa época de salvação que lhes fora revelada. Na seqüência surge uma das afirmações mais interessantes e surpreendentes da presente carta. O Espírito de Cristo neles atestou previamente os sofrimentos (que aconteceriam) para Cristo e a glorificação (que sucederia) depois disso. Se o fato de que os profetas almejavam ardentemente a salvação messiânica já nos mostrou a estreita ligação de NT e AT, muito mais a presente palavra. O **Espírito de Cristo** já atuara nos profetas da antiga aliança, preparando a salvação, e disso resulta a linha contínua da história da salvação do AT até o NT. A Escritura atesta que o Cristo até mesmo participou da criação do mundo (Jo 1.3; Cl 1.16), assim como da trajetória do povo de Deus pelo deserto: “contudo bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava; e a rocha era o Messias” (1Co 10.4). Do contexto depreende-se de forma clara e inequívoca que no presente v. 11 o termo *christós* é usado ambas as vezes no sentido de “o Messias”. O Espírito de Cristo nos profetas – quem aceita essa verdade certamente pode falar da “teologia de Isaías” ou de Jeremias etc., a fim de distinguir suas características específicas. Mas está convicto de que em última análise todas as pessoas envolvidas na redação do AT eram inspiradas pelo Espírito de Cristo. Esse é o fundamento do pensamento da história da salvação. O Espírito do Cristo testemunhou de antemão os sofrimentos (advenientes) sobre Cristo e a glorificação que veio na seqüência.

Em toda a história da humanidade existe uma única pergunta que de fato importa: quem é capaz de retirar a culpa para reconciliar os seres humanos com Deus? Para essa pergunta existe apenas uma única resposta: Cristo é o Cordeiro de Deus que carrega para longe o pecado do mundo. Por isso não é possível falar de outro modo de Cristo senão testemunhando seu **sofrimento** e de sua glorificação subsequente. Conseqüentemente o Espírito de Cristo já atesta aos profetas o Servo Sofredor de Deus. E os mensageiros do NT não possuem nenhum outro saber além do conhecimento de Jesus, o Messias, mais precisamente dele como Crucificado (1Co 2.2). Um segundo aspecto está estreitamente ligado a este: **as glórias que sucederão** ao padecimento. Sucedem ao sofrimento do Messias não apenas em termos cronológicos, mas também de forma causal. Afinal, seus padecimentos constituíram o fundamento e a causa para sua subsequente glorificação. Também Paulo enfatiza fortemente esse nexos ao afirmar sobre Jesus: “Ele a si mesmo rebaixou e se tornou obediência até a morte, sim, até a morte na cruz. Por isso Deus também o exaltou” (Fp 2.6-11). A glorificação decorre do sofrimento de Jesus, a exaltação, da humilhação. As duas palavras, **sofrimentos** e **glórias**, constam no plural. Isso indica que o padecimento de Cristo é múltiplo, que não se restringiu ao Calvário, mas já começou na estrebaria de Belém e se prolongou por toda a sua vida na terra, para finalmente se consumir na Sexta-Feira Santa (cf. Hb 5.8: foi precisamente nessa trajetória ininterrupta de sofrimento da manjedoura até a cruz que ele – embora de fato fosse o Filho! – aprendeu a obediência, para então se tornar, como pessoa aperfeiçoada nessa trajetória, para todos nós a causa da salvação eterna). Mas também sua glorificação é múltipla e diversificada. A ressurreição é glória, assim como também a ascensão, a parusia, a inauguração do reino messiânico, a execução do juízo mundial perante o grande trono branco, e finalmente a consumação na Nova Jerusalém.

- 12** Aos profetas foi revelado que eles **não serviam a si mesmos**, mas às igrejas da nova aliança, por meio de testemunho prévio, e isso agora lhes era anunciado - às igrejas - por meio daqueles que lhes trouxeram o evangelho no Espírito enviado dos céus. O serviço dos profetas apontava para épocas posteriores, para **vós**, i. é, para os convocados da nova aliança. São eles o alvo dos propósitos salvadores de Deus. Os profetas lhes serviram para a salvação, muito antes do tempo em que Cristo esteve na terra. Agora, porém, Deus continua operando. A salvação é anunciada por intermédio daqueles que trazem o evangelho. **Proclamar** a salvação é ao mesmo tempo oferecer a salvação. Na

proclamação da salvação ela está tão próxima que somente resta aceitá-la. Proclamar é “comunicar” no sentido de “passar adiante”. O evangelho certamente deve ter chegado à Ásia Menor de múltiplas maneiras e por meio de diversos mensageiros; em grande parte, porém, chegou através do serviço do apóstolo Paulo. Logo o presente versículo constitui um reconhecimento e uma confirmação fraternos de Pedro a respeito do trabalho evangelizador de Paulo. Outras igrejas surgiram pelo ministério de outros mensageiros ou também de testemunhas completamente desconhecidas, com frequência através da palavra de pessoa a pessoa. Tudo isso vale como **evangelizar** e acontece de múltiplas maneiras como serviço necessário da igreja, por meio do qual Deus repetidamente desperta pessoas para a vida eterna. De relevância fundamental para todo evangelizar é o conteúdo descrito no v. 11: a mensagem da redenção por meio dos sofrimentos de Cristo. Por mais diferentes que possam ter sido os mensageiros, inteligentes ou singelos, atuando em âmbito maior ou menor, todos eles somente puderam evangelizar **por meio do Espírito Santo enviado do céu**. Somente poderá evangelizar com eficácia quem não o faz por força e sabedoria próprias, mas no poder do Espírito Santo e na dependência dele, por meio do qual o próprio Deus age em pecadores. Somente assim evangelizar não será obra humana. A afirmação acerca do céu torna a explicitar que de fato se trata do Espírito de Deus e não de algo que se origina da terra ou do ser humano. A formulação expressa um ato encerrado. O Espírito Santo chegou.

Agrega-se mais um aspecto: **o que anjos anseiam espreitar**. Os anjos sabem muito, estão próximos de Deus e vêm continuamente a sua face nos céus (Mt 18.10). Há alegria entre os anjos de Deus por um único pecador que se arrepende, mais que por noventa e nove justos que não têm necessidade de se arrepender (Lc 15.7,10), e não obstante os anjos não sabem tudo. P. ex., não sabem o dia nem a hora da parusia (Mc 13.32). Como o Senhor reunirá sua igreja convocada dentre pecadores perdidos na era atual, como a santificará, preparará, enviará e finalmente consumará – isso será um episódio tão incomparável que os anjos estão ardentemente interessados nele. Espreitam e escutam (a expressão grega se refere a um olhar intensivo, quase bisbilhoteiro). Mas também os anjos somente poderão tomar conhecimento dele quando acontecer. E eis: acontece agora! É agora que “serão manifestos aos poderes e potestades nos céus a multiforme sabedoria de Deus por intermédio da igreja convocada” (Ef 3.10). Se os próprios anjos estão tão interessados em nossa redenção, muito menos nós deveríamos considerá-la desprezível!

Vivam em concordância com sua esperança – 1Pe 1.13-21

- 13 – Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo.**
- 14 – Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância,**
- 15 – pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento,**
- 16 – porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo.**
- 17 – Ora, se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação,**
- 18 – sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram,**
- 19 – mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo,**
- 20 – conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós,**
- 21 – que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus (ou: de sorte que vossa fé também seja esperança em Deus).**

13 Neste bloco seguem-se importantes exortações que atingem a conduta de vida dos chamados. É significativo que todas as cartas do NT visem fortalecer as igrejas e exortá-las para uma vida santa perante Deus e as pessoas. Até mesmo aquelas cartas cuja motivação é de cunho mais doutrinário (epístolas aos Romanos e Gálatas) contêm consideráveis trechos éticos. Que os santos também vivam de maneira santa – isso é de importância decisiva! Quando sua vida não corresponde àquele “que os

chamou” (v. 15), não está correta sua relação com Deus e as pessoas. Dessa forma, porém, torna-se questionável também sua credibilidade perante o mundo. Por isso os apóstolos praticamente lutaram em prol de uma vida santa dos que eram confiados a seu cuidado pastoral (cf., p. ex., também At 20.31; Rm 12.1s; 1Ts 2.11s).

Por isso – essa palavra já deixa clara a relação entre os dois blocos. O presente trecho é decorrência do anterior. Esses v. 3-12 estão determinados pelo indicativo que “assinala” e constata a realidade na vida dos renascidos. Os v. 13ss, em contrapartida, são determinados pelo imperativo, pela interpelação. Esse imperativo, porém, é possível apenas porque e quando o indicativo o antecede. Em outras palavras: somente é possível desafiar pessoas para uma conduta consagrada se elas já renasceram antes. Contudo, se não o fizeram, decorre desse fato a obrigatoriedade de uma nova configuração de vida. Quem alcançou a fé precisa ser impreterivelmente instruído para também viver uma vida que corresponda à fé.

Como pessoas que possuem cingidos os lombos de seu pensar e que são sóbrias, tende vossa esperança depositada sobre a graça que vos é trazida (junto) na revelação de Jesus como Messias. A tradução tenta reproduzir o texto da forma mais precisa possível. Mantém separada a oração secundária da principal, a fim de explicitar no que incide a ênfase. O objetivo também é levar em conta, na medida do possível, a forma verbal tipicamente grega do aoristo. Ela expressa: no passado, quando Deus confiscou para si a vida deles (v. 2), os interpelados cingiram os lombos de seus pensar e reorientaram sua esperança. Agora devem reter isso, realizando-o na vida diária. O que ocorreu no passado e o que está no presente – ambos são designados pelo imperativo do aoristo, razão pela qual ele condiz exatamente com a situação dos chamados. Vivem em uma nova realidade que começou por seu renascimento. Agora, porém, importa captá-la constantemente, contar com ela e vivenciá-la. Pelo fato de que naquela ocasião toda a sua existência obteve uma nova base estão agora livres e capacitados para preservar com toda a seriedade e ênfase no novo direcionamento de sua vida.

Toda a nova configuração da vida começa com nosso **pensar**. O termo grego *dianoia* tem vários significados. Força de pensar, razão, mentalidade, pensamento, mas também índole ou universo mental – tudo isso está contido na expressão. Na LXX *dianoia* é predominantemente traduzida como “coração”. Temos de levar em conta que não se tem em vista apenas o pensamento claro, racional, mas também o pensamento desejoso associado ao inconsciente. Porque não são apenas as idéias que passam por nossa mente. Como nosso pensar é todo um “universo de idéias”, incluindo nossas buscas, desejos e sonhos, é necessário **ter cingidos os lombos** dele. Essa expressão é quase incompreensível para a percepção moderna da língua. Corresponde ao pensamento oriental-metafórico. Na Antigüidade era necessário amarrar as vestes esvoaçantes. Do contrário teriam atrapalhado no trabalho e estorvado na batalha. Por isso o ser humano antigo cingia as ancas, enfiando as pontas das vestes sob o cinto. Também nós somos facilmente atrapalhados no trabalho e na vida por diversos propósitos, mais precisamente por “idéias esvoaçantes”, pelo pensar sem concentração, por sonhos, desejos e fantasias. Repercute aqui uma palavra do Senhor, que na verdade havia dito: “Vossos lombos estejam cingidos e vossas lâmpadas acesas, e assim sereis iguais a pessoas que esperam por seu Senhor...” (Lc 12.35,36a). Cabe lembrar a memorável noite do êxodo dos israelitas do Egito. Naquele tempo Deus havia ordenado o seguinte para a ceia do *Pessah*: “Assim comereis: os lombos cingidos, os calçados nos pés e o cajado na mão” (Êx 12.11). Isso significava: pronto para partir a qualquer instante! É a mesma intenção de Jesus: seus discípulos devem estar prontos a qualquer instante para a parusia de seu Senhor – prontos para partir, a saber, para o arrebatamento (1Ts 4.17). Esse é seguramente também o sentido da exortação de Pedro, ainda mais que ao final da mesma frase ele aponta com muita ênfase para a parusia do Senhor a ser esperada. A exortação poderia ser formulada modernamente: concentrem seu pensar, sentir e querer! Toda vida espiritual começa com um direcionamento claro dos pensamentos. Pessoas distraídas não realizam nada grandioso. Além disso, quem procura a distração torna-se imprestável para a obra de Deus. Essa exortação tem conseqüências para a configuração de nossa vida! Essa declaração é complementada pela palavra **sóbrios**. Pedro poderia tentar usar este termo para combater a natureza exaltada. A exaltação começa com o fato de os cristãos não observarem os limites que ainda condicionam nossa existência imanente. Superenfatizam o “já” de nossa existência espiritual e ignoram o “ainda não” (cf. o Comentário Esperança sobre 1Jo 3.2 e, acima, no v. 4, a exegese da palavra “herança”). Sóbrios são aqueles que observam tanto o “já” como o “ainda não”. Aquele que

conhece sobriamente o “ainda não”, que sofre com o fato de os cristãos, o reino de Deus e o mundo ainda serem imperfeitos, aguardará com forte anseio o futuro de Jesus Cristo. Essa tensão deve ser suportada na oração, na fé e na espera. Não deve ser encoberta pela negação dos limites de nossa existência física, transitoriedade, enfermidade e coisas semelhantes. **Sede sóbrios** também pode ser dirigido contra embriaguez por álcool ou de modo geral contra qualquer tipo de êxtase dos sentidos. Mas essa palavra também tem relevância sob outros aspectos. Quem se dedica de forma concentrada a um trabalho ou a uma luta, nega conscientemente a si coisas que por um lado são permitidas, mas que demandam forças desnecessárias. Conseqüentemente, a referência à sobriedade significa uma exortação para não acompanhar a corrida pela abastança e pelas muitas distrações e, ao invés disso, concentrar todo o pensar e empenho no grande evento do futuro. Essa é a idéia essencial e por isso a frase principal diz: **tenham depositada inteiramente vossa esperança na graça que vos é trazida na revelação de Jesus como Messias**. Esse evento é o alvo mais imediato de toda a história da salvação e também de todos os acontecimentos mundiais. Durante a era presente – entre a Sexta-Feira Santa e a parusia – Jesus de Nazaré ainda é mal-compreendido e ignorado pela maioria da humanidade, considerado geralmente como mero ser humano e, quando muito, classificado talvez apenas como pessoa nobre e exemplar, mas não obstante fracassada em seus planos. Somente mediante sua manifestação em glória ele será revelado em sua posição messiânica e em seu poder vitorioso. Por isso Pedro escreve com ênfase “na revelação de Jesus **como Messias**”: apenas então Jesus, o Nazareno desprezado e ignorado, se destacará com sua missão divina e dignidade messiânica como **o Ungido**, o divino rei da salvação. Até então também os seguidores do Crucificado ainda serão pessoas desprezadas, ignoradas e até mesmo perseguidas. Contudo, quando Jesus for revelado como Messias, ele lhes trará que sejam revelados com ele em glória. Então receberão o novo corpo espiritual e finalmente serão pessoas aperfeiçoadas em comunhão com Deus. Esse dia trará a unificação da igreja como corpo com Cristo, o cabeça. Isso significa o começo da consumação em direção do novo céu e da nova terra. Tudo isso, porém, significa: **a graça que vos é trazida na revelação de Jesus como Messias**. **Graça** designa, de forma abrangente, tudo o que Deus concede aos redimidos, aqui em especial a perfeição futura, a entrega da herança guardada nos céus. Graça é presente imerecido. Agora é decisivo direcionar-se totalmente para a revelação de Jesus Cristo e, assim, da graça, para a herança incorruptível que Jesus lhes traz. A formulação é: **Tende colocada vossa esperança**... Quem deposita sua esperança na graça, desse modo também deposita nela sua confiança. A palavra **inteiramente** torna a questão mais radical ainda. Quem segue ao Crucificado de forma decidida vive de maneira muito unilateral.

- 14** Aqueles que se deixaram convocar por Jesus estão integralmente direcionados para a sua chegada. Mas isso não lhes permite passar sonhando pelo presente. Quem se direciona cabalmente para a parusia levará sua conduta (v. 15) aqui e agora especialmente a sério. É essa a preocupação do presente bloco. Como isso é possível? Primeiramente por meio de uma ligação clara com o Senhor **como filhos da obediência**. Vida santa começa pela obediência (cf. o comentário ao v. 2). Na obediência expressa-se o vínculo do ser humano com Deus. Por isso a fé está estreitamente ligada à obediência (Jo 3.36; Rm 1.5). Somente na obediência pode ser cumprido o chamado para ser filho de Deus e servo de Deus. “Filhos da obediência” é um linguajar semita. Significa algo como: pessoas que são cunhadas integralmente pela obediência. Assim como um “filho da morte” é determinado pela morte, um “filho da ira” é determinado pela ira (Ef 2.3), assim os “filhos da obediência” são marcados pela obediência. Quem deseja obedecer, tem de ouvir. Somente pelo ouvir e obedecer constituem-se a abertura para Deus e a disposição de sermos determinados por ele e instruídos para uma vida santa. Essa afirmação positiva é seguida da negativa: ... **não vos amoldeis (novamente) às paixões do passado em vossa ignorância**. Aqui é feita a advertência de não recair para a vida antiga, na qual os desejos e as paixões constituem o “esquema” determinante, a norma. Isso evidentemente é possível. Quem deu a meia-volta sem dúvida recebeu a dádiva do Espírito Santo (At 2.38; Ef 1.13) e subordinou a vida ao senhorio do Espírito, para permitir que seja configurada por ele. Mas também continua a viver na carne. Da carne, i. é, de suas necessidades e iniciativas partem uma série de desejos e paixões. Isso de forma alguma se refere apenas ao desejo sexual, à gula ou à ânsia por diversão, mas a qualquer avidez e vício, como a avareza, o desejo de vingança, a busca de fama, a mania de fofocar, etc. **Outrora** essa atitude era normal, porque antes do arrependimento de qualquer modo vigorava o egoísmo e a autoglorificação. Agora, porém, os leitores foram libertos disso. No passado, em sua **ignorância**, não conheciam outra coisa senão uma vida segundo as

paixões. Agora, porém, são pessoas que sabem. “Degustaram as forças do mundo vindouro” (Hb 6.5). Uma configuração da vida segundo a norma dos desejos seria uma recaída e uma ação contrária a um conhecimento melhor.

- 15 O v. 15 evidencia positivamente a norma para a nova vida: ... **porém em concordância com o Santo que vos convocou tornai-vos também vós santos em toda a conduta**. Aqui Deus é chamado de aquele que **convocou**. Deus é reconhecido em seu agir. A palavra “convocar” designa aquele chamado poderoso e criador de Deus (Gn 1.3; Sl 33.9) que torna o nada em ser, os mortos em vivos, os perdidos em salvos. Quando o Deus santo emite seu chamado, pessoas pecadoras se tornam santas. Por isso a séria conclamação: **em concordância com o Santo que vos convocou, tornai-vos também vós santos em toda a conduta**. Nossa vida cotidiana concreta não deve continuar sendo tão egoisticamente pecadora como foi antes de nossa vocação, mas deve tornar-se santa. **Santo em toda a conduta** significa que nenhuma área está excluída disso. Reluzem aqui duas características básicas da ética do NT. A primeira: parâmetro da nova vida é o **Santo** de quem veio o chamado. Não se admite nenhum outro além desse parâmetro radical. Nem a decência burguesa, nem o nobre humanismo podem ser parâmetros para a nova vida, nem mesmo a justiça a partir da lei (Fp 3.6), mas o próprio Deus santo! Por essa razão os apóstolos nunca dispuseram diante de suas igrejas outro alvo senão uma vida santa consoante o Deus santo. Nesse ponto sem dúvida tinham diante de si sempre a palavra de seu Senhor: “Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito” (Mt 5.48). Tampouco nós devemos ter um alvo inferior a este por medo do perfeccionismo. Quantos danos graves há quando o cristianismo coloca seu alvo de forma muito baixa, falsa! Uma segunda característica fundamental da ética do NT se evidencia nos presentes versículos: não são todos que recebem a chamado para uma vida santa – os apóstolos sabiam que isso não passaria de contorcionismo e legalismo para o mundo e para devotos não-renascidos – mas somente aqueles que se deixam chamar para a comunhão com o Espírito Santo. Pelo fato de vos terdes tornados santos convocados (1Co 1.2), por isso andai agora de maneira santa! Literalmente (levando-se em conta o aoristo): “Sede feitos santos!” – nova indicação de que o decisivo já aconteceu no passado pelo arrependimento mediante o renascimento e que, conseqüentemente, apenas precisa ser realizado na atualidade, e isso não apenas ocasionalmente, mas: **em toda a conduta**. Notemos bem: “em”, não “por meio de”! Santos eles são pela vocação e santificação de Deus. E agora devem de fato também se tornar santos em toda a conduta, verdadeiramente em toda ela!
- 16 Afinal, esse não seria um alvo realmente elevado demais? Não, a própria Bíblia da primeira igreja, o AT, dá destaque a esse alvo: **Porque está escrito: Deveis ser santos porque eu sou santo**, diz o Senhor. Vimos já nos v. 10s que as primeiras igrejas leram o AT sob a perspectiva da história da salvação. Por isso as afirmações, que inicialmente dizem respeito ao povo da antiga aliança, puderam ser transferidas para a igreja do NT – a antiga aliança aponta para a nova aliança e somente nela chega à sua plenitude. O presente texto consta literalmente em Lv 19.2. Lá a palavra é um título que sintetiza uma variedade de mandamentos para a vida cotidiana. Pedro não precisa mais arrolar os numerosos mandamentos específicos, porque os libertos do Senhor na verdade já não estão sob a lei, mas sob a graça (Rm 6.14). Contudo essa palavra fundamental continua sendo importante. Quem compreendeu isso, terá o olhar correto para cada uma das situações e incumbências.
- 17 Na seqüência continua sendo descrita a obrigatoriedade de uma vida santa: **E se invocais como Pai aquele que julga sem acepção de pessoas segundo a obra de cada um, andai com temor durante o tempo de vossa condição de forasteiros**. O **se...** não expressa dúvida, mas uma argumentação, da seguinte forma: como pessoas que invocam a Deus como Pai estais particularmente próximos dele; nesse caso, no entanto, é preciso que vos conscientizeis de quem estais próximos (daquele que julga corretamente) e quais são as conseqüências que isso acarreta (andar com temor). A carta não se dirige a pessoas especialmente eleitas, mas a todos os membros das igrejas. Certo é que todos invocam o Pai, a quem eles oram. Afinal, foram designados como aqueles “que invocam o nome do Senhor” (At 9.14,23; 22.16). Agora é dito: “se o invocais **como Pai...**”. Jesus havia ensinado os discípulos a invocar a Deus como “Pai” (Mt 6.9). Na verdade isso somente é possível “em nome de nosso Senhor Jesus”, somente com base em seu sacrifício, pelo qual “temos o acesso, a adução até o Pai” (Ef 2.18). Por meio dele, o Filho, seus discípulos se tornam filhos de Deus e recebem o Espírito da filiação, por meio do qual podem exclamar: “Abba, Pai!” (Rm 8.14s; Gl 4.6).
- Chegaram, pois, tão perto do Deus santo, que têm o privilégio de usar diante dele a mesma interpelação – Abba – usada pelo Filho. No mesmo instante, porém, Pedro acrescenta: **que profere**

sua sentença sem aceção de pessoas segundo a obra de cada um. Essa afirmação está prefigurada no AT (Sl 89.27; Ml 1.6; Jr 3.19; Sl 62.12; Pv 24.12 – com especial nitidez na LXX). No AT, como também aqui a palavra visa alertar contra a auto-segurança e leviandade com vistas ao pecado. Diversas pessoas podem pensar que estão particularmente próximas de Deus, que sobre elas governa tão somente a bondade do Pai e não mais a severidade do Juiz. Os seus pecados não poderiam mais suscitar a ira de Deus, já que estariam sob a graça. Quem pensa dessa forma infelizmente compreendeu a Deus de maneira equivocada. Deus é aquele que julga **sem aceção de pessoas**. Deus sem dúvida tem filhos, mas não favoritos. Ele não é condescendente com o pecado nem mesmo em seus filhos, mas os julga. Deus julga **segundo a obra de cada um**. O cristão tampouco pode argumentar com sua filiação divina quando Deus analisa a vivência. Demanda-se **a obra de cada um**. Primeiramente isso diz respeito aos não-crentes, que são indesculpáveis, porque “conheciam a Deus e não o honraram como Deus nem lhe agradeceram” (Rm 1.21). Mas igualmente incide sobre os crentes, cuja obra de vida ainda precisa ser manifesta perante a face do Cristo (2Co 5.10): por isso o singular: “a obra de cada um”. O crente na realidade não entra no juízo (Jo 5.24) – afinal, já está salvo pela fé em Jesus (1Co 3.15; Jo 3.18) – não obstante seu trabalho ainda tem de passar pelo fogo examinador (1Co 3.12-15).

Andai com temor durante o tempo de vossa condição de forasteiros. No grego as palavras “com temor” estão enfaticamente posicionadas no início. Pela construção da frase e de acordo com o sentido, a conduta no temor de Deus representa centro e alvo dos v. 17-21. O sentido é a “reverência” na verdadeira aceção da palavra, ou seja, uma atitude que honra e teme a Deus como Pai e Juiz. Não é tanto o temor diante do castigo (1Jo 4.18), mas o temor diante do Pai, o receio absoluto de suscitar sua ira. Andai com temor significa: Sede meticolosos com vossa vida como um viver perante Deus! Da mesma forma fica claro em Paulo que o “temor do Senhor” é premissa básica da vida santa. Por que essa seriedade? Porque a situação é séria: ... **durante o tempo de vossa condição de forasteiros**. Para tempo consta o termo *chronos*, porque se trata do tempo que transcorre, que passa. Quem se conscientiza de que é forasteiro cuida cautelosamente para alcançar a pátria, vencendo todos os perigos da terra estranha.

18 Sabendo que não fostes redimidos com coisas transitórias, prata ou ouro, de vossa conduta vã, transmitida pelos pais. Vale notar que não se diz: podeis ter esperança de um dia vos tornardes bem-aventurados, mas “sabeis que fostes redimidos”. Da experiência da redenção forma-se a certeza. Contudo, a certeza de redenção, de salvação, não é farisaísmo autoconfiante, mas dádiva alegre de Deus para aquele que experimentou a libertação real por intermédio de Jesus. E uma conduta correta se torna viável quando há consciência de quanto custou a redenção. Por que não a recaída na vida antiga, por que andar com temor? Porque a redenção da conduta antiga custou um prêmio de resgate infinitamente elevado. É palpável aqui a comparação com o antigo comércio escravista. Um escravo era liberto do domínio de um proprietário por um prêmio elevado, para viver para o novo senhor. Desse modo Jesus nos redimiu na cruz da conduta vã, transmitida pelos pais. Na Bíblia latina, a Vulgata, consta: redimidos... da tradição paterna.

Por natureza todas as pessoas encontram-se na tradição dos pais. Enquanto, pois, a geração mais velha em geral está convicta de que transmite à juventude bons valores básicos, de que com razão se pode esperar uma vida sensata e disciplinada, a Bíblia diz algo bem diferente: os pais de qualquer modo apenas transmitem à juventude o que já receberam, a saber, uma conduta vã. O ser humano separado de Deus em geral não se conscientiza do que significa conduta vã. Sim, ele só consegue suportar a vida presente porque e enquanto não se conscientizar disso até as mais extremas conseqüências. Porque o veredicto **vão** atinge até mesmo muitas coisas das quais o ser humano acredita que perdurarão “eternamente”. A isso se agrega um segundo ponto: áreas do conhecimento moderno como a doutrina da hereditariedade, a psicologia, a pedagogia e a sociologia nos explicitam que poder possui para o ser humano a conduta legada pelo pai e pela mãe. Características hereditárias e a educação dos primeiros anos de vida determinam o ser humano para toda a sua vida. Quando, pois, o pai ainda vive na incredulidade e no paganismo, sua perdição e seus pecados configuram a vida dos filhos desde o primeiro instante. Um olhar para o paganismo antigo e novo evidencia para onde vão as coisas quando as pessoas vivem sem lei e sem Deus durante várias gerações. Forma-se um estilo de vida, uma conduta transmitida pelos pais, do qual o indivíduo dificilmente se distanciará. Esse estilo de vida e o absurdo dessa conduta se impõem como uma escravidão sobre a

vida dos filhos. O ser humano não consegue salvar-se sozinho dessa conduta marcada pela tradição dos pais. É somente o resgate por outro que traz a ajuda necessária.

Qual foi o preço desse resgate para Deus? **Não coisas transitórias, prata ou ouro.** São esses os meios usuais de pagamento. Com eles se podia comprar a liberdade de escravos. Porém o resgate de que a humanidade escravizada precisava é incomparavelmente mais pesado! Prata e ouro, os mais importantes meios de pagamento na terra, são insignificantes demais para libertar da velha conduta e possibilitar a nova. Embora de alto valor, não deixam de ser passageiros como a terra.

19 Contudo “o que Deus investiu em nós” é incomparavelmente mais precioso. Por isso consta aqui: **redimido... com o precioso sangue de Cristo como um cordeiro sem defeito e sem mácula.** Nem prata nem ouro são capazes de libertar uma pessoa do cativeiro da conduta vã. De fato, porém, é o **precioso sangue do Cristo** que tem o poder de libertar e transformar pessoas de tal maneira que toda a sua vida seja renovada. Aqui como em outros textos o grego *christós* de forma alguma consta somente como nome, mas com a conotação plena do título de majestade do AT e do elevado predicado para o **Ungido** de Javé, há muito **previsto** por Deus e anunciado de forma correspondente pelos profetas. Isso decorre com toda a clareza tanto da metáfora inserida a respeito do “Cordeiro”, que na realidade, como ainda veremos na seqüência, evoca a profecia messiânica de Is 53 e a profecia sobre o Messias contida no serviço sacrificial do AT, como também da frase relativa subsequente (v. 20). E por isso o sangue dele é tão **precioso**, por ser o Messias Filho unigênito, a coisa mais preciosa que o Pai no céu possui. Está sendo definido como **Cordeiro sem defeito e sem mácula.** No NT isso não constitui apenas uma comparação, mas ele realmente “é” o Cordeiro de Deus. Em Jo 1.29 é chamado de Cordeiro de Deus que leva embora o pecado do mundo, acabando com ele, eliminando-o para sempre. Sim, até na eternidade Jesus, nosso Senhor, será exaltado e adorado também no céu como “o Cordeiro”. Pois consta expressamente no louvor de miríades de anjos: “Digno é o Cordeiro que se deixou imolar...” (Ap 5.12). Os intérpretes na realidade não concordam na questão se, além de Is 53.7, Pedro também pensava no cordeiro pascal (Êx 12.3) e nas prescrições sacrificais do AT (p. ex., em Êx 29.1; Lv 22.17-25), mas com certeza é esse o caso. No Crucificado contemplamos o Cordeiro de Deus, no qual não apenas se realizou a profecia messiânica de Is 53, mas também se cumpriu o significado profético do cordeiro pascal, bem como de todos os sacrifícios que foram oferecidos no templo em Jerusalém. O fato de que temos de recordar Is 52s já é evidenciado por Is 52.3: “Sereis resgatados não com prata.” Em contraposição, a formulação do **Cordeiro sem defeito e sem mácula** vai além de Is 53, apontando sem dúvida para as determinações gerais de oferendas no AT, segundo as quais somente se podiam sacrificar animais sem defeitos. Aliás, a primeira igreja de forma alguma se fixou em passagens bíblicas específicas, mas via o serviço sacrificial de sangue do AT de forma bem genérica como um tipo, como prefiguração de Jesus Cristo. “Sem derramamento de sangue não acontece remissão”, como se pode sintetizar o sentido do serviço sacrificial (Hb 9.22). Por que, no entanto, sacrifícios tão terríveis e esse derramamento de sangue? Porque o ser humano desperdiçou sua vida perante Deus através do pecado. A consequência disso foi que ele de fato perdeu sua verdadeira “vida” (Gn 2.17). Porque o ser humano pode ter a verdadeira vida somente na comunhão com seu Criador, a fonte da vida. Separada do Criador, a criatura somente encontrará a morte (Rm 5.12; 6.21b,23a). Nessa situação os sacrifícios de animais no AT tinham a finalidade de ser para o ser humano uma permanente recordação de sua carência maior, do pecado como separação de Deus – e ao mesmo tempo de uma profecia messiânica: indicativo e preparação para o Prometido, que um dia levaria o pecado dos humanos definitivamente embora. Assim Jesus como Cordeiro de Deus é a revelação da santa ira de Deus sobre o pecado e ao mesmo tempo a revelação do maravilhoso amor de Deus, que não consegue suportar a morte do pecador. Essa mensagem constitui o centro da Bíblia. Por isso Paulo declara: “Decidi nada conhecer entre vós senão unicamente a Jesus Cristo, e a ele como Crucificado” (1Co 2.2).

Quem é capaz de produzir redenção de pecados para outros? Que qualidades o cordeiro precisa ter? Pedro complementa a exigência do AT **sem defeito** (Êx 29.1; Lv 22.17-25; Ez 43.22) com uma segunda: **sem mácula.** Pois, enquanto no AT era necessária uma perfeição meramente física do animal sacrificado, o Cordeiro da nova aliança tinha de ser livre de todas as manchas. No NT “mancha” (em grego *spilos*, também mancha de sujeira ou vergonha) tem conotação espiritual e moral, não física, como mostra Ef 5.3s. **Cordeiro sem mácula** significa, portanto: o Cordeiro de Deus não podia ter nem uma mancha sequer, nenhum pecado, ao pretender colocar-se no lugar das pessoas, sacrificar-se por elas e redimi-las. Unicamente Jesus atende a essa condição. Unicamente ele

podia redimir a humanidade, o único puro e sem pecados. Ele entregou por nós seu precioso sangue. Fez tudo isso para nos resgatar para a nova vida! Isso fundamenta a exortação: levem a sério sua vida, andem com temor! Saibam que foi paga com alto preço. Lidamos com cautela com aquilo que teve um alto custo!

20 Cristo, o Cordeiro de Deus, na verdade **foi previsto antes da fundação do mundo, mas revelado na última parte dos tempos por vossa causa**. O **por vossa causa** perpassa todo o trecho. Aconteceu **por vossa causa** que ele **foi revelado na última parte dos tempos**. Deus escolheu o Messias previamente, literalmente o “reconheceu antes” da fundação do mundo. Embora **previsto antes**, foi somente agora **revelado** – nisso reside a tensão desse versículo. As palavras mostram nitidamente que existe um plano de salvação de Deus. Tudo nesse plano de salvação aponta para a revelação do Cristo. Já antes da criação do mundo Deus olhou para Cristo, que haveria de se tornar o Cordeiro, e somente porque o Filho estava disposto a se tornar o Cordeiro de Deus o mundo continuou a ter sentido e durabilidade após a queda no pecado. Não há nenhuma base bíblica para dizer (e isto até mesmo representa uma blasfêmia) que a morte de Jesus na cruz seria a catástrofe de sua nobre vida. Não, sua vida e morte foram **previstas** bem **antes**, são sentido e alvo de toda a história da salvação. Por isso tudo esperava para que essa pessoa prevista finalmente aparecesse, que fosse **manifesta**. Algo é manifesto quando na realidade está presente, mas ainda oculto. Portanto a afirmação de Cristo foi revelada “na última parte dos tempos por vossa causa” explicita isto: agora é a grande hora para a qual tudo aponta. Agora, em Jesus, Deus saiu da ocultação e cuidou dos humanos, trazendo-lhes a salvação. Por isso essa palavra também consta de outras importantes passagens do NT, que tratam do agir de Deus referente à humanidade. Rm 1.17: no evangelho revela-se a justiça de Deus; Rm 1.18: revela-se a ira de Deus; Rm 3.21: agora, porém, foi revelada a justiça de Deus. A era atual é chamada de **última parte dos tempos** ou também “o último dos tempos, o fim dos tempos”.

21 Em seguida é detalhado o “por vossa causa”: “... **que por meio dele tendes fé em Deus, que o despertou dentre (os) mortos e lhe deu glória, de modo que vossa confiança também é esperança em Deus** (ou: de modo que vossa confiança e vossa esperança se dirigem a Deus)”. Com essas palavras são claramente definidos e simultaneamente delimitados os destinatários da salvação. Naquele que tem fé cumpre-se a intenção salvadora de Deus, nos demais não. Assim os apóstolos fizeram distinção entre aqueles que vivem na obediência de fé e aqueles que se recusam. Essa é a diferenciação bíblica e necessária dos seres humanos. Quem dissimula e deixa de lado essa diferença fundamental não age por amor, mas por cegueira ou com a intenção de agradar a pessoas. A fé surge por meio dele. A fé vem de Jesus. Incendeia-se na pessoa dele, em seu sacrifício por nós. Sim, é ele que suscita em nós a fé por meio do Espírito Santo. Uma vez que o Filho e o Pai são um, a fé originada de Jesus e dirigida para ele é ao mesmo tempo **fé em Deus**. Jo 12.44: “Quem crê em mim não crê em mim, mas naquele que me enviou.” Ainda em sentido mais amplo ter aceitado a fé mediante Jesus é **ter fé em Deus**: no fato de ressuscitar o Filho pode-se reconhecer que Deus é um com Jesus e, ao mesmo tempo, que possui poder. Por isso, quem abraça a fé por meio de Jesus, crê naquele que o **despertou dentre (os) mortos**. O ponto em que se decide tudo é a ressurreição de Jesus. De forma alguma ela é apenas um entre vários episódios da salvação, mas o fundamental. Ao ressuscitá-lo, Deus confirma a vitoriosa exclamação do Crucificado: “Está consumado!”. Confirma desse modo a morte do Filho na cruz como sacrifício de expiação pelos pecados dos seres humanos. Sem o acontecimento da Páscoa não haveria perdão: nesse caso ainda continuaríamos em nossos pecados (1Co 15.17), e não existiria uma esperança viva para nós (1Co 15.3). Ressuscitado dentre os mortos significa: da multidão dos mortos o “Pastor das ovelhas, que é grande pelo sangue de uma eterna aliança” – como primícias (1Co 15.23) e conseqüentemente como “desbravador para a vida” (At 3.15) – foi conduzido para fora (Hb 13.20).

Deus despertou o Crucificado e **lhe concedeu glória**. A palavra **glória** (em grego *doxa*) ocorre com especial freqüência em 1Pe (9 vezes). Isso se explica pelo fato de que a carta se dirige a igrejas sofredoras, cuja esperança precisa ser fortalecida. *Doxa* significa a princípio: “esplendor de luz”, assumindo depois o sentido de “honra, majestade”. É expressão da plenitude de luz e potência que cercam a Deus, e simultaneamente do poder vitorioso que ele exerce. Deus concedeu **glória** ao Filho. Com isso Jesus obteve participação na glória de Deus. Assim como a ressurreição de Jesus constitui a razão para que os que lhe pertencem também sejam ressuscitados, assim a glorificação de Jesus é a razão para que os seus também recebam glória. Isso quer dizer que **confiança** em Cristo também **significa** ao mesmo tempo **esperança em Deus**. Nossa tradução é preferida por um considerável

número de comentaristas (cf. Kühl, p. 127, também Weizsäcker, Menge, Hauck). Cabe levar em conta que o intuito do apóstolo é fortalecer a esperança das igrejas atribuladas da Ásia Menor. No entanto muitos, sobretudo os exegetas mais recentes, também traduzem no sentido da versão alemã de Lutero: “De modo que vossa fé e vossa esperança estejam (dirigidas) para Deus”, i. é, possam se dirigir a Deus. Não há como decidir a questão somente a partir da gramática. Também essa última tradução faz sentido. Não é preciso entendê-la como duplicação desnecessária do “tendo fé em Deus” no início do versículo. Pode significar o seguinte: pela ressurreição de Jesus e pela glória que lhe foi dada vossa fé e vossa esperança não são sensação subjetiva e oca, mas têm um fundamento objetivo em Deus. A glorificação de Jesus garante também a nossa glorificação e faz com que nosso crer e esperar pelo agir salvador de Deus tenha fundamento.

Amem persistentemente um ao outro de coração! – 1Pe 1.22-25

22 – Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade, tendo em vista o amor fraternal não fingido, amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente,

23 – pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente.

24 – Pois “toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a sua flor;

25 – a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente.” Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada.

22 O mais importante está na frase principal. Ela diz: **Amai-vos persistentemente uns aos outros de coração.** O trecho trata do amor aos irmãos. Antes de falar dele, Pedro explicita a premissa: **depois que purificastes vossas almas na obediência à verdade.** A estrutura frasal deixa claro isto: o amor aos irmãos é precedido pela purificação da alma, mais precisamente de tal forma que ela não acontece de uma vez por todas, mas que precisa acontecer constantemente, para viabilizar sempre o amor aos irmãos. Essa seqüência indicada no texto possui também grande relevância prática: onde faltar o amor aos irmãos na igreja é preciso iniciar pela purificação. A purificação acontece na **alma**. O termo “alma” ocorre com relativa freqüência em 1Pe (5 vezes). A alma é a sede da vida, mas também abarca todo o ser natural com o pensar, sentir e querer. A alma facilmente se torna “impura” porque não é influenciada apenas pelo espírito, mas igualmente pelo corpo, e até mesmo pela “carne”. Ira, discórdia, inveja, egoísmo e desconfiança são impurezas que contaminam a alma e bloqueiam o amor fraternal. Essas impurezas não devem ser toleradas por ninguém no coração. Isso não somente significa que nos “controlamos”. Não, as impurezas têm de ser expelidas! Por essa razão trata-se da **obediência à verdade**. A verdade é palavra que me atinge, é aquilo que percebi a partir da palavra de Deus como verdade sobre mim. Desmascara meu ódio e minha inveja, meu descontrole, egoísmo e coisas semelhantes. Porém somente me purifica quando lhe obedeco. Não existe purificação nem santificação sem obediência coerente. Portanto a obediência à verdade constitui o caminho para a purificação da alma. Somente quando as almas estão purificadas nessa obediência o caminho estará livre para o **amor fraternal sem hipocrisia**. Aqui resplandece uma verdade bíblica fundamental. Foi o que Jesus concretizou para seus discípulos quando humildemente lhes lavou os pés (Jo 13.14). Somente uma alma purificada de arrogância e toda impureza é capaz de amar aos irmãos (cf. 1Jo 3.11s). O adjetivo adicional **não-fingido** (cf. Rm 12.9; 2Co 6.6) aponta para o risco que o amor fraternal corre. Quando falta amor aos irmãos podemos nos esquivar para dentro de formas cristãs de relacionamento que têm aparência de amor, mas a vida se transforma em devota auto-ilusão. Trato amistoso, cortesia solícita – assim muitas vezes o amor é apenas simulado na igreja. Então será amor hipócrita. Hipocrisia, porém, é tão perigosa porque encobre a ausência de amor fraternal e envenena nosso relacionamento com Deus e com o irmão. Se não fôssemos capazes de fingir, ficaríamos muito mais assustados com nossa falta de amor e falaríamos abertamente com o irmão. Quantas igrejas estão paralisadas pela falta de amor não-fingido! Com quanta gravidade Jesus advertiu contra o fingimento devoto (Mt 6.5,16; 7.5; Lc 12.1)! Pedro o fará mais uma vez em 1Pe 2.1.

Agora segue a sentença principal: **Amai persistentemente um ao outro de coração.** É somente por meio do amor fraternal que se caracteriza claramente o relacionamento básico dos discípulos

entre si. Isso se torna evidente em palavras bíblicas como Jo 13.34s; 15.12; 17.26; 1Ts 3.12; 4.9s. Amai-vos uns aos outros precisa ser compreendido como supratemporal. Por um lado os ouvintes na Ásia Menor já se encontram no amor fraternal, mas por outro ele precisa ser diariamente renovado. Não o possuímos de uma vez por todas. Daí a reiterada exortação: amai um ao outro de coração. As duas expressões **de coração** e **persistentemente** evidenciam a seriedade e ênfase da exortação. Quando o amor aos irmãos flui do coração ele descontra o relacionamento e liberta. Então o comportamento não é diferente do que pensamos no coração. **Persistentemente** (a rigor: “tensamente”) indica que o amor aos irmãos nem sempre é fácil. Egoísmo, situações complicadas ou também índole não-simpática do irmão podem dificultar o amor. Importa, então, amar persistentemente, i. é, preservar o amor aos irmãos contra toda a oposição.

23 No v. 23 é evidenciada uma segunda premissa – a fundamental – para o amor aos irmãos: ... **como renascidos**. Novamente, como no v. 13, o imperativo (amai-vos uns aos outros) decorre do indicativo (sois renascidos). É da natureza das exortações apostólicas que não contenham instruções legalistas, morais, para uma vivência em conformidade com Deus. O ser humano na realidade não é capaz de produzir uma postura espiritual a partir da sua natureza. Em função disso as exortações se alicerçam sobre fatos que Deus criou na vida dos seus. Aqui, portanto: **são renascidos** (nascidos de novo ou novos nascidos). **Renascidos** é não apenas uma metáfora, mas refere-se a uma realidade. Deus concedeu uma vida nova, divina. Não existe nada maior, e algo menor não seria útil para o ser humano. Para ter comunhão eterna com Deus, o ser humano carece de vida a partir de Deus. Essa vida é obtida no renascimento. Jesus sublinha: se alguém não é nascido de novo, não pode ver o reinado de Deus (Jo 3.3). O evangelho de João traz uma formulação diferente, mas que se refere à mesma realidade: “Quem crê no Filho, tem a vida eterna (a vida nova)” (Jo 3.36). Em 1Jo 5.11 a mesma coisa foi dita com a mesma certeza: “Esse é o testemunho, que Deus nos concedeu a vida eterna, e essa vida está em seu Filho.” Paulo declara em 2Co 5.17: “Se alguém está em Cristo – isso significa nova criação (da personalidade).” Na formulação ... **como pessoas que são renascidas** chama atenção o seguinte: o renascimento evidentemente não é algo incerto, mas um fato impossível de ser negado. Além disso, chama atenção que o renascimento apareça como um acontecimento no passado. É um pretérito, não um futuro. E finalmente é digno de nota que Pedro atesta seu próprio renascimento e o de todos os cristãos na Ásia Menor. Não conhece cristãos que “apenas crêem”, mas ainda não são renascidos. Também o restante do NT não tem conhecimento dessa diferenciação. Ou somos cristãos, e nesse caso também somos renascidos, ou ainda não somos renascidos, e nesse caso também ainda não somos de fato cristãos. A referência ao renascimento constitui a justificativa mais profunda do amor fraternal. Com o renascimento os cristãos se tornaram irmãos e irmãs, independentemente de sentirem simpatia recíproca ou não. O mesmo acontecimento básico, e também a mesma força de vida divina liga os cristãos: como renascidos **não são de semente passageira, mas de incorruptível por meio da palavra viva e duradoura de Deus**. No texto original o termo para semente é *sporá*. Ele inclui – como nossa palavra “semeadura” – ao mesmo tempo o processo de semear. Por isso a tradução também pode ser: “... renascidos não de um semear passageiro, mas do não-transitório por meio da palavra de Deus.” Nessa tradução se destacam melhor as preposições **de** e **por**: renascidos do processo de semear pela força vital da palavra de Deus. Conseqüentemente, o v. 23 não apenas mostra a relevância fundamental da palavra de Deus, mas ao mesmo tempo a de sua proclamação. Assim como a semente precisa ser semeada, assim também a mensagem de Deus precisa ser passada adiante para ser eficaz. Ao contrário da semeadura na agricultura, porém, a palavra de Deus é semeada para uma eficácia não-transitória: produz renascimento e vida eterna.

No entanto, igualmente cumpre afirmar um segundo ponto: importa a **semente**, a palavra do próprio Deus. Uma proclamação geradora de vida eterna só pode acontecer **por meio da palavra viva e duradoura de Deus**. “A semente é a palavra de Deus”, diz Jesus na parábola dos quatro tipos de solo (Lc 8.11). Por ser viva e duradoura, essa semente também produz frutos vivos e duradouros. É necessário que cada pregador tenha clareza de que não alcançará frutos de sua semeadura por nenhum outro meio senão através da palavra viva e duradoura de Deus. A frase grega também pode ser traduzida de outra forma: “pela palavra do Deus vivo e duradouro”. Ou seja, um grego podia depreender as duas idéias da formulação: a natureza de Deus, vivo e eterno, determina a qualidade dessa palavra – e: a qualidade da palavra de Deus por seu turno determina a da semeadura e do renascimento.

- 24 Temos de perceber a magnitude e glória da palavra para compreender a grandiosidade de termos sido alcançados por essa palavra como palavra “viva”, i. é, quando a interpelação pessoal do Deus presente nos atingiu e gerou em nós uma vida duradoura, divina. Esse é o sentido dos v. 24s. Neles se cita Is 40.6ss: **Toda carne é como capim, e toda a sua glória é como a flor do capim.** Com a expressão **toda carne** faz-se referência a todas as pessoas. “**Carne**” designa o ser humano natural. Como o ser humano parece ser grande com seu poder e sua sabedoria, com sua cultura e ciência! Não obstante, tudo isso não passa de “carne”, também em suas mais belas e nobres flores. E seu destino é caracterizado pelas palavras: **secou-se o capim e caiu a flor.** A forma verbal do pretérito expressa: isso não é apenas prenúncio do futuro, mas experiência aos milhões. Ao mesmo tempo, porém, é também “pretérito perfeito profético”, um oráculo profético que paira com tanta certeza sobre cada pessoa ainda viva como se fosse algo já acontecido.
- 25 Disso ressalta agora o maravilhoso fato de que existe algo **que permanece eternamente, a saber, a palavra do Senhor.** Para palavra consta aqui no grego não *logos*, mas *rhéma* = o que foi diretamente proferido, o discurso. No NT trata-se da palavra proferida pelo Deus vivo e, assim, simultaneamente atuante. Por isso é a palavra do Senhor presente, que é viva e que me atinge. *Rhéma* corresponde à frase que ocorre com frequência na Escritura: aconteceu a palavra do Senhor. É um acontecimento de Deus quando essa palavra é proclamada como boa notícia. No grego consta *euangelizesthai* = evangelizar, entregar uma notícia de alegria. **Essa, porém, é a palavra que foi dirigida a vós.** Naquele tempo o Deus vivo os alcançou através de sua palavra, gerando neles renascimento e vida eterna. Quem experimentou isso pode amar os irmãos. Vida a partir de Deus se concretiza no amor, porque Deus é amor (1Jo 4.8).

Edificados como pedras vivas – 1Pe 2.1-10

- 1 – Despojando-vos, portanto, de toda maldade e dolo, de hipocrisias e invejas e de toda sorte de maledicências,
- 2 – desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação,
- 3 – se é que já “tendes a experiência de que o Senhor é bondoso”.
- 4 – Chegando-vos para ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa,
- 5 – também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo.
- 6 – Pois isso está na Escritura: Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; e quem nela crer não será, de modo algum, envergonhado.
- 7 – Para vós, portanto, os que credes, (é) a preciosidade; mas, para os descrentes (vale), A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular
- 8 – e: “Pedra de tropeço e rocha de ofensa.” São estes os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos.
- 9 – Vós, porém, (sois) raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.
- 10 – vós, sim, que, antes, não (éreis) povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia.

Através do **portanto** o trecho se conecta com o anterior. Apóia-se nele, mas representa nitidamente um novo bloco com outro direcionamento. A chave para compreendê-lo está nas palavras: **como crianças recém-nascidas** (ou: nascidas de novo; v. 2). Essa expressão corresponde ao “renascidos” de 1Pe 1. Tornamo-nos uma criança recém-nascida através do nascimento, e um filho de Deus nascido de novo – é disso que se trata aqui – através do renascimento. Na verdade, a expressão **crianças recém-nascidas** não representa uma comparação, mas refere-se à nova situação real. Cristãos de fato são crianças, a saber, filhos de Deus. Por isso ocorre aqui o termo grego *hōs*, que expressa ambos os aspectos: enquanto e como filhos recém-nascidos. **Recém-nascido** diz: muitos dos destinatários da carta se tornaram cristãos somente há pouco, sendo portanto jovens na fé.

Deve-se presumir que, na época em que Pedro escreveu, um movimento de avivamento percorria as terras da Ásia Menor. Comparando jovens filhos de Deus com criaturas humanas recém-nascidas, o presente trecho salienta traços essenciais básicos de uma vida eclesial saudável. Primeiramente chama atenção que os apóstolos se empenharam em favor de cristãos novos. Pessoas recém-convertidas não estão “prontas”. Sua condição é idêntica à dos bebês: carecem de cuidado dedicado. É desse cuidado que depende o desenvolvimento saudável ou o lento definhamento de sua vida espiritual. Os apóstolos empenhavam-se com zelo “como uma mãe” e “como um pai” (1Ts 2.7,11) em favor desses carentes de cuidado.

- 1 Do ponto de vista gramatical, o v. 1 aponta para o v. 2. Por isso a imagem do v. 2 provavelmente já determina o primeiro versículo. A limpeza faz parte do cuidado correto com crianças pequenas; o mesmo vale para os filhos de Deus. **Tendo-vos despido de toda maldade e falsidade, fingimento e inveja, bem como de toda a difamação.** **Maldade** é uma palavra muito genérica. Abrange todas as áreas da vida. **Falsidade** (ou também “ardil”, “fraude”) refere-se a uma mentalidade que visa vantagens pessoais, mais precisamente às custas de outros. **Fingimento** (como também **inveja e difamação**) aparece no plural. Isso assinala que existem muitas tentações para a hipocrisia. Há o risco de realizar, p. ex., o jejum, a oração e as oferendas não por amor a Deus, mas por amor ao ser humano; não de coração, mas para usufruir uma imagem favorável perante as pessoas. O fingimento contamina nossa devoção, como se pode constatar nos fariseus, p. ex., em Ananias e Safira (At 5.1-11). Tudo o que fizermos para parecer devotos perante as pessoas é hipocrisia. Sim, em algumas esferas cristãs até mesmo se espera uma aparência devota. Dessa maneira, porém, o ser humano é seduzido e impelido ao fingimento. Igualmente é hipocrisia quando um ser humano alimenta secretamente um pensamento pecaminoso e por fora ainda preserva as aparências devotas. Foi assim que começou o descenso de Judas Iscariotes. A hipocrisia possibilita ao ser humano suportar sua falta de sinceridade sob o manto da devoção. Por isso é tão difícil ajudar um hipócrita. E é por isso que Jesus alertou tão severamente contra a hipocrisia (Lc 12.1). E Pedro passa a afirmar: tendes vos despido de todo fingimento, ou seja, abandonai qualquer aparência de devoção. A **inveja** vem do egoísmo e contamina o amor ao semelhante. A inveja define como alvo a ambição de também possuir o que o outro possui. Dessa maneira a inveja propõe falsos objetivos de vida. O plural poderia novamente assinalar as numerosas tentações para a inveja. Por fim cita-se ainda as **difamações**, um perigo especial para os filhos de Deus! Quanto mais comunhão tivermos, tanto melhor nos conheceremos, e tanto mais saberemos relatar sobre o outro. Nada, porém, contamina tão intensamente a comunhão como a maledicência. Sob uma análise rigorosa, trata-se de “pecados do ser”, dos quais resultam pecados do fazer. São sinais de nosso caráter corrupto, carnal, que continua existindo também após o renascimento. Ao mesmo tempo, porém, Pedro mostra aqui que um cristão não pode se conformar com isso e não deve tolerar essas coisas em sua vida. Os pontos aqui arrolados não são meros defeitos estéticos, mas perigos mortais para a vida espiritual. Como se poderá enfrentar isso? **Tendo-vos despido**, afirma Pedro. Ele não diz: lutem contra isso! Isso levaria a mero contorcionismo, visto que se trata de nossa mentalidade carnal profundamente arraigada. Uma luta desse tipo apenas serviria para aticá-la ainda mais, e nós seríamos arrastados à dilaceração. “Despi-vos” disseram também Tiago (Tg 1.21) e Paulo (Rm 13.12; Ef 4.22,25; Cl 3.8-14). Em Cl 3.9 Paulo cita a premissa: outrora, ao se render à fé em Jesus, despiram-se radicalmente da velha personalidade, permitindo que fosse levada com a morte de Cristo. Portanto, quando discípulos de Jesus são lembrados de que se despiram do velho ser humano, largando, assim, toda a perversidade e malícia, isso significa: agora já não se trata da antiga luta sem chances contra o pecado, nem de um esforço moral, nem de halterofilismo espiritual, buscando a melhora pessoal. Pelo contrário, importa simplesmente contar na fé com o fato de que os redimidos estão mortos para o pecado (Rm 6.11), porque em virtude do sacrifício de Jesus o pecado não tem mais direito sobre eles. Em consonância, a formulação grega (literalmente: tendo-vos despido... vos tornastes ávidos) não exclui, mas inclui o conceito de que despir-se da malícia precisa acontecer constantemente na vida do crente, ou seja, que aqui existe uma exortação enfática para o presente.
- 2 Difamação, fingimento, etc., com frequência constituem sinal de que falta o direcionamento positivo para a vida espiritual. Por isso Pedro cita em seguida as forças vitais que conferem conteúdo positivo à vida de fé. Trata-se, no v. 2, do alimento espiritual das **crianças recém-nascidas**. Crianças recém-nascidas são alimentadas com **leite**. Isso se refere à palavra de Deus. A palavra é a força que lhes deu a vida (1Pe 1.23). Ela é também a força que nutre a vida. Por isso o **leite** é especificado por **racional**

e **genuíno. Racional** não tem nada a ver com aquilo que entendemos por razão (em latim: *ratio*), mas predominantemente com aquilo que definimos como “lógico” ou também “condizente com o assunto”. O alimento tem de corresponder ao filho de Deus recém-nascido. Racional, em grego *logikós*, ocorre também em Rm 12.1. Lá a expressão serve para transferir conceitos do AT à vida na nova aliança: entregar o corpo como oferenda a Deus – esse é o culto racional, “lógico”, condizente com a nova condição dos cristãos. No mesmo sentido deve ser entendido *logikós* no presente contexto. A expressão deve assinalar que não se trata de leite real, mas de um leite em sentido figurado, espiritual. Visto que *logikós* é derivado de *lógos* (“palavra”), isso simultaneamente pode ser um indício de que o leite dos filhos de Deus vem da palavra. **Genuíno** aponta para a circunstância de que nem todo leite é bom e nem toda palavra favorece o crescimento espiritual dos filhos de Deus. O leite pode ser aguado ou até mesmo envenenado. Da mesma forma a palavra de Deus pode ser falsificada pela opinião humana ou por intenção satânica.

O cristão não deve acolher tudo sem crítica, pelo contrário, deve somente ansiar pela palavra de Deus não deturpada. Isso requer um poder de discernimento obtido do convívio com a Bíblia.

A afirmação decisiva dessa frase é: **Tende-vos tornado sedentos**, tende desejo! Essa formulação corresponde ao evangelho livre de legalismo. A ingestão de alimentos espirituais não está vinculada a nenhuma medida fixa, tempo ou forma. Quem se tornou sequioso busca oportunidades para saciar seu desejo. No entanto, quem carece desse desejo sempre tem algo diferente a fazer e nunca tem tempo para a palavra de Deus. Não se pode criar um desejo ou uma necessidade dessas por meio de um simples comando, porém o apetite surge com a refeição. Constitui uma lei da vida espiritual que a pessoa que acolhe em si a palavra de Deus é preenchida de poder vital espiritual. Isso representa crescimento espiritual e alegria crescente em Jesus. Mesmo que não se possa criar esse anseio por comando, ainda assim se pode reconhecer a necessidade de que exista a sede pela palavra de Deus: **para... crescer em direção da redenção**. É preocupação de toda mãe verdadeira que o filho cresça. Da mesma maneira é preocupação de todo autêntico conselheiro espiritual que os filhos espirituais cresçam. Quando não há ingestão de alimentos, a vida não apenas estagna, mas retrocede e acaba na morte. A melhor garantia contra isso é acolher alimento e crescer. Quando isso ocorre existe redenção. Assim acontece também com os filhos de Deus. Sua vida está sempre em risco. Filhos de Deus são salvos (Ef 2.5). Contudo é preciso que também hoje sejam salvos dos perigos de sua vida espiritual. E somente se sua vida espiritual for preservada eles experimentarão a salvação nos juízos futuros de Deus (cf. o exposto sobre 1Pe 1.5). **Para por meio dele crescer rumo à redenção** significa: a exigência principal é que os filhos de Deus cresçam. Então podemos ter certeza da redenção.

- 3 Pedro acrescenta um segundo estímulo para que estejamos sedentos da palavra: **pois, afinal, já saboreastes que o Senhor é benigno**. Com essa lembrança os leitores devem ser instigados a viver de modo conseqüente, algo como: se já saboreastes... então sede bem conseqüentes e prossegui a ter desejo. É provável que também aqui Pedro ainda tenha pensado na figura do bebê que **provou** o alimento. Um bebê que saboreou o alimento não deseja parar mais até ficar saciado. O fato de ter degustado reforça seu desejo. Quem recebeu vida de Deus no renascimento **saboreou que o Senhor é benigno** quando foi indultado. Na palavra eles degustaram que o Senhor é benigno (ou: amistoso; uma citação do Sl 34.8). Na palavra que os nutre eles experimentarão isso constantemente. Cabe notar que também esse versículo visa despertar o desejo, ao invés de fixar preceitos sobre a leitura da Bíblia e a freqüência a estudos bíblicos.
- 4 O v. 4 abandona a figura anterior. Aparece outra, a ilustração da **pedra viva**. Entretanto, pelo conteúdo o v. 4 está estreitamente ligado ao anterior. O v. 3 olhava para o Senhor benigno. Isso confere um fundo claro ao v. 4: por trás da exortação à comunhão está a experiência conjunta da bondade do Senhor. **Chegando-vos a ele**, o Senhor benigno... **permiti também serdes pessoalmente edificadas!** Quando levamos em conta a construção da frase, explicita-se a seguinte concatenação de idéias: permiti também vós mesmos ser edificadas como casa espiritual, na qual chegais ao Senhor benigno, na qual vos aproximais dele. Toda necessária proximidade em relação ao irmão precisa ser precedida da proximidade com Cristo. Repetidamente é necessário **chegar-se** ao Senhor (Jd 20; Hb 7.25). Só assim ele consegue marcar seu senhorio sobre sua igreja de forma contínua. A imagem da pedra no v. 4 já está relacionada com o v. 5, com a metáfora da grande variedade de pedras que formam a construção espiritual. O próprio Senhor e seus discípulos (v. 5) são chamados de pedras vivas. São elementos básicos vivos de uma estrutura espiritual. Cristo é

pedra viva no sentido de que ele é a vida e ao mesmo tempo vivifica. O mesmo é afirmado pelo evangelista João, quando atesta: nele estava a vida, e a vida era a luz dos seres humanos (Jo 1.4). A pedra fundamental, Cristo, foi **rejeitada pelos humanos** (literalmente: avaliado para longe, i. é examinado e considerado imprestável), **porém junto de Deus eleita e preciosa**. Toda a carta, particularmente o presente bloco, está cheia de teologia do AT. Isso já transparece nas citações literais (1Pe 1.24; 3.10-12), sobretudo em formulações e conceitos do AT reproduzidos livremente. O autor evidentemente estava bem familiarizado com o AT. Por essa razão sua mensagem e linguagem estão configuradas a partir do AT, mais precisamente da interpretação messiânica que dele fez o NT. No presente versículo brilham o Sl 118.22 e Is 28.16. O próprio Jesus havia aplicado a si o Sl 118.22 com as palavras: “Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram se tornou a pedra angular. Foi pelo Senhor que isso aconteceu, e ele é maravilhoso aos nossos olhos? Por isso vos declaro: o reinado de Deus vos será tomado e dado a um povo que produz seus frutos. E quem tropeçar sobre essa pedra ficará em pedaços; aquele sobre quem ela cair será esmagado” (Mt 21.42-44.) Especialmente depois da Páscoa a primeira igreja viu retratada nessas palavras do AT a crucificação e ressurreição de Jesus. A crucificação de Jesus é sua rejeição pelos seres humanos, não apenas pelos judeus, mas também pelos gentios. Depois que ele foi ressuscitado a primeira igreja depreendia do Sl 118.22 o juízo de Deus, seu “não obstante” que revolucionou tudo. Jesus na verdade foi **rejeitado pelas pessoas, mas junto de Deus ele é eleito e precioso**. O tempo verbal de **rejeitado** é o pretérito, que preserva sua relevância para a atualidade. Isso deixa claro que desde então essa polarização perpassa todos os tempos. Ainda hoje pessoas rejeitam essa pedra viva, colocando-se assim inteiramente na oposição ao veredicto de Deus: **mas junto de Deus eleito e precioso**. Quem vem a ele fica imediatamente inserido nessa contraposição. Quem assume o partido desse Messias Jesus tem de estar disposto a levar em conta que será rejeitado pelas pessoas junto com ele.

- 5 **Mas permiti que também vós mesmos sejais edificadas como pedras vivas em uma casa espiritual, em um sacerdócio santo.** Se Pedro tivesse continuado com a figura dos v. 1-3, agora ele teria de falar do calor do ninho ou aconchego que um filho de Deus precisa para seu desenvolvimento. No entanto, é significativo que no v. 5 ele deixe a ilustração do bebê de lado. Porque a palavra a respeito do “calor do ninho” também é perigosa. Poderia causar a impressão de que se trata meramente do cuidado pelos crentes. Não, trata-se da **casa espiritual** e, conseqüentemente, da honra de Deus e de seu ministério. Está em jogo a tarefa dada aos filhos de Deus. A **casa espiritual** é o templo, o lugar de revelação de Deus neste mundo. Abrange toda a igreja de todos os séculos sobre o orbe terrestre. O próprio Deus lançou seu alicerce (v. 6). Isso também significa que ele planejou a construção espiritual e agora a executa. Todos os que aceitaram Jesus como Senhor são **pedras vivas**. Depende deles o deixar inserir-se na casa espiritual. **Permiti que também vós mesmos sejais edificadas** (ou: construídos, encaixados) **como pedras vivas em uma casa espiritual**. Se os leitores aderiram à pedra viva, o Senhor ressuscitado, eles mesmos se tornaram pedras vivas que formam juntos uma casa espiritual, a saber, o “templo sagrado” da igreja do NT (Ef 2.21s). **Espiritual** não somente se refere ao contraste com um edifício material, mas aponta para o Espírito divino que preenche essa casa (cf. 1Co 3.16). Todos os que estão encaixados nessa casa de Deus têm suas tarefas diversas e especiais no respectivo lugar em que são sustentados e ao qual simultaneamente dão sustentação pessoal. Dessa forma, seu conjunto constitui um instrumento da revelação de Deus, por meio do qual se torna possível que pessoas distantes encontrem o caminho até Deus. Contudo, não são apenas uma **casa espiritual**, mas igualmente – isso torna a figura mais pessoal – um **sacerdócio santo**. O exemplo é o sacerdócio do AT. Seu ministério era de suma relevância. Era um privilégio poder pertencer ao sacerdócio santo da antiga aliança. Nós cristãos gentios de hoje geralmente temos um entendimento limitado demais para a magnitude do sacerdócio do AT, instituído pelo próprio Deus. Por isso temos tanta dificuldade para compreender o significado desses versículos. Cargos no AT tinham sua glória, mas não deixavam de ser limitados e provisórios (cf. 2Co 3.10). A verdadeira glória raiou somente agora em Cristo, na nova aliança com a igreja. Cada membro vivo nela foi convocado agora para ser sacerdote. Um sacerdócio santo, para **ofertar sacrifícios espirituais** (gerados pelo Espírito), este é, no conteúdo e segundo a gramática, o auge dos v. 4 e 5. **Apresentar oferendas** é a atividade precípua do sacerdote. Isso descreve, pois, a tarefa da igreja no NT. No serviço sacrificial é Deus que importa. Ele é o centro de todo sacerdócio. A Bíblia toda pensa de forma teocêntrica. Sob essa perspectiva também se pode ver corretamente o ser humano. **Sacrifícios espirituais** significam: oferendas geradas pelo Espírito. Oferendas autênticas,

que têm relevância perante Deus, somente são possíveis por meio do Espírito Santo. Ao mesmo tempo o atributo **espiritual** estabelece uma diferença em relação aos sacrifícios de animais no AT. A expressão para **sacrifício** a rigor refere-se a “oferenda imolada”. Isso provavelmente alude ao seguinte: sacrifícios espirituais autênticos somente podem ser usados onde alguém morre. O Espírito Santo faz com que cada um coloque o corpo à disposição como um sacrifício que seja vivo, santo e agradável a Deus (Rm 12.1). Entre as oferendas espirituais está a oração (Sl 141.2; 119.108; Ap 5.8; 8.3s), assim como as ações de graças (Sl 50.14, 23; 116.17), o louvor e testemunho do nome de Jesus (Hb 13.15; Sl 27.6), como também fazer o bem e partilhar (Hb 13.16; Fp 4.18). Quando se presta um serviço sacerdotal ao Senhor sempre surge ao mesmo tempo a responsabilidade diaconal. De igual forma o serviço sacerdotal ao evangelho (Rm 15.16; Fp 2.17) constitui uma oferta de sacrifícios espirituais. Contudo, as oferendas do AT, quando entendidas como devoção de justificação por obras, não agradam a Deus, porque assim diz o Senhor: “Ainda que me apresenteis holocaustos e oferendas de cereais, não me agrado disso” (Am 5.22s). No entanto, quanto às oferendas espirituais podemos estar cientes de que **são agradáveis a Deus**. O que todas as religiões tentam atingir com enormes esforços – e, não obstante, vão – é propriedade da igreja do Senhor! Ela pode ofertar um sacrifício agradável a Deus, precisamente **mediante Jesus Cristo**. Conseqüentemente, foi conquistado algo por Jesus que nenhuma religião conhece, nem sequer a velha aliança de forma plenamente real. A formulação deixa claro para quê, afinal, existe o sacerdócio santo. As oferendas geradas pelo Espírito são o objetivo de vida da igreja de Jesus. Quando seus membros negligenciam essa tarefa, sua existência fracassa, valendo para eles a terrível palavra de seu Senhor acerca dos ramos infrutíferos (Jo 15.6).

6 Por isso consta na Escritura: Eis que coloco em Sião uma pedra eleita, uma preciosa pedra angular, e quem crer nela não fracassará. A citação é de Is 28.16. Lá se informa que os dirigentes pretendiam trazer salvação ao povo de Jerusalém fazendo um pacto com a morte e a mentira. A isso Deus contrapõe sua ação redentora: “Eis que coloco uma pedra em Sião..., uma preciosa pedra angular.” Já o judaísmo interpretou essas palavras como referentes ao Messias. Os apóstolos viram profetizado nelas o acontecimento da Páscoa. Por meio do **eis** pretende-se chamar a atenção: Cuidado! Aqui está acontecendo algo que ninguém pode ignorar sem que sofra dano. No evento da Páscoa Deus se contrapôs à sentença de rejeição dos seres humanos, corrigiu o veredicto dos humanos e criou uma salvação que vale para todo o mundo. A seleção dos termos, bem como a figura da pedra angular firmemente alicerçada, expressam a ação soberana e poderosa de Deus de maneira tão maciça que percebemos: quem não respeita isso, quem se contrapõe é contra o desígnio determinado de Deus e fracassará por causa disso.

Contudo quem nela crer não fracassará. Essa rocha da história, essa pedra angular de todo o acontecimento da salvação é o Ressuscitado – unicamente ele! Crer nele significa alicerçar-se nele. Na língua original hebraica as palavras “crer” e “fundamentar” partilham a mesma raiz: *amán*. Nisso se evidencia que crer não acontece apenas com o pensamento, mas com toda a vida. Por estar em jogo a existência temporal e eterna, é tão importante a promessa: quem está fundamentado sobre a pedra angular colocada por Deus, quem se confia a ele, **não fracassará**.

7s É nessa pedra angular que acontece a decisão para cada ser humano. **A vós, pois, os crentes (é concedida) a preciosidade. Mas aos incrédulos (vale): A pedra que os construtores rejeitaram, essa pedra se tornou pedra angular, e uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo** (citação do Sl 118.22 e Is 8.14). **Machucam-se porque** (ou: enquanto) **não obedecem à palavra – para o que também foram colocados**. O texto grego traz no v. 6 (*timios* = precioso) e no v. 7 (*timé* = preciosidade) a mesma raiz terminológica. Isso também deveria ser expresso na tradução, porque o v. 7 acolhe a palavra de Deus do AT citada no v. 6, aplicando-a aos destinatários. No grego, *timé* significa: valor, honra, posição de honra. No presente caso a tradução melhor é **preciosidade**, em consonância com “preciosa” no v. 6. O v. 6 falava da preciosa pedra angular, e os v. 7s explicitam: aos crentes é concedida a preciosidade, a honra dessa pedra angular, ao passo que os descrentes rejeitaram aquele que é transformado por Deus em pedra angular. Desse modo o Crucificado tornou-se para eles uma pedra em que se machucam, e uma rocha sobre a qual tropeçam. Portanto a mesma pedra tem efeitos totalmente contrários, dependendo de como as pessoas se posicionam em relação a ela, com fé ou incredulidade. As expressões **preciosidade** (honra), **tropeço** e **escândalo** são carregadas a partir das citações do AT. Têm um conteúdo maior do que parece à primeira vista. Preciosidade e honra abarca justificação, comunhão com Deus e glória eterna. Mas também as

palavras tropeço e escândalo têm um significado de peso para o destino das pessoas. “Pedra de tropeço” refere-se a um bloco contra o qual colidimos e no qual a gente se prejudica. Isso é enfatizado pela locução “rocha que leva à queda”. Não se trata apenas do “escândalo”, mas da ruína, do colapso de toda a existência, que advém a todos que rejeitam a Jesus, o único Redentor. Visa-se expressar assim a consequência aniquiladora da oposição a Deus e do eterno distanciamento de Deus.

A vós, pois, os crentes... Mas aos incrédulos – essas são as duas possibilidades de como podemos posicionar-nos diante da oferta de salvação de Deus em Cristo. De acordo com o NT, em última análise é somente essa diferença que permanece e decide. Nisso fica claro que na fé vale o posicionamento diante daquele Cristo que Deus posicionou como pedra angular em meio aos povos e através do qual ele agora leva cada ser humano a se decidir... **Mas aos incrédulos vale: a pedra que os construtores rejeitaram, essa se tornou pedra angular, e uma pedra de tropeço e rocha de escândalo.**

“**Machucam-se porque não obedecem à palavra – para o que também foram colocados.**” “**A palavra**” como mensagem de Jesus Cristo não é simples palavra humana, mas oferta de salvação por Deus. É preciso reagir a ela e tomar uma decisão. A única reação correta é a fé, que se define pela obediência. Incredulidade é, na maioria dos casos, expressão do não querer obedecer. Isso de forma alguma representa primordialmente uma questão da razão, mas da vida toda. Por essa razão também aqui a incredulidade é chamada de desobediência: “**Machucam-se porque não obedecem à palavra.**” A alternativa de que a preciosa pedra angular venha a ser uma preciosidade para o ser humano ou um tropeço para que caia não incide sobre ele como destino cego, mas tem como causa a fé ou a desobediência diante da “**palavra**”. “**Para o que também são colocados**” não deve ser relacionado com o “porque não obedecem à palavra”, mas com o “machucam-se”. A Bíblia não ensina que Deus colocou pessoas para a desobediência ou incredulidade. Pelo contrário, Deus dispôs que aquelas pessoas que são desobedientes se machuquem e caiam. A Bíblia não analisa o problema da predestinação. Pelo contrário, aos que crêem é dito: Deus escolheu vocês (1Ts 1.4; Ef 1.4; etc.) e aos desobedientes: para isso fostes colocados. Deus confronta o ser humano com a decisão, e depois ele dá à decisão humana a confirmação de sua vontade divina. Está em jogo a divindade de Deus. Nenhum crente pode ter a presunção de que sua decisão lhe acarreta a salvação. Não, Deus o escolheu. E nenhum incrédulo pode pensar que sua decisão volitiva no final se apresentará teimosa e vitoriosa. Deus se contrapõe à birra do ser humano: não queres, portanto também não poderás. Nem mesmo os desobedientes conseguem desfazer o plano de Deus. “Para o que também foram colocados” significa que Deus os insere em seu plano.

- 9 Com as palavras **Vós, porém**, é retomado o contraste entre os crentes e incrédulos que já ficou explícito no v. 7. Os crentes têm uma posição incomparável por meio de Cristo. Saber disso não é orgulho, mas realismo bíblico. Existe uma consciência de classe autêntica e necessária. Para que não desanimem em suas fraquezas e perseguições, ou tentem se tornar grandes no mundo, precisam saber como são ditosas sua condição e sua tarefa em Cristo. **Vós, porém** (sois a) **raça eleita**, (o) **sacerdócio real**, (o) **povo santo**, (o) **povo para a propriedade**.

Aqui são citados Is 43.20s e Êx 19.6, no entanto outra vez de forma bastante livre, provavelmente de cor. Por ocasião da celebração do pacto no Sinai Deus havia declarado a verdadeira missão de Israel: sereis povo da minha propriedade, um sacerdócio real, um povo santo. E em Is 43.10s Deus havia afirmado sobre o povo a ser reconduzido da Babilônia: ele é “minha raça eleita, meu povo, que preparei para mim, a fim de comunicar os meus feitos benfazejos” (segundo a LXX). O povo de Deus no AT tinha uma finalidade diferente dos demais povos, as “nações”. Agora, porém, a dignidade e incumbência dada a Israel no AT vigoram – no Messias Jesus – para o povo de Deus do NT. Em termos de história da salvação é relevante que para a convocação à igreja da nova aliança já não importa pertencer a um povo, mas ter a fé! É verdade que Israel mantém uma posição singular na história das nações e da salvação (Rm 9-11), mas a verdadeira diferença perante Deus foi eliminada (Ef 2.14). Agora se pode anunciar aos que foram redimidos pelo sangue de Jesus: **Vós, porém, sois a raça eleita**. Raça significa descendência comum, surgida em Israel por via natural, aqui, no entanto, por um nascimento espiritual (1Pe 1.3,23). São eleitos pela escolha de Deus. Ela repousa exclusivamente sobre a benignidade de Deus (Ef 1.5s). Além da escolha por graça repercute no termo grego *eklektos* “eleito” também a seleta posição elevada para a qual a seleção divina exalta a pessoa. **Sacerdócio real**: no texto hebraico em Êx 19.6 consta “um reino de sacerdotes”. Ao contrário das nações, Israel não devia ter uma tarefa política mas sacerdotal no mundo (cf. Gn 12.3). Pelo fato de

que o pensamento de Israel voltou-se cada vez mais para o “reinado” ao invés da tarefa sacerdotal, esse povo perdera, pelo menos para a era presente, sua verdadeira função sacerdotal no mundo. No NT são colocadas mais nitidamente as ênfases sobre o sacerdócio: **um sacerdócio real**. Um sacerdócio para este mundo – essa é a posição e tarefa da igreja de Jesus (cf. também o v. 5 e Ap 1.6; 5.10). É real porque pertence ao reinado de Deus e vive em direção a ele. Apesar de tribulação e desprezo ele não deixa de ser regimento livre, porque está vinculado a Deus. **Santo** é um povo que pertence a Deus, que está separado para o serviço dele. Os que foram convocados desse modo vivem entre os povos e, não obstante, constituem um só povo, formando um conjunto por meio de Cristo, separados para o seu serviço (cf. Jo 17.15-19). Para uma autocompreensão correta é usada uma quarta expressão: eles são **povo para propriedade**. A palavra grega para propriedade também pode significar “preservação” e “aquisição”. A idéia é de uma propriedade que o próprio Deus adquiriu para si mesmo. Nenhuma outra pessoa pode reclamar direitos de posse sobre o povo, senão unicamente Deus. Esse povo tampouco existe para si mesmo, mas exclusivamente para Deus (cf. Tt 2.14). “**Para** propriedade” pode sugerir que essa relação de propriedade não se limita ao presente, mas que ainda será aperfeiçoada em glória.

A finalidade da vocação divina é: **para que proclameis amplamente as proezas daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz**. Se essa proclamação não acontecer, a vocação fracassa. O povo de Deus existe para que **proclame amplamente**. No grego consta um termo que se refere à proclamação com exclamação enfática. O povo de Deus da nova aliança tem motivo para anunciar largamente as **proezas** de seu Senhor. A palavra grega para proeza (*areté*) tem muitas facetas. A antiga tradução de Lutero traz “virtude”, mas isto tem uma conotação excessivamente moral. A tradução revisada de Lutero traz “benefícios”, o que é correto, enquanto não limitarmos a idéia à esfera da vida material, mas a entendermos como poderoso ato de salvação. A palavra aqui citada de Is 43.21 significa no idioma hebraico: glorificação, louvor, fama, façanha (*tehilah*) e, no grego, virtude, ato divino de poder, milagre. É preciso perceber o contexto dos significados. O povo de Deus tem de anunciar os feitos poderosos de Deus. Contudo, faz parte do lado objetivo dos feitos de Deus também o lado subjetivo (aquele experimentado pessoalmente por cada um). Afinal, Deus é aquele **que vos chamou para fora das trevas à sua maravilhosa luz**. Quem experimentou a intervenção resgatadora de Deus em sua vida não pode silenciar a esse respeito, uma vez que sabe que foi arrancado do âmbito de poder das trevas e transferido para o senhorio libertador do Ressuscitado (Cl 1.13). **Trevas** significa distância de Deus (Mt 22.13; cf. também Jo 1.5; 12.46), designa o que é diabolicamente mau (Lc 22.53: esse é o poder das trevas). O ser humano distante de Deus vive nas trevas (1Jo 1.6) e realiza obras das trevas (Ef 5.11). Quando Deus não é honrado nem recebe ações de graças, os corações são cobertos pelas trevas (Rm 1.21). Para a humanidade resulta daí esta arrasadora condição: “Trevas cobrem a terra, e escuridão os povos” (Is 60.2). Deus, porém, chama para fora das trevas – para dentro de **sua maravilhosa luz**. Aqui se fala da **luz** como de uma esfera, a saber, a proximidade de Deus. Luz é seu manto (Sl 104.2), seu reino se caracteriza pela luz, e ele habita em uma luz da qual ninguém pode aproximar-se (1Tm 6.16). Sim, sua luz é tão intensa que não podemos nos aproximar dela sem sofrer conseqüências: “Quem dentro nós é capaz de habitar junto da ardência eterna” (Is 33.14)? Quando uma pessoa segue o chamado de Deus rumo à luz, isso significa para ela um juízo sobre todas as trevas em sua vida. Nesse passo ela traz à luz o pecado, torna-se verdadeira perante Deus (Jo 3.19-21) e retorna para uma vida na proximidade de Deus. Por essa via os destinatários da carta se tornaram pessoas novas. E também hoje não existe outro caminho para lá senão que nossos olhos sejam abertos e, conseqüentemente, nos convertamos das trevas para a luz e do domínio de Satanás para Deus (At 26.18). Essa luz vitoriosa é verdadeiramente **maravilhosa**: que diferença entre as trevas em que vivíamos antes e a atual luz de Deus na nova vida! Supera todos os conceitos humanos de luz, e muito mais todas as concepções em vista da glória vindoura.

- 10** A convocação para a luz de Deus se configura de forma ainda mais maravilhosa quando os convocados ponderam quem eles eram antes: **que outrora** (éreis) “**não povo**”, **agora, porém**, (sois) **povo de Deus, que não** (éreis) **agraciados, agora, porém** (sois) **agraciados**. Aqui ecoam palavras do profeta Oséias. Lá fica evidente que: “não ser povo de Deus” significa para Israel uma condenação extrema (Os 1.6,9). Para os gentios, porém, essa era até então a “condição normal”. Ser agraciado e ser povo de Deus significa salvação e paz (Os 2.3,23). Na vida dos destinatários cabe diferenciar nitidamente entre **outrora** e **agora**. Houve uma época em sua vida na qual não eram

agraciados (literalmente: sem misericórdia), mas ainda estavam sob a ira de Deus (Rm 1.18ss) e, conseqüentemente, entregues aos poderes da perdição. **Agora, porém,** estão agraciados e se encontram sob a misericórdia de Deus. Isso os torna gratos e convictos da salvação. Com esse conhecimento conseguem ser testemunhas das proezas benéficas de Deus.

Tenham uma boa conduta! – 1Pe 2.11s

- 11 – Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma**
12 – mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação.

11 **Amados** é uma expressão freqüente no NT. Explicita o clima básico entre aqueles que Jesus acolheu em seu amor. “Sabemos que saímos da morte para a vida porque amamos os irmãos” (1Jo 3.14). Essa nova citação sugere que começa um novo bloco. **Exorto-vos como retirantes e forasteiros.** 1Pe 1.1 falava de “forasteiros eleitos”. Da consciência de ser retirantes e forasteiros descortina-se para eles a visão correta, isto é, realista de sua situação. Isso é premissa para a vida certa. Já no AT os membros do povo de Deus são chamados de peregrinos e forasteiros. No texto hebraico do Sl 39.12 consta: Sou estrangeiro contigo (um estrangeiro “com Deus”!), um peregrino como todos os meus pais. Ali “forasteiro e peregrino” são simplesmente expressões paralelas, como, aliás, o hebraico tem predileção por formulações paralelas. No grego, o termo **retirante** (*paroikos*) se refere àquele que reside sem pátria e cidadania em um local estranho, e **forasteiro** (*parepidemos*) se refere mais àquele que se encontra temporariamente em um lugar qualquer ou que está em trânsito como viajante ou peregrino. Como retirantes e forasteiros (cf. o comentário sobre 1Pe 1.1) os membros do povo de Deus no NT devem ter consciência da insegurança e interinidade de sua existência terrena, afirmá-la, avaliando a partir daí corretamente tudo o que diz respeito à sua vida. Sua condição de forasteiros acontece entre os gentios (v. 12). Por isso também se pode colocar o grande bloco subsequente (1Pe 2.11 a 4.19) sob o tema: “A vida do cristão entre os gentios”. A exortação para uma **boa conduta** tem peso máximo nas cartas apostólicas. De forma muito semelhante a Paulo em Rm 12.1s, Pedro começa, como introdução à seção ética (referente à condução da vida) de sua carta, assinalando algumas importantes linhas mestras. Deseja afirmar preliminarmente: lembrem-se de que são estrangeiros. Cuidem para que sua própria vida espiritual esteja ordenada, que vocês não sejam governados pelos desejos. Preconceitos tolos ou malévolos do contexto gentílico poderão ser superados da forma mais eficaz por meio de uma **boa conduta**.

Os apóstolos não deixam a vida e decisões vitais dos crentes unicamente por conta da ação interna do Espírito Santo. Tampouco regulamentam a conduta de vida deles por meio da lei, nem permitem que as comunidades sigam seu caminho com uma liberdade falsa. Ao invés disso, entregam-lhes orientações para a vida em forma de exortações. O **exorto-vos** apostólico determina a subsequente seção ética da carta até o final. Corresponde por um lado à liberdade diante da lei e por outro à vinculação a Jesus como Senhor. Não coage e apesar disso é compromissivo. A palavra grega para “exortar” (*parakalein*) significa também estimular, encorajar, consolar. Conseqüentemente, o exortar bíblico é ao mesmo tempo encorajar e consolar. Brota do cuidado amoroso pelo irmão.

Exorto-vos,... que vos abstenhais das paixões carnis que lutam contra a alma. Carne designa inicialmente a constituição do ser humano, sua condição de criatura. O ser humano foi criado como ser transitório de carne e sangue. Contudo, por ele ter se distanciado de Deus, “carne” ao mesmo tempo define também sua separação de Deus, estar apoiado em si próprio, e até mesmo a afirmação própria do ser humano diante de Deus, sua resistência intencional contra Deus. As paixões carnis (ou: “desejos carnis”), portanto, são as pulsões naturais, p. ex., a pulsão de autopreservação com o afã de comer, beber e dormir, a pulsão sexual com seu anseio pelo sexo oposto, a pulsão de comunicar-se, que se expressa no falar, bem como a pulsão acumuladora que deseja possuir. Essas aspirações naturais em si não são pecados. Foram concedidas ao ser humano na criação. Contudo, uma vez que o ser humano se separou de Deus, todos os desejos da carne visam à afirmação perante Deus, a tornar-se independente de Deus e encontrar na satisfação do desejo natural o conteúdo e alvo da vida. Ademais na raiz do desejo carnal está o seu caráter insaciável. Quando recebe a liberdade de

se desenvolver (Gl 5.16), acaba nas “obras da carne”, que Paulo arrola com grande gravidade em Gl 5.19-21. Por isso o conceito “paixões” tem geralmente uma conotação negativa no NT (Rm 7.7s; 13.14; Cl 3.5; etc.). O plural “as paixões, os desejos” tem sempre sentido negativo (Rm 1.24; 6.12; Ef 2.3; Tt 2.12). No entanto, quem se submeteu ao senhorio de Deus na conversão já não vive para si mesmo e para seus desejos, embora continue com o corpo de carne e sangue e, por conseguinte, com o desejo carnal natural. Das paixões afirma-se, portanto, que lutam **contra a alma**. O termo “alma” designa aqui a pessoa como tal, que existe além da morte (cf. Mt 10.28: não temais os que matam o corpo mas não são capazes de matar a alma). Por durar para além da morte, por ser destinada para a comunhão com Deus, tudo depende de que a alma permaneça nessa comunhão e vença os perigos. Pois as paixões carnis lutam (ou “combatem”) contra a alma. Quando elas vencem, ou seja, quando vivemos segundo essas paixões, isso pode significar a morte espiritual. Paulo diz: “Quando viveis segundo a carne, tereis de morrer” (Rm 8.13). É importante como nos posicionamos diante das paixões carnis, decidindo se nos deixaremos dominar por elas ou pelo Espírito de Deus (Rm 8.13b; Gl 5.16). Por isso importa manter-se longe dos desejos carnis, i. é: não se ocupar com eles, voltar-lhes as costas e dedicar-se a algo diferente. O contrário seria dedicar-se às paixões, correr atrás delas. Contudo também a penosa luta contra elas é nefasta. Porque assim nos ocupamos demais com elas. Dessa forma as atariamos muito mais. Isso tão-somente levaria a recalques.

- 12 Manter-se longe delas está em estreita relação com a boa conduta. A construção da frase o explicita: **Mantendo exemplar vosso procedimento entre os gentios**. Trata-se do comportamento concreto de cada dia. Todo ser humano, querendo ou não, tem de configurar a vida de uma maneira ou outra. Cabe, então, formatar a conduta para que seja boa, porque ela se processa entre os gentios. Nisso há para nós ao mesmo tempo uma responsabilidade e uma chance. Os “gentios” observam, muitas vezes com preconceito e consciência atçada, a vida dos cristãos. Constitui uma experiência bíblica, constantemente confirmada na igreja: quando testemunhas de Deus atingem a consciência dos gentios, a primeira reação deles é a rejeição. Em geral voltam-se primeiro contra as testemunhas: foi o que aconteceu com os profetas do AT, depois também com o próprio Jesus (Mt 11.19) e agora as testemunhas de Cristo. Em decorrência, Pedro conta quase que naturalmente com o fato de que se fala maldosamente contra os cristãos da Ásia Menor, como se fossem malfeitores. De que maneira, porém, devem responder a isso? Com boa conduta. Essa é a melhor e mais promissora resposta às difamações: **Para que, naquilo em que vos difamam como malfeitores – contemplando a partir das boas obras – enalteçam a Deus no dia da visitaçāo**. Em termos gramaticais e de conteúdo, Pedro relaciona aqui estreitamente as difamações com a honra de Deus. Através das difamações o olhar da opinião pública se dirige para os controvertidos discípulos de Jesus. No entanto, evidenciando-se neles boas obras e desmascarando-se a acusação como difamação, poderá acontecer que os gentios glorifiquem a Deus. É assim que os difamadores podem contribuir para a honra de Deus. Beck diz acerca deste versículo: “Exatamente na mesma questão em que os gentios vos acusam de malfeitores, eles terão de dar glórias a Deus por causa das boas obras, em virtude de percepção mais acurada.” Essa maravilhosa transformação da situação, porém, depende de que os injuriados tenham uma boa conduta entre os gentios, que boas obras sejam sua marca registrada. É somente então que os gentios começam a ver corretamente, e para sua vergonha percebem que seu veredicto sobre os supostos malfeitores se baseava em pura difamação. Por isso as boas obras são indispensáveis para que os gentios fiquem atentos e consigam se aperceber dos fatos. Pedro atribui aqui à conduta dos cristãos uma relevância decisiva para a missão entre os gentios.

O objetivo não é que se faça justiça aos difamados, mas que Deus seja honrado: ... **para que eles**, os gentios, **glorifiquem a Deus** (ou: **dêem honras a Deus**). Aflora – como alvo da redenção – a primeira prece da oração do Senhor: “Santificado seja o teu nome” e Ef 1.12: “Para que sejamos algo para o louvor de sua glória”. Entretanto, quando o gentio começa a glorificar a Deus, é necessário que o Deus vivo tenha entrado em sua vida. Isso pode conduzir à sua redenção, o que novamente redundará em louvor a Deus. Na realidade isso depende, em última análise, da atuação de Deus, que suscita o dia da visitaçāo. Pedro conta com esse acontecimento. O “dia da visitaçāo” é o dia da intervençāo divina, não como dia do juízo final, mas como dia da interferência na vida de um indivíduo ou do povo (Is 10.3; Jr 6.15; Ez 34.11; Lc 19.44). Para quem viveu uma boa conduta a visitaçāo significa consolo por meio de Deus e com freqüência também a justificaçāo perante os gentios. Para os incrédulos, porém, a visitaçāo é a ruína de sua conduçāo vivencial errada e de suas escoras de vida. Quando tudo isso desmorona, pode acontecer, ao mesmo tempo, que eles dêem

honras a Deus. Aprenderam a ver através da vida exemplar daqueles que pertencem a Jesus. Isso pode ser, para aquele que anseia que Deus seja honrado, um estímulo suficiente para sua própria vivência consagrada. Conseqüentemente, os v. 11s são uma introdução fundamental à seção ética da carta.

Comportamento correto em relação a todos – 1Pe 2.13-17

- 13 – **Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, quer seja ao rei, como soberano**
- 14 – **quer às autoridades, como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem.**
- 15 – **Porque assim é a vontade de Deus, que, pela prática do bem, façais (ou: façamos) emudecer a ignorância dos insensatos,**
- 16 – **como livres que sois, não usando, todavia, a liberdade por pretexto da malícia, mas vivendo como servos de Deus.**
- 17 – **Tratai todos com honra, amai os irmãos, temei a Deus, honrai o rei.**

13 Demos preferência, na tradução, a **sede sujeitos** (em contraposição a “sede submissos”), porque no verbo grego existe a conotação: colocar-se debaixo de uma ordem. Não se trata de uma submissão destituída de vontade, de obediência cega, mas da inserção consciente em uma ordem. Quanto à forma verbal (aoristo), cf. a nota sobre 1Pe 1.13. **Sede sujeitos a toda criatura humana por causa do Senhor.** Que significa **criatura humana**? O grego *ktisis* significa “criação” no sentido tanto da designação do processo criativo, como também do resultado. Por isso *ktisis* também significa “criatura”. Para a tradução mais freqüente: “cada ordem humana” não existe comprovação na literatura grega. Obviamente “ordem” seria plausível porque criação também é ordem. Contudo o conceito da ordem carece de um aspecto importante contido em *ktisis* = criatura: a relação com Deus. “Toda ordem humana” poderia ser entendida erroneamente como “ordem dos seres humanos”. No entanto, **toda criatura humana** tem origem e limitação em Deus. Também a continuação do versículo sugere que aqui não se tem em vista ordens, mas pessoas (rei, procurador). Daí, portanto, a tradução: **Sede sujeitos a toda criatura humana por causa do Senhor.** Trata-se de se inserir em toda ordem na qual uma criatura humana é nossa superiora. O “sede sujeitos” rege gramaticalmente todo o bloco de 1Pe 2.13 a 3.7. Os v. 18ss e 3.1ss são mantidos como dependentes do verbo principal em 1Pe 2.13 por meio de uma construção participial. Por isso é plausível que o v. 18 inclua os senhores, e 1Pe 3.1, os maridos. Pedro diz que devemos nos sujeitar a eles e dar-lhes honra, porque e na medida em que são nossos superiores (cf. v. 17). Contudo parece dar mais um passo adiante: também 1Pe 3.8ss deve pertencer ao presente bloco, onde o olhar de fato passa a ser dirigido a cada criatura humana. Também no comportamento ali demandado em relação aos irmãos e ao mundo é necessário inserir-se e sujeitar-se a toda criatura humana. Nessa solicitação não há que se temer uma dependência não-bíblica de pessoas. No v. 17 consta: a todos dai honra. Isso corresponde exatamente à exigência do v. 13. No entanto, é digno de nota que não se lê: submetei-vos a “todo ser humano”. Não devemos ver os humanos separados de Deus, mas saber que cada ser humano é criatura, tem um lugar e posição apontados pelo Criador. Dessa maneira toda criatura humana recebeu uma dignidade concedida pelo Criador. Ao valorizarmos cada pessoa como criatura, respeitamos o Criador. **Por causa do Senhor** nós nos sujeitamos a toda criatura humana. O Senhor, que concedeu a cada pessoa a dignidade de criatura, deseja que essa dignidade seja preservada. No entanto, é preciso ponderar em sentido mais amplo que todo ser humano superior a nós é criatura. Cabe sujeitar-nos a ele somente como a uma criatura, não como a um ser autocrático. Quando se transforma em senhor absoluto, em senhor até mesmo sobre o Criador, seus mandamentos e as consciências das pessoas, prevalece a palavra de At 5.29: “É preciso obedecer antes a Deus que aos humanos.” Por conseguinte o v. 13 requer sujeição por causa do Senhor, preservando assim da subordinação errada, da obediência incondicional e irresponsável.

14 **Sede sujeitos ao rei como ao cabeça e aos procuradores como aos que são enviados por ele, para punir os malfeitores, mas para elogio dos que praticam o bem.** Naquele tempo o rei era o imperador em Roma. “Rei” significa, portanto, o respectivo **cabeça**, independente de qual seja seu título e que forma de governo um país possua. Nessa questão não importa se o dirigente também

apresenta suficientes capacidades organizativas e morais ou se assumiu o poder de forma legítima. O simples fato de ser o cabeça (ou também, de possuir “o poder maior”), faz dele uma autoridade à qual cabe sujeitar-se.

O cabeça pode transferir seu poder a **procuradores, que são enviados para punir os malfeitores, mas para elogiar aqueles que praticam o bem**. É a partir dessa incumbência que se justifica a existência da autoridade. Nenhuma autoridade pode existir por longo tempo se tolerar a livre ação ao mal. Por interesse próprio é obrigada a agir de tal forma que pune os malfeitores e elogia os que fazem o bem. Dessa forma, porém, ela serve ao desígnio divino de preservar o mundo, independentemente de saber e querer isso ou não. Por isso a Bíblia considera as autoridades e sua função como uma ordem da criação divina para o bem dos seres humanos. **Enviada para punir os malfeitores, mas para elogiar aqueles que praticam o bem** assinala não apenas a tarefa, mas também o limite do poder da autoridade. Quando a autoridade classifica o mal como bem e o bem como mal (norma para isso é a palavra de Deus), quando ela se arroga o direito de controlar a consciência e a fé, vale a palavra de Jesus: “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mt 22.21). O cristão há de se sujeitar à solicitação da autoridade para praticar o bem, porque fazer o bem também faz parte do seu interesse. Desse modo se constitui a base de um relacionamento positivo dos cristãos perante a autoridade. Na tarefa da autoridade de elogiar o bem, ou seja, de reconhecê-lo publicamente, reside uma chance autêntica dos cristãos, porque, afinal, desejam fazer o bem.

15 Porque assim é a vontade de Deus, que pela prática do bem façais calar a ignorância dos insensatos. O verbo grego a rigor significa: colocar um cabresto, tapar a boca e conseqüentemente fazer silenciar. **Ignorância** não se refere a uma carência intelectual, mas à falta de entendimento para a essência de algo. A partir de sua existência mundana os incrédulos realizam julgamentos mundanos, preconceitos que denotam incompreensão. Por isso são pessoas **insensatas**, i. é, pessoas que não conhecem a redenção por experiência própria, motivo pelo qual formam opiniões erradas acerca dos redimidos. Tudo isso vale também para governantes. O caráter diferente dos discípulos de Jesus suscita a sua desconfiança. Os cristãos estão direcionados para o mundo futuro de Deus. A isso os incrédulos chamam de alienação do mundo, incapacidade para o mundo e fuga do mundo. A determinação incondicional de obedecer mais a Deus que aos humanos é chamada por eles de recalcitrante. “Um é *Kyrios*, Senhor, a saber, Jesus”, exclamava a novel cristandade! As pessoas ignorantes, porém, concluíam: o cristianismo é contra a autoridade das autoridades. E quando ouviam que perante Deus todos eram iguais, eles concluíam: o cristianismo instiga os escravos e as mulheres. Conseqüentemente o mundo considerava os cristãos como sectários perigosos, que geravam desobediência e tentavam derrubar as ordens vigentes. Os gentios notaram que o evangelho contém uma força. Em sua ignorância pensam que seria uma força explosiva dirigida contra as ordens vigentes. No entanto, é uma força para a prática do bem, para a preservação até mesmo das ordens mundanas. Isso precisa ficar evidenciado pela ação. Pedro diz: é vontade de Deus **que pela prática do bem façais calar a ignorância das pessoas insensatas**. Essa formulação geral serve para todas as situações e épocas. Ir ao encontro da ignorância dos incrédulos com a prática do bem representa a vontade de Deus (cf. o comentário ao v. 12). Por isso a decisão sobre praticar ou não o bem não pode ser deixada ao bel-prazer de cada um. Pela fé podemos esperar que, se algo fizer silenciar a ignorância das pessoas insensatas, será a prática do bem.

16 Como livres e não como pessoas que têm a liberdade como subterfúgio da maldade (ou malícia), **mas vivendo como servos de Deus**. Logo existe o risco de tentarmos encobrir a maldade com o pretexto da liberdade. Isso seria abusar da liberdade. Porque a verdadeira liberdade é liberdade para o bem, para a obediência a Deus, liberdade do pecado e da malícia. E a maldade sob o subterfúgio da liberdade representa nova servidão, um constante perigo para a vida cristã. E também hoje ecoa nas igrejas o lema: “Somos livres, não nos deixamos escravizar pela velha moral bíblica.” Então a liberdade se torna “subterfúgio da malícia”. A verdadeira liberdade dos filhos de Deus se mostra no fato de serem livres da escravidão do pecado e servos de Deus. Neles deve ser perceptível a natureza de seu Senhor, que odeia o mal, que não pode ter comunhão com a maldade. Por isso os “escravos de Deus” continuam verdadeiramente livres, por se sujeitarem à autoridade na prática do bem.

17 Pedro sintetiza: **A todos dai honra, amai os irmãos, temei a Deus, honrai o rei**. De relevância decisiva para nossa atitude e nosso agir é que desenvolvamos um relacionamento apropriado para

cada pessoa. **A todos dai honra:** em cada ser humano deve ser vista a criatura de Deus, a personalidade destinada à comunhão com Deus. Desprezar o concidadão é negar essa dignidade e destruir nossa relação com ele. Temos de chegar a uma percepção do valor de cada pessoa. Isso nos proporciona um relacionamento correto com ela, com cada uma, inclusive com a pessoa que na realidade nos aborrece. Com uma visão tão positiva teremos uma boa influência sobre nosso entorno. **Amai os irmãos.** Schlatter traduz: “Amai a irmandade.” Isso expressa: cabe cultivar não apenas a mentalidade fraterna, e tampouco de forma genérica o grupo da irmandade, mas de fato todos os irmãos sem exceção devem experimentar nosso amor, no que as irmãs estão tacitamente incluídas. Quem é meu irmão, tem direito ao meu amor. Sem dúvida devemos amar também aos inimigos (Mt 5.44; Lc 6.35) e com certeza também as demais pessoas. Contudo não encontramos nenhuma solicitação genérica no NT de amarmos todo o mundo. O amor é dedicação pessoal, ativa. Por isso o NT por um lado afirma “Ama teu semelhante” (Mt 19.19; etc.), situação em que também o inimigo pode ser meu semelhante. Mas por outro o amor aos irmãos é “amor à família”, ele pertence à natureza de sua comunhão (Jo 13.35; cf. também o comentário a 1Pe 1.22). **Ao rei honrai.** Isso resume o presente trecho. Expressa o relacionamento positivo com a autoridade e ao mesmo tempo o limite: nunca o rei poderá demandar o que cabe exclusivamente a Deus, mas somente o que cabe ao ser humano: honra, respeito e reconhecimento. Quem vive segundo essas instruções encontrará o relacionamento apropriado para com todos. Temer a Deus (cf. At 9.31; Rm 3.18; 2Co 5.11; 7.1; Ef 5.21) é a atitude apropriada do ser humano perante seu Deus. Somente quem teme a Deus também pode amá-lo corretamente e confiar nele sem que o amor a Deus se torne uma intimidade errada. Quem deseja amar a Deus sem temê-lo não tem diante de si o Deus da Bíblia. Até mesmo os mais altos anjos cobrem o rosto diante daquele que é três vezes santo (Is 6.2). E em pessoas em cuja vida Deus agiu de forma especial pode-se notar que a proximidade de Deus desencadeia um temor santo (Is 6.5; Mt 17.6; Ap 1.17). Quem entendeu a natureza de Deus há de temê-lo. E o temor a Deus sanará toda a vida de fé e do dia-a-dia. Desse modo são purificados o amor a Deus, o arrependimento, a oração, o trabalho e o pensamento (cf. também o comentário a 1Pe 1.17). Porque “o temor do Senhor é o início do conhecimento” (Pv 1.7). Não obstante, é preciso declarar também o outro aspecto: “No amor não existe o medo, mas o amor perfeito expulsa o medo” (1Jo 4.18). Quem está reconciliado com Deus certamente temerá a Deus, mas não terá medo dele, de sua ira, de seu juízo, do encontro com ele, porque está inteiramente rodeado do amor de Deus, seu Pai.

Comportamento correto perante os superiores – 1Pe 2.18-25

- 18 – Servos, sede submissos, com todo o temor ao vosso senhor, não somente se for bom e cordato, mas também ao perverso,**
- 19 – porque isto é grato, que alguém suporte tristezas, sofrendo injustamente, por motivo de sua consciência para com Deus.**
- 20 – Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus.**
- 21 – Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos,**
- 22 – o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca.**
- 23 – pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente.**
- 24 – carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados (ou: libertos dos pecados), vivamos para a justiça. Por suas chagas, fostes sarados.**
- 25 – Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo da vossa alma.**

É uma evidência do amor e da coragem de fé dos apóstolos o fato de que eles não ignoraram as profundas aflições dos membros da igreja, que não restringiram suas exortações ao âmbito devoto do íntimo do ser humano. Sabiam que a vida espiritual está enferma enquanto a vida cotidiana não for

controlada. Nessa consciência, tiveram a coragem de também enfocar questões difíceis e dar exortações que contrariam o sentimento do ser humano natural.

18 Vós servos, sede sujeitos com todo temor aos senhores, não apenas aos bons e amistosos, mas também aos perversos. Foi retomada a expressão-chave do v. 13, “sede sujeitos”. A expressão grega *oiketai* = servos (derivada de *oikos* = casa) designa moradores da casa, escravos domésticos; também os escravos alforriados de uma casa eram chamados assim. A presente seção, portanto, se refere a antigas relações domésticas e de serviço, mas está aberta para relações de serviço de todos os tempos. Aqui não consta *doulos*, a expressão típica para o escravo. Por isso não podemos esperar de nosso trecho um posicionamento fundamental acerca da questão do escravismo. Pedro não fornece nenhuma confirmação do escravismo, mas apenas uma instrução para todos os que estão sujeitos a um superior, escravos e livres. **Sujeitai-vos com todo o temor aos senhores.** A quem se refere **temor**? Será somente ao senhor humano e ao castigo dele? Cumpre ver sempre a Deus por trás da situação e temê-lo (v. 17). Logo deve tratar-se aqui do temor a Deus. Confere ao serviço a conscienciosidade também perante senhores terrenos. Um olhar para a seção sobre o matrimônio (1Pe 3.2) revela que aqui não se trata do temor a pessoas nem tampouco do temor do escravo: ali também retorna o termo “temor”, que decididamente não deve ser relacionado apenas com o marido, mas igualmente com Deus. Pedro aborda um dos problemas mais graves de seu tempo. Com certeza ocasionalmente via vergões na face dos **servos** e ouvia queixas sobre os **patrões** durante o aconselhamento pastoral. Nessa situação sua exortação é: **sede sujeitos aos senhores, não apenas aos bons e amistosos, mas também aos perversos.** *Skolios* = perverso a rigor significa torto, distorcido. O termo contém uma valoração. O apóstolo mostra com essa apreciação negativa que ele não ignora a injustiça que seus irmãos sofrem.

19 Porque isso é graça, que alguém suporte dores por causa da consciência perante Deus, desde que sofra injustamente. Com essas palavras Pedro lança uma nova luz sobre a penosa situação dos não-livres. Visa alcançar nesses irmãos e irmãs oprimidos, cuja aflição ele não consegue mudar exteriormente, uma atitude interior positiva, para que consigam suportar sua realidade e viver para a honra de seu Deus. Somente se, na privação de direitos, forem repletos de uma força que excede o sofrimento, poderão ser preservados da autocomiseração debilitante e da amargura convulsionante. Tal superação do sofrimento **é graça.** Não o sofrimento constitui graça, mas **que alguém suporte as dores.** *Dor* (*lype*) não é propriamente o sofrimento, mas sim a sensação do sofrimento, o luto, o desgosto. Porque constitui graça que alguém suporte dores **por causa da consciência perante Deus.** O termo grego *syneidesis* (consciência) também significa lucidez, noção, certeza. Uma série de exegetas traduz: “por causa do saber de Deus”. Isso pode ser entendido como o conhecimento que as pessoas sofredoras têm de Deus e também como o conhecimento de Deus acerca de seu filho que sofre. Nessa leitura, é graça que alguém suporte as dores porque sabe a respeito de Deus, ou porque sabe que Deus está informado. Contudo no curso da evolução lingüística grega a palavra *syneideis* adquiriu cada vez mais o significado daquilo que nós entendemos por consciência, a noção de mim mesmo e de meus atos na responsabilidade perante Deus.

Conseqüentemente, o presente versículo deve tratar do vínculo da consciência com Deus. Ele pode ser a causa de vários sofrimentos que os servos crentes têm de suportar. Ao mesmo tempo, porém, ele é também força para suportar as dores, ou seja, a situação do discípulo e escravo não é vista de forma dissociada de Deus. Até mesmo dentro desta grave situação, Deus ainda é capaz de conceder graça.

No entanto, o sofrimento somente se transforma em graça quando **se sofre injustamente.** É o que explica o versículo seguinte.

20 Pois que glória há, se suportais como pessoas que pecam e (por isso) são esbofeteadas? Isso diz respeito a todos os irmãos nas igrejas que sofrem arbitrariedades. Com certeza havia muita perseverança heróica no sofrimento. Muitas vezes a igreja deve ter falado dela com grande consideração. Não obstante, é preciso fazer uma distinção. Afinal, muitos sofrimentos não têm nada a ver com Cristo, acontece por culpa pessoal e por isso não são o testemunho desejado por Deus. Quem agiu mal não pode esperar que seu sofrimento lhe traga fama. **Porém, se suportais praticando o bem e depois sofreis, isso constitui graça junto de Deus** – desse modo o olhar se dirige a Deus, à sua sustentação e ao seu veredicto (cf. 1Pe 3.4: precioso “perante Deus”). No texto grego consta literalmente: “mas se perseverais praticando o bem e sofrendo”. Essa formulação geral condiz com as mais diversas situações. Alguns sofrem apesar de praticar o bem, outros até mesmo por fazer o bem.

Em todos os casos importa não apenas sofrer com paciência, mas perseverar na prática do bem, mesmo quando há sofrimento.

- 21** Somente quando temos essa compreensão também fica claro por que é dito com tanta ênfase: **porque é para isso que fostes chamados**. Provavelmente não se tem em mente o chamado ao sofrimento, mas à prática do bem até mesmo no sofrimento. Que audácia, dar esse encorajamento aos sofredores! Que proveitoso, se os leitores puderem compreender isso e se sob graves aflições ainda conseguirem reconhecer o chamado de Deus! Essa visão contrapõe toda a culpa e aflição do mundo, uma nova mentalidade que vence tudo. Mas somente é possível alcançar essa nova mentalidade se ela for alicerçada de maneira suficientemente profunda no centro da fé e a partir da nova existência. Por essa razão Cristo é apresentado tangivelmente aos dependentes, particularmente no que se refere aos seus traços importantes nesse contexto. **Porque também Cristo sofreu por vós, deixando-vos um exemplo, para que seguisseis em suas pegadas**. Aqui foram usadas expressões gregas que apontam para uma imitação precisa: **exemplo**, a rigor matriz de escrita, molde. **Seguir nas pegadas dele** requer observação e obediência exatas. Alguns querem somente o sofrimento de Jesus “por nós”, mas esquecem Cristo como exemplo a ser seguido. Outros o exaltam como exemplo, mas pensam não carecer de seu sofrimento “por mim”. Contudo, temos necessidade de ambos: o exemplo de Jesus para que saibamos como devemos viver, e sua força que nos liberta para uma nova conduta. **Também Cristo sofreu por vós**. Que maravilhoso é nosso Senhor! Outros senhores levam os servos a sofrer por eles. Aqui é o Senhor que sofre por seus servos. Esse sofrimento é o máximo em Jesus, o mais exemplar. É importante que observemos em nossa passagem o duplo **para que**: Cristo sofreu por vós... **para que sigais nas pegadas dele** (v. 21). E ele levou pessoalmente nossos pecados sobre o madeiro, **para que vivamos para a justiça** (v. 24). Está em questão a vida, a atitude correta no sofrimento, no cotidiano (cf. 1Pe 3.18; 4.1; Fp 2.5ss).
- 22** **O qual não cometeu pecado e em cujos lábios não se encontrou malícia**. A conexão com o v. 21 (o qual...) evidencia que Pedro está apresentando um assunto já conhecido. O acontecimento pastoral consiste primordialmente não da proclamação de novas verdades de salvação, mas da recordação de coisas já conhecidas, mas relevantes naquela hora. Pedro cita Is 53.9. Porém substituiu, ou, em outras palavras, traduziu, explicitou o termo judaico “anomia” em Is 53 pela palavra genérica **pecado**. Literalmente é dito que Jesus **não cometeu pecado**. Essa é uma declaração imensa. Em Jo 8.46 Jesus afirma: “Quem de vós pode me argüir de um pecado?” Tudo depende do fato de que Jesus **não cometeu pecado**. O pecado original do ser humano é desejar ser como Deus (Gn 3.5). Jesus, porém, não queria autonomia, não queria constituir uma grandeza própria ao lado de Deus. Era totalmente dependente de seu Pai, sujeito a ele em obediência até a morte na cruz (Fp 2.8). E somente porque Jesus era sem pecado, Deus pôde assumir inteiramente o partido dele. E unicamente Jesus pode interceder por nós perante Deus, porque apenas uma pessoa inocente pode expiar vicariamente por outros. Afinal, uma pessoa culpada tem de carregar a própria culpa. Jesus, porém, **não cometeu pecado, e não se encontrou malícia em seus lábios**. O ato pecaminoso e o discurso ardiloso e enganoso sempre formam uma unidade. Se os injustiçados viverem segundo o exemplo de seu Senhor, espelharão até mesmo no falar a sua maneira clara e pura. Em nosso mundo de falta de retidão e de desconfiança isso possui enorme repercussão.
- 23** **O qual, ao ser ultrajado não revidou com ultraje, ao sofrer não ameaçou. Mas o entregou àquele que julga com justiça**. A reação do ser humano natural ao ultraje e sofrimento é retaliação. Na verdade nenhum servo revidará em voz alta diante de seu senhor injusto, porém seguramente o fará no coração e longe de sua presença. Independentemente, porém, de ser uma ofensa lançada na cara ou pelas costas, o efeito sempre é o envenenamento dos corações e uma atmosfera hostil. Jesus contrapôs uma nova atitude a essa reação normal do ser humano. Mesmo quando foi ofendido injustamente pelos líderes do povo, “não revidou com ultraje”. O cristão maravilha-se com isso, e não obstante fica indignado quando ele mesmo é ultrajado injustamente no dia-a-dia. Cristo sofreu, mas **não ameaçou**. É esse comportamento que também deve marcar a nossa conduta cotidiana! O v. 23b mostra que não se deve entender equivocadamente a atitude de não ofender nem ameaçar como mera passividade, como reação de fraqueza: **mas o entregou àquele que julga com justiça**. É isso que resolve. Sofrimento injusto fere o senso de justiça, causa mágoa e oposição, turvando o coração. Cristo entregou tudo isso a Deus e não o reteve no coração. Isso desonera e liberta. Trata-se de uma ação ativa, reação espiritual e vitoriosa. Ela somente é possível para quem conta com Deus, que continua sendo sempre o Senhor da situação, e que há de interferir na sua hora. Deus é aquele que

julga com justiça. Novamente Deus está sendo caracterizado por seu agir (cf. o exposto sobre 1Pe 1.17). Julgar significa, segundo o entendimento da Bíblia, não apenas sentenciar, p. ex., no fim dos tempos, mas sempre também intervir, agir poderosamente. **Que julga com justiça,** esse é o Deus justo e todo-poderoso. Foi a ele que Jesus entregou a sua causa. Agora ele é o Advogado dos que lhe pertencem e deseja que também eles lhe entreguem tudo. Ele é tão poderoso que pode transformar cruz em vitória. Pode “estar com José” (Gn 39.2,21) de tal maneira que a situação aflitiva seja milagrosamente alterada. Contudo, enquanto ele não modificar a situação, ao menos concede a seus eleitos o poder de suportar a injustiça sem danos. Já pelo simples fato de não conservarem nenhuma ira contra o outro no coração, a situação é maravilhosamente desanuviada.

24 O qual carregou pessoalmente nossos pecados em seu corpo até o madeiro, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça. Pedro cita agora – novamente de maneira livre – Is 53. Lá se fala do servo sofredor de Deus, que carregou nossa enfermidade e nossas dores, sobre o qual repousa o nosso castigo, e por cujos vergões fomos curados (Is 53.4s,12). A igreja vê nesse texto, descrito e interpretado profeticamente, o padecimento do Messias Jesus. Ele é o servo que sofreu vicariamente por todos. Seu padecimento é incomparável. Nenhum outro sofrimento pode ser modelo para ele. Muito pelo contrário, Jesus agora pode ser exemplo para todos os que servem e, por isso, para todos os cristãos. **Ele carregou** nossos pecados pessoalmente em seu corpo **até o madeiro.** Nessas palavras expressa-se o inconcebível amor de Jesus e o maravilhoso mistério da vicariedade. Nenhum cordeiro foi capaz de carregar os pecados do mundo. E nós mesmos não haveríamos de sofrer a punição eterna por nossos pecados, mas ele os carregou pessoalmente em nosso lugar. **Carregou até** significa no linguajar sacrificial “entregar uma oferenda”. Essa conotação pode transparecer no presente versículo. Porém acima de tudo é preciso ouvir aqui o significado literal: assim como um escravo arrasta cargas, sendo esfolado nessa labuta, assim Jesus se arrastou com nossos pecados. Como um escravo Jesus teve de **carregar até o alto** o instrumento de sua execução, como um escravo ele foi erguido sobre o madeiro de martírio. Foi assim que ele carregou pessoalmente nossos pecados **em** (ou: com) **seu corpo.** Quem pretende carregar os pecados da humanidade, não pode distanciá-los do corpo. Tem de identificar-se com eles. Isso significa que o corpo também experimenta o juízo de Deus sobre o pecado, de modo que assim será esfolado e quebrado. **Até o madeiro** significa “até a cruz”. **Madeiro** era uma expressão para instrumentos de execução, pelourinho, forca ou cruz. Quem era pendurado no madeiro estava sendo expulso da humanidade, e, em Israel, até mesmo sendo maldito por Deus: Dt 21.23; Gl 3.13: “Maldito todo aquele que pende do madeiro”.

Para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça. O **para que** expressa um alvo. Quando esse alvo não é alcançado nos cristãos, o sacrifício de Jesus foi para eles em vão. O alvo é: **para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça.** **Mortos** é uma expressão radical. Quem morreu já não pode ser interpelado. O plural – os pecados – deverá verbalizar as numerosas investidas cotidianas do pecado. Paulo afirma: “Nós que morremos para o pecado, como ainda viveremos nele?” (Rm 6.2). A locução grega “mortos para os pecados” também pode significar “desvencilhado dos pecados”. É uma verdade bíblica, confirmada por múltiplas experiências: somente quando pessoas foram libertas dos pecados, quando se desvencilharam deles e morreram para os pecados, elas são livres no relacionamento com Deus, em sua consciência e em sua relação com o semelhante. Só então conseguem **viver para a justiça.** **A justiça** representa um contraste fundamental, essencial com os pecados. Somente é possível viver em um ou em outro. Assim como pecado é o princípio básico do mundo caído, separado de Deus, assim a justiça é o princípio básico de Deus. Deus é incondicionalmente justo, de sorte que tampouco tolera a injustiça em seu próprio povo. O Filho interpelou a Deus com: “Pai Justo” (Jo 17.25). Paulo diz que Deus é justo e justifica aquele que (vive) da fé em Jesus: Rm 3.26. A justiça é premissa fundamental tanto para a renovação do ser humano (isso se torna particularmente evidente na carta aos Romanos) como para a renovação de céus e terra. “Aguardamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça” (cf. o comentário a 2Pe 3.13)! Viver para a justiça significa viver de maneira justa. Mas também significa viver para a soberania justa de Deus. Essa expressão é muito abrangente e geral. Em qualquer situação, em cada trabalho cabe indagar o que corresponde à justiça naquele momento. O impulso para uma vida dessas em prol da justiça reside na cruz de Jesus, no fato de que ele próprio carregou nossos pecados em seu corpo até o madeiro.

Quando as pessoas morrem para o pecado e passam a viver para a justiça, vale para elas a palavra de Is 53.5: **por seus vergões vós fostes curados**. O **vergo** é uma ferida provocada por açoites. Esse é o paradoxo da vicariedade. Esse é o paradoxo da substituição por Jesus: o saudável se tornou ferido, e por meio das feridas os enfermos foram curados. Isso vale para todos os cristãos, mas precisa fulgurar aqui particularmente para os servos. Também eles tinham de suportar muitos vergões. Porém os vergões de Jesus curam também numerosos escravos esfolados. Têm o privilégio de saber que possuem cura verdadeira, ainda que tenham sido surrados por pessoas. Somente consegue compreender esse consolo consistente para os escravos quem acompanha o raciocínio de Pedro de forma conseqüentemente teocêntrica, a partir de Deus, sabendo: em última análise, o que nos deixa enfermos é o pecado. Quem tem perdão foi curado por Deus. Por isso a vida inteira dos cristãos, também a dos escravos e servos crentes, se insere em coordenadas positivas que invertem qualquer aflição.

25 Porque éreis como ovelhas desgarradas, agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Guardião de vossas almas. O molde desse versículo é novamente Is 53 (v. 6). Lá o profeta sintetizou a aflição pela qual o servo de Deus teve de sofrer com as palavras: “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas.” Uma ovelha desgarrada perdeu seu protetor e conseqüentemente ela mesma também está perdida. Essa é a miséria fundamental do ser humano separado de Deus. Se ficar por conta própria, estará sozinho, à mercê dos poderes de perdição. Sem Jesus deparamo-nos com a perdição através do pecado, da morte e do juízo, sem qualquer chance de sairmos vitoriosos. O presente versículo é uma citação mesclada. Pedro descreve apenas o lado negativo com palavras de Is 53. A versão positiva, o atual aconchego dos cristãos, é formulada por ele com palavras próprias, apoiando-se em Ez 34 (11s,23): ... **porém agora vos convertestes ao vosso Pastor e Guardião de vossas almas**. Os cristãos, mesmo os escravos entre eles, já não são ovelhas desgarradas, entregues, indefesas, a insensíveis poderes destruidores. Têm um Pastor que cuida deles pessoalmente. Ao mesmo tempo já não estão dispersos, porém agora possuem irmãos e irmãs. A grande reviravolta em sua vida veio para eles através do acontecimento: “vós vos convertestes”.

Em nossa tradução fica claro que a conversão não é algo passivo. Na verdade tampouco é algo puramente ativo, ação exclusiva do ser humano, porque na verdade é resposta ao chamado de Deus. Mas a resposta do ser humano ao chamado de Deus não deixa de ser um agir ativo. O ser humano não é convertido contra sua vontade. Ele é chamado a se converter por livre deliberação da vontade, saindo de uma vida desgarrada para uma vida sob o bom Pastor. A condição cristã começa com essa decisão. Somente quando existir clareza da conversão, toda a vida cristã poderá se tornar autêntica. A conversão é o corte decisivo que divide a vida dos cristãos da Ásia Menor em dois períodos: éreis como ovelhas desgarradas – vós vos convertestes para o Pastor e Guardião de vossas almas. Observemos com que certeza isso foi asseverado aos cristãos naquele tempo. Também uma segunda observação é relevante: a conversão é um fato constatado em todos os membros da igreja. Certo é que se pode designar o acontecimento decisivo com diversas expressões, renascimento (visto a partir de Deus) ou conversão (visto a partir do ser humano), tornar-se crente etc. Mais decisivo, porém, é que em dado momento se formou, em vista do chamado de Deus, por meio de uma decisão consciente de fé, uma ligação pessoal com Jesus, **o Pastor e Guardião de vossas almas**.

No AT Deus é definindo muitas vezes como **Pastor** (Gn 48.15; 49.24; Sl 23.1; 80.1; Is 40.11; Ez 34). A metáfora expressa de maneira singularmente acertada o cuidado e poder de Deus, mas igualmente o desamparo dos humanos e o aconchego junto de Deus. Ez 34 declarava: Eu lhes suscitarei um único Pastor que os apascentará, a saber, meu servo Davi (v. 23). Isso aponta para o Messias da estirpe de Davi. Em consonância com essa promessa messiânica Jesus se define como o bom Pastor (Jo 10.11,14). E Hb chama Jesus o “grande Pastor das ovelhas” (Hb 13.20). O **Guardião**, em grego *epískopos* (o termo “bispo” deriva daí) tem a incumbência de vigiar pelo bem-estar de um grupo. **Guardião** salienta especialmente a função do pastor como vigilante: ele cuida atentamente das ovelhas. Por essa razão alguns traduzem “Pastor e Vigia”. Pedro não pode afiançar a seus leitores que seus corpos serão preservados, mas seguramente que sua pessoa, sua alma será guardada. Deve ter-se recordado de uma palavra que Jesus disse aos discípulos ao enviá-los: “Não temais os que matam o corpo mas não são capazes de matar a alma” (Mt 10.28; cf. também o comentário a 1Pe 2.11). Ninguém poderá tirar essa realidade decisiva dos destinatários da carta, nem mesmo um senhor tirano.

Conduta correta em relação ao parceiro conjugal – 1Pe 3.1-7

- 1 – Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa,
- 2 – ao observar o vosso honesto comportamento cheio de temor.
- 3 – Não seja o adorno da esposa o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário,
- 4 – seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível (traço, adorno) de um espírito manso e tranqüilo, que é de grande valor diante de Deus.
- 5 – Pois foi assim também que a si mesmas se ataviaram, outrora, as santas mulheres que esperavam em Deus, estando submissas a seu próprio marido,
- 6 – como fazia Sara, que obedeceu a Abraão, chamando-lhe senhor, da qual vós vos tornastes filhas, praticando o bem e não temendo perturbação alguma.
- 7 – Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações.

- 1 **De igual modo sede vós, mulheres, subordinadas a vosso marido.** A ligação **de igual modo** (mais sucinta: “igualmente”) mostra que o presente texto se insere no contexto do bloco anterior (1Pe 2.13ss). Também aqui, portanto, trata-se da subordinação a uma “criatura humana”, mais especificamente no matrimônio. Pedro não está sozinho com sua exortação às mulheres. Também Paulo, sempre que alude a esse tema, exorta as mulheres com as mesmas palavras (Ef 5.22,24; Cl 3.18; Tt 2.5). Novamente cabe considerar o significado básico da palavra. Não se trata de sujeição sem vontade própria, mas da correlação correta entre homem e mulher e, conseqüentemente, da estabilidade e função do matrimônio. A exortação para subordinar-se não representa uma contradição com a igualdade de direitos entre os gêneros, que deveria ser óbvia para cônjuges crentes. Certamente o homem poderia fazer uso da exortação em relação à mulher no sentido de justificar uma atitude opressora, tirânica. Mas essa palavra na realidade se dirige a cristãos, e o v. 7 interdita ao homem cristão qualquer possibilidade de oprimir a esposa. **A vossos maridos**, literalmente “a vossos próprios homens”. Em geral os gregos diziam simplesmente “vossos maridos”, como também nós. “Próprios homens” visa a excluir qualquer mal-entendido (assim como Paulo em Ef 5.22). **Para que, mesmo quando alguns não obedecem à palavra, sejam conquistados sem palavra pela conduta das mulheres.** Esse é um fenômeno freqüente: mulheres aceitam a fé, mas os maridos não as acompanham na caminhada. Por intermédio das mulheres eles ouvem a reivindicação de Jesus sobre sua vida. Contudo, uma vez que não se pode permanecer neutro diante da palavra de Deus, não crer significa o mesmo que desobedecer. Um matrimônio assim só pode ser suportado sob fortes tensões. O único alvo da mulher crente deve ser que o marido seja **conquistado** para Deus. Porque quem realmente ama o parceiro deseja acima de tudo que ele seja ganho para Deus e, assim, redimido. Mas quando isso acontece, ele de fato foi ganho simultaneamente para o parceiro conjugal. Não existe para a mulher que tiver marido incrédulo nenhuma promessa segura de que conquistará o marido (1Co 7.16). Na realidade, porém, foi-lhe indicado o caminho que precisa trilhar para, se possível, alcançar esse alvo: através de sua conduta. A vida santa é uma possibilidade eficaz até mesmo quando a palavra de Deus é rejeitada. Contudo consta expressamente: **sem palavras**. Desse modo se aponta para o principal erro de muitas mulheres. Copiosas palavras tão-somente provocam discordância e endurecimento, sobretudo quando existe um abismo entre palavras devotas e comportamento sem amor e egoísta.
- 2 Ainda que os maridos não dêem ouvidos às palavras da mulher, não deixarão de notar a vida delas. **Observam a conduta** delas **pura** (ou: santa, ou: casta) **em temor**. **Observar** refere-se a um olhar atento e preciso durante certo tempo. Uma vida santa em temor leva Deus a sério, e quando alguém é consciencioso perante Deus, isso impressionará o parceiro, granjeando seu respeito e sua confiança.
- 3 **Vosso adorno não deve ser o exterior, trançar os cabelos e usar de adereços de ouro, ou trajar vestimentas, porém o ser humano oculto do coração no (adorno) não-transitório do espírito manso e sereno – isso é muito precioso perante Deus.** Uma mulher está designada a agradar ao

homem, para que este se sinta continuamente atraído pela esposa. Com toda certeza isso é particularmente necessário em um matrimônio rico em tensões. A mulher sem dúvida pode fazer sua parte, realçando sua beleza por meio de **enfeites**. Contudo, apesar disso as mulheres não devem considerar seu verdadeiro **adorno** as coisas **exteriores, trançar os cabelos, usar adereços de ouro, trajar vestimentas**. Com excessiva facilidade isso fixa os pensamentos e torna a índole das pessoas superficial, egocêntrica e fria. O que realmente adorna é **o ser humano oculto do coração**. Não importa o ser humano exterior, mas o oculto, o interior, a verdadeira natureza da pessoa. Com isso não se defende negligência para com o aspecto exterior, desprezo ao corpo, mas alerta-se contra uma nefasta supervalorização do exterior. A mulher deve ser um ser humano do coração, i. é, uma pessoa determinada pelo coração. Uma pessoa assim é cordial, cuidadora e fiel, não é marcada primordialmente pela razão calculista, mas pela empatia do coração. Quando se desenvolve o ser humano oculto do coração, ele será notado no lar através de muito amor, cordialidade e compreensão, seja pelos filhos e visitantes, seja seguramente também pelo marido. Uma mulher também apresentará seu adorno, a saber o (adorno) **não-transitório do espírito manso e sereno**. A palavra **não-transitório** expressa a superioridade desse tipo de adorno em relação às exterioridades do v. 3. Esse adorno é não-transitório porque procede de um espírito manso e sereno que não se dissipa. Trata-se aqui do espírito da mulher, que no entanto se encontra sob o senhorio do Espírito Santo e é determinado por ele. É nesse sentido que o Espírito Santo quer configurar o espírito da mulher como “manso” (o termo grego também pode significar “amável”) e “sereno”. A acepção não é de uma índole passiva. O espírito sempre é algo ativo. Uma mulher deve ser caracterizada não apenas pelo coração, mas também pelo espírito com o qual reflete sobre suas tarefas, que preserva disciplina e ordem, mas que também estimula o espírito do marido e dos filhos, constituindo uma necessária contraposição para eles. O espírito inclui a reflexão e a vontade conscientes. Por isso também colidirá com a vontade de outro, especialmente com a do marido. Somente um espírito manso e sereno evitará discórdias com o marido, buscará entendimento entre membros da família e educará os filhos com carinho. Dessa forma ela possuirá uma verdadeira beleza interior e exercerá uma influência poderosa, até mesmo para além da família.

... **isso é muito precioso perante Deus**. Cristãos não perguntam em primeiro lugar por aquilo que agrada às pessoas, mas pelo que é correto e agradável perante Deus. Cristãos que se guiam pela Bíblia pensam de forma teocêntrica, i. é., direcionada para Deus. Visto que o ser humano oculto do coração no adorno não-transitório do espírito manso e sereno é muito precioso perante Deus, esse fato pode ser recomendado à mulher cristã com autoridade apostólica. É maravilhoso que a conduta correta perante Deus corresponda precisamente ao que também é o melhor na convivência de marido e mulher.

- 5 Enquanto os primeiros versículos tratavam de modo primordial e especial das esposas crentes, cujos maridos ainda eram descrentes, passa-se a abordar cada vez mais o matrimônio em si debaixo de Deus. É o que mostram os exemplos subseqüentes e sobretudo o v. 7. **Porque foi assim também que se ataviaram, outrora, as santas mulheres que depositavam a esperança em Deus, subordinando-se a seus maridos**. Em última análise toda a vida do lar é determinada pelo relacionamento dos cônjuges com Deus. Já vimos isso no v. 4. Também o v. 5 o explicita: **mulheres santas que depositavam a esperança em Deus**. Pessoas santas devem escolher como exemplo pessoas santas, e não o mundo. A característica dessas mulheres santas é: **depositavam a esperança em Deus**. Em Pedro “esperar em Deus” inclui (como em 1Pe 1.13) a confiança. Logo se trata de uma esperança que determina toda a existência. Por confiar em Deus, estavam dispostas a trilhar caminhos de fé com os maridos. “**Subordinaram-se aos maridos**”, e isso possibilitou a ambos andar por caminhos de fé sem que surgissem discórdias e desavenças. O nexos com o v. 4 (“porque...”) e a construção frasal do v. 5 evidenciam que: “o ser humano oculto do coração”, o “espírito manso e sereno” e “subordinar-se” formam uma unidade, condicionando-se mutuamente. Essa atitude é o verdadeiro adorno da mulher. Foi assim que **outrora também se ataviaram as mulheres santas**.
- 6 O exemplo de Sara evidencia que de forma alguma se esperam da mulher crente incapacidade de discernir ou pusilanimidade: **...como Sara obedecia a Abraão, chamando-o “senhor”** (Gn 18.12). Sara obedecia, e isso significava inserir-se na trajetória de vida de Abraão, acompanhá-lo conscientemente no caminho incerto de Harã para a terra que Deus pretendia mostrar. Somente “mulheres santas que esperam em Deus”, estarão dispostas para esse risco de fé. **Sara o chamou “senhor”**. Isso significa: reconheceu o papel de liderança de Abraão no matrimônio. Ademais, para

Sara isso representou uma forma de expressar a consideração pelo marido. Veremos no v. 7 que de forma correspondente também se demanda do homem crente que “conceda honra” à esposa.

Da qual vos tornastes filhas, se praticais o bem e não vos atemorizais diante de nenhuma intimidação. Os judeus se intitulavam com orgulho “filhos de Abraão”, porém Jesus lhes replicara: Sois filhos de Abraão somente se praticais as obras de Abraão (Jo 8.33,39). Em consonância, cabe entender a afirmação **da qual vos tornastes filhas** no seguinte sentido: todas as mulheres que, como Sara, praticam o bem e não se atemorizam diante de nenhuma intimidação são “filhas” dela. Com a expressão **praticar o bem** (cf. 1Pe 2.15) se resume aqui, como síntese geral, o agir correto da mulher no matrimônio. Ao invés de “não se atemorizar diante de nenhuma intimidação” também seria possível traduzir: “não ter medo de nenhum pavor” (cf. Pv 3.25). A vida de Abraão seguramente estava cheia de intimidações e pavores para Sara: a saída de Harã, o sacrifício de Isaque, ou também Gn 12.11ss etc. O ornato do espírito manso tem de estar ligado à firmeza de fé, para ser capaz de suportar uma vida tão cheia de tensões.

- 7 **Do mesmo modo vós, homens, vivei com compreensão junto delas e concedei (-lhes) honra como utensílio mais frágil, feminino, sendo elas também co-herdeiras da graça da vida, para que vossas orações não sejam impedidas.** Interpelam-se agora os maridos crentes. **Do mesmo modo** assinala que vale também para eles que se enquadrem na ordem do matrimônio. A exortação à mulher, para que se subordine, não pode levar o homem ao descontrole e à arbitrariedade, mas precisa gerar nele um aumento de responsabilidade e cuidado. Isso vale também no caso de a mulher ser descrente. A exortação apostólica eleva o matrimônio do baixo nível em que se encontrava na Antiguidade. Somente quando o amor desinteressado do marido coloca a mulher inteiramente a seu lado, a mulher será preservada de ser a serva do marido. Já pelo aspecto biológico a mulher carrega o fardo maior com vistas à descendência e ao cuidado pela família. O bom marido carrega os fardos junto com a mulher. Isso vale também para o matrimônio de hoje, na verdade especialmente para ele. Quando, no entanto, se rompem o relacionamento de amor e os laços da família, sobra o fardo pesado para a mulher. Existe somente um caminho para evitá-lo: o amor verdadeiro do marido, a *agape* recebida de Jesus. No entanto, isso significa que não é o marido, mas Jesus, que concede honra à mulher através do marido. **Vivei com compreensão junto delas como o utensílio mais frágil, feminino. Vivei com compreensão** (em grego: *gnosis*) **junto delas** refere-se à vida toda e abarca a comunhão de alma, espírito e corpo. A tradução de Lutero “vivei junto delas com razão” é viável e útil, porque a razão também é dádiva de Deus no matrimônio. Mas “razão” não capta a profundidade do termo grego *gnosis*. “Entendimento” já seria melhor. Entender a esposa deve ser intenção permanente do marido crente. É assim que a consideração e sensibilidade poderão tornar a convivência harmônica. Contudo a palavra *gnosis* vai além: significa “**conhecimento**” e precisa ser entendida como “reconhecer a pessoa toda”. “Vir a conhecer” é idêntico a “amar”, segundo o hebraico *jadah* em Gn 4.1: Adão “conheceu” sua mulher. “**Vivei junto delas com conhecimento**” significa, portanto, comunhão amorosa não-fragmentada, inclusive na área sexual. Desse modo Pedro fornece aos maridos a mesma instrução que Paulo em Ef 5.25 e Cl 3.19: “Vós, maridos, amai vossas esposas.” Isto é algo maravilhosamente libertador e ao mesmo tempo compromissivo: Deus não apenas tolera o amor no matrimônio, praticamente como concessão à pulsão humana, mas ele quer o amor, mais precisamente de forma abrangente. A vinculação de conhecimento e amor expressa: o marido que visa conhecer a esposa precisa amá-la, e aquele que quer amá-la, precisa tentar compreendê-la, a saber, em sua peculiaridade. **E concedei (-lhes) honra como o utensílio mais frágil, feminino.** O termo grego *skeuos* é difícil de traduzir: não somente significa utensílio, mas também pode ser traduzido como “vasilha” ou “ferramenta”. Como a mulher é chamada de **o utensílio mais frágil**, também o homem é imaginado como utensílio ou artefato, com a única diferença de que a mulher é o mais frágil. Isso não representa um juízo de valor, mas simplesmente constata a constituição, a disposição da mulher. Tem “construção mais frágil”, tanto no aspecto físico como psíquico: é isso que o marido deve ponderar e também compreender. Então reconhecerá e amará nela essa peculiaridade como algo tipicamente feminino. Conseqüentemente, a peculiaridade feminina despertará nele a característica masculina da proteção. A palavra grega para “mais frágil” (*asthené*) também significa mais sensível. Essa sensibilidade pode até mesmo ser a força da mulher. Torna-a capaz para sua missão junto aos fracos e carentes de ajuda. Quando o homem aprende a ver isso positivamente, a mulher como utensílio mais frágil, feminino, torna-se para ele um vasto “campo de descobertas”, que ele busca compreender e conhecer com amor.

E concedei (-lhes) honra, como as que também são co-herdeiras da graça da vida. Aqui é afastada a última dúvida em relação à igualdade de valor da mulher. Ela é co-herdeira da graça da vida, a saber, da vida eterna, da vida a partir de Deus, recebida na hora do renascimento e que será consumada na glória vindoura. **Graça da vida** significa o presente imerecido da nova existência e da riqueza celestial futura, concedido pelo favor de Deus. A magnitude dessa riqueza foi descrita detalhadamente em 1Pe 1.3ss. Em ser herdeiro e “co-herdeiro” dessa riqueza reside o real valor perene da vida. Ou seja, Deus atribuiu à mulher o mesmo valor que ao homem. Dessa forma aconteceu algo inédito em toda a Antigüidade. Deus posicionou a mulher ao lado do homem. O marido não somente deve reconhecê-la como co-herdeira, mas **conceder-lhe honra**. Por duas razões o marido deve honrar a esposa: primeiramente porque ela é mais sensível na alma e mais frágil na força física; nisso reside, pois, a exortação de oferecer à mulher proteção, cuidado e reverência. Em segundo lugar porque Deus considerou tão valiosa a mulher e lhe deu a graça da vida eterna. Essa exortação ao marido constitui um complemento necessário à exortação dada à mulher (v. 1). Tal conduta de ambos os cônjuges criará um clima familiar que gera alegria, no qual os filhos podem se sentir bem e no qual se pode servir conjuntamente a Deus.

O comportamento do marido tem como alvo: ... **para que vossas orações não sejam impedidas**. É preciso evitar tudo o que impede a oração. Orar não é primordialmente uma questão de vontade. Uma oração mantida com forte determinação pode levar à dubiedade e à hipocrisia, quando não for condizente com a vida. Em última análise a oração é ação do Espírito Santo (Rm 8.15). Por isso a expressão **não impedir as orações** é idêntica ao que Paulo declara em Ef 4.30: não entristeçais o Espírito Santo. Também aqui se evidencia novamente a perspectiva do direcionamento para Deus (cf. v. 4s). Tudo depende de que se ore. Quando cessam as orações ou quando são tão tolhidas que se resumem a mera formalidade, a vida espiritual e também o matrimônio correm perigo. O plural **orações** seguramente visa expressar a grande variedade das orações no matrimônio. A oração conjunta constitui um estímulo vigoroso à palavra franca, ao perdão e à reverência mútua no matrimônio.

Não reagir ao mal com o mal! – 1Pe 3.8-12

8 – Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes,

9 – não pagando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, pois para isto mesmo fostes chamados, a fim de receberdes bênção por herança.

10 – Pois quem quer amar a vida e ver dias felizes refreie a língua do mal e evite que os seus lábios falem dolosamente.

11 – Aparte-se do mal, pratique o que é bom, busque a paz e empenhe-se por alcançá-la.

12 – Porque os olhos do Senhor (repousam) sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos às suas súplicas, mas o rosto do Senhor está contra aqueles que praticam males.

- 8** A palavra **finalmente** não visa introduzir ao final da carta, mas resumir as exortações iniciadas em 1Pe 2.11 em uma exortação a todos. Em tempos de perseguição nada é tão eloqüente quanto sofrer por Jesus, associado ao bom comportamento. A superioridade intelectual ou a habilidade eminente não são decisivas, mas um novo modo de ser. O alvo é a transformação de nossa natureza, do egoísmo para o modo de ser de Jesus. Para as palavras “finalmente, porém” também é possível outra tradução: “O alvo, porém, é: todos concordes, sofrendo juntos...” (conforme Schlatter). Isso daria ao bloco um peso ainda maior. Que força iluminadora tinha a igreja no primeiro século! E que força abençoadora representaria hoje se todos os cristãos fossem concordes... misericordiosos... prontos para a responsabilidade... dispostos a sofrer! Isso tem de ser novamente compreendido entre nós como alvo.

Finalmente, porém, (sede) todos concordes, compadecidos, amáveis com os irmãos, misericordiosos e humildes. O termo grego, único no NT, *homophron* = **concordes**, unânimes (a palavra contém o significado: pensamento igual, estar voltado para a mesma coisa), tem o mesmo significado de Fp 2.2: “... que vosso pensar se volte para as mesmas coisas, que busqueis uma só coisa”. O termo **concorde** expressa de forma mais intensa que o termo geralmente usado, *homothymadon* = “unânime”, a busca conjunta, a luta por unanimidade. Porque a unanimidade está

em perigo permanente devido às compreensões distintas e, mais ainda, devido à tendência de buscar ter razão e cair em contendas. Pela palavra **sede concordes** Pedro exorta os fiéis a não transformar diferenças doutrinárias secundárias em pontos de disputa e a nunca abandonar levemente a irmandade. Para isso, no entanto, é importante que saibam distinguir o essencial das questões secundárias. Existem casos em que a concordância somente pode ser mantida mediante uma intensa luta fraterna. **Sede concordes** pode significar: se necessário, deixem que a unanimidade e, conseqüentemente, a irmandade custem muitos esforços na busca do irmão, bem como humildade e despojamento pessoal! A igreja e seu testemunho no mundo somente serão abençoados se os crentes tiverem essa disposição (cf. Mt 18.19; Jo 17.11,21s; At 1.14; 2.1,46; 4.24; 5.12; 15.25!).

Compadecidos significa textualmente “sentindo dor com”. O texto paralelo em 1Co 12.26 torna claro que ao sofrermos com alguém expressamos que se trata de membros do mesmo corpo: “Quando um membro sofre, todos sofrem com ele.” **Amando os irmãos** – a tradução literal é geralmente “fraternalmente”. Essa exortação já apareceu em 1Pe 1.22. A nova menção evidencia a importância do amor aos irmãos. **Sede misericordiosos** significa: permitam que a aflição de outros perpassa “vosso coração” e “os rins”. Todo engajamento em prol de outros começa com o fato de sentirmos com eles sua aflição. A misericórdia é a marca, e até mesmo a força propulsora de todos aqueles por meio dos quais Deus conseguiu realizar grandes feitos. Porém ele quer que cada cristão possa ser reconhecido por ser misericordioso. Paulo afirma: “Tenham-se revestido... de cordial misericórdia!” (Cl 3.12; cf. também Mt 5.7; 9.13; 18.33; Lc 6.33; Rm 12.8; Ef 4.32; Fp 2.1). **Por fim, porém (sede) todos... humildes**, literalmente “de pensamento baixo, pensando pouco (de si)”. No mundo gentílico grego a humildade geralmente era percebida como algo indigno. Para aquele, porém, que foi chamado por Jesus para segui-lo, ser humilde não representa mais um ultraje. E quem experimentou a condescendência de Deus, volta-se ao pequeno com alegria de ajudar e salvar. Somente quem é humilde pode dar honras a Deus. Sem humildade tampouco é possível uma vida eclesial saudável, porque orgulho provoca orgulho, teimosia e vaidade. Em outras palavras: onde vigora a humildade está dada a premissa para a misericórdia e cooperação fraternais. Para compreender todas as exortações do v. 8 é importante ver que aqui estão em jogo características essenciais que não é possível ter sem que elas se transformem em atos.

- 9 O mesmo vale para nossa relação com adversários e inimigos. **Não pagai mal (ou: injustiça) por mal (ou: injustiça), nem ofensa por ofensa; antes, pelo contrário abençoai, porque fostes chamados para herdar a bênção.** O ser humano natural pensa que seria lógico e justo retribuir com a mesma maldade que teve de sofrer. Jesus, porém, espera de seus discípulos algo diferente: um comportamento que corresponde a seu modo de ser, a seu Espírito (Mt 5.44; Lc 6.27ss). E os apóstolos retransmitiram esse desejo de seu Senhor às igrejas (Rm 12.14; 1Co 4.12; 1Ts 5.15). Afinal, a vingança não acaba com a discórdia no mundo, mas a intensifica ainda mais. Sobretudo, porém: quem paga o mal com o mal está pessoalmente fazendo o mal. Isso corresponde à velha natureza, e não à nova, divina. Somente uma nova atitude consegue ser expressão de nossa vida a partir de Deus, e somente um modo de ser diferente, em conformidade com Jesus, pode superar a inimizade. Digno de nota é que Pedro não exige uma atitude passiva, nem fuga nem reação de fraqueza, mas uma resposta ativa: **pelo contrário, abençoai.** No AT quem abençoava eram os patriarcas e sacerdotes; eles eram incumbidos e dotados por Deus para abençoar. No NT cada pessoa renascida é um sacerdote (1Pe 2.9) e por isso chamada a abençoar. Jesus ordenou que abençoássemos os inimigos (Lc 6.28). Paulo escreve: “Quando nos insultam, abençoamos” (1Co 4.12). Isso pode ocorrer de forma silenciosa como oração de intercessão, como voto de bênção ou também como anúncio do favor divino (At 16.28-31). Sempre, porém, o abençoar contém simultaneamente a simpatia própria da pessoa que abençoa. Sem ela nenhuma bênção seria autêntica. Permanece em aberto se o adendo **pois para isso mesmos fostes chamados** pertence à frase anterior ou à posterior, se os crentes foram chamados para abençoar ou para herdar bênção. Os intérpretes têm opiniões divergentes. Pedro deve ter percebido e desejado esse duplo sentido. Cristãos precisam abençoar porque foram chamados para isso e porque eles mesmos herdarão a bênção de Deus. Ser chamado **para herdar bênção** assinala um alvo. Trata-se da salvação futura de Deus, porém não apenas isso. Desde já os cristãos constantemente encontram-se sob a dedicação abençoadora de Deus. Herdar ou “ser herdeiro” declara que a bênção de Deus não é mero desejo, mas riqueza real. Quem conta com ela por fé há de permitir que seu agir seja determinado por ela e não mais retribuirá mal com mal.

- 10** Essa exortação é tão importante que Pedro a sublinha com uma citação de Sl 34.13-17. **Porque quem deseja amar a vida e ver dias bons, refreie do mal a língua e evite que os lábios profiram nada ardiloso. A vida** é um conceito bíblico abrangente e refere-se à vida atual e vindoura (1Tm 4.8). Da mesma forma os “dias bons” referem-se à atualidade e à consumação. Uma restrição dessa afirmação somente para a vida terrena ou eterna seria uma redução não-bíblica. **Quem deseja amar a vida** poderia ser parafraseado com “quem deseja ter uma vida digna de viver”, “quem deseja ter alegria na vida real”. De forma análoga Jesus declara na festa dos tabernáculos: “Se alguém tiver sede...” (Jo 7.37s). A mensagem de Deus é algo para aqueles que almejam a vida. **Quem deseja** significa: cada um pode ter uma vida que goste de viver, que ame. No entanto, Deus não obriga a uma vida assim, mas a oferece. Dessa forma Deus confronta cada pessoa com a decisão. Porque nem todos receberão essa vida. Existem condições indispensáveis para ela: **refreie a língua do mal e evite que os lábios profiram nada ardiloso**. Aqui o **ardiloso** (ou “dolo”) complementa e explicita o conceito geral do mal. Não proferir nenhum mal, nada ardiloso, isso constitui a premissa para bons dias. Vale especialmente em épocas de aflição, mas também para qualquer época e circunstância. Quanta influência possuem os cristãos sobre seus adversários, e quanto sofrimento evitam no convívio uns com os outros quando refreiam a língua do mal (cf. Tg 3.5ss)!
- 11** Palavra e ação formam uma unidade: **Aparte-se do mal e pratique o bem**. Isso demanda uma resolução. Somente quem se afasta do mal encontra uma boa palavra, uma boa ação. A segunda parte da frase novamente complementa: **Busque a paz e corra atrás dela**. Quem paga o mal com o mal aprofunda a inimizade. Quem ao invés disso abençoa, abre espaço para a paz. Notemos as expressões intensas, ativas: buscar, correr atrás. Não somos dados à paz. Ela se encontra sob risco permanente. Temos de buscá-la sinceramente, correr atrás dela. Talvez o semelhante, ou até mesmo o adversário, tornem difícil que preservemos a paz, ainda que a busquemos sinceramente.
- 12** O v. 12 fundamenta as afirmações precedentes com máximo realismo: **Porque os olhos do Senhor (estão voltados) para os justos e seus ouvidos para suas súplicas, mas o rosto do Senhor contra aqueles que praticam o mal**. Para facilitar o entendimento foi necessário completar o texto. Do Sl 34.17 depreende-se que, no conteúdo, o complemento é correto. No presente versículo está em jogo o caminho para a vida. A vida depende de Deus e de nosso relacionamento com ele. Porém a natureza de Deus é santidade e justiça absolutas. Ele jamais poderá ter comunhão com o mal. Também na nova aliança prevalece: **Os olhos do Senhor (estão voltados) para os justos e seus ouvidos para as suas súplicas**. Do mesmo modo é necessário para os justificados pela fé em Jesus que sua justiça se realize na prática do bem. As expressões **os olhos do Senhor... e seus ouvidos** visam declarar a atenção amorosa de Deus em favor dos justos e suas preces. O relacionamento com Deus exterioriza-se na súplica, na oração, e aqui é dada a promessa de que Deus ouve atentamente. Quem sofre aflição e insulto tem muito a suplicar. Quem ora recebe a força para não reagir ao mal com o mal. **O rosto do Senhor (está voltado) contra aqueles que praticam o mal**. Essas palavras evidenciam a oposição ativa de Deus. Quem pratica o mal tem a Deus como opositor direto.

Vencer o mal pelo bem – 1Pe 3.13-22

- 13 – Ora, quem é que vos há de maltratar, se fordes zelosos do que é bom?**
- 14 – Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados (sois). Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados;**
- 15 – antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós.**
- 16 – fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam contra vós, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo.**
- 17 – porque, se for da vontade de Deus, é melhor que sofraís por praticardes o que é bom do que praticando o mal.**
- 18 – Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito.**
- 19 – no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão**

- 20 – os quais, noutra tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água,
- 21 – a qual, figurando o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo,
- 22 – o qual, depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes.

- 13 **E quem é que vos fará mal, se vos tornais zelosos do bem?** Uma vez que o **bem** é um termo muito genérico, cada um tem de examinar o que é concretamente o bem na sua situação (cf. Rm 12.2b). Pedro quer que os cristãos se tornem “**zelosos**” (literalmente: zelotes) “**do bem**”. Ele conta com dificuldades por parte do ambiente, particularmente quando este apresenta uma atitude hostil. O que deverá ser feito nesse caso? Pedro declara: “**Tornai-vos zelosos do bem!**” Pessoas zelosas buscam o bem de forma tão sincera e incondicional que não perguntam se ele é fácil ou difícil de obter. Assumem grandes esforços e renúncias para alcançar o alvo, de sorte que deles se irradia um enorme efeito. **Tornai-vos** zelosos, diz Pedro. Não o somos por natureza, tampouco após a conversão. É nisso que o cristão precisa crescer. Na frase **Quem é que vos fará mal** (ou prejudicará), **se vos tornais zelosos do bem?** está subjacente a convicção de que dificilmente alguém lhes fará mal por bem. Afinal, essa oportunidade nem mesmo é concedida aos adversários. É preciso muita ousadia para causar mal a um benfeitor conseqüente. A maioria das pessoas não é capaz disso.
- 14 O apóstolo, porém, é sóbrio e não levanta falsas promessas. Ainda que o v. 13 aponte para reação normal, pode ocorrer o fato de que a prática do bem acarrete sofrimento: **Mas ainda que tenhais de sofrer por causa de justiça – bem-aventurados** (sois)! A formulação **ainda que tenhais de sofrer** expressa: as igrejas não se encontram todas sob sofrimento intenso, mas deparam-se constantemente com esta possibilidade. Não deve surgir nenhuma autocomiseração debilitante, e tampouco uma falsa cautela. Não, se sofrerem por ser zelosos do bem, isso acontece **por causa de justiça**. Então vale para eles a exclamação de Jesus (Mt 5.10): **bem-aventurados** sois! Uma bem-aventurança dessas expressa uma invejável felicidade. O termo ocorre tanto no mundo grego como no judaísmo, mas especialmente na literatura sapiencial do AT (p. ex., Pv 3.13; Sl 1.1; 2.12; Jó 5.17; mas também 1Rs 10.8). No NT ele ainda é aprofundado pela combinação com a salvação. Porque quem por meio de Jesus participa do governo messiânico de Deus deve ser declarado verdadeiramente **ditoso**. São particularmente impactantes as bem-aventuranças em que ressoa este paradoxo: pessoas a rigor consideradas dignas de pena são declaradas bem-aventuradas (Mt 5.3-6,9-12; 1Pe 3.14; 4.14). Isso as ajuda a superar o sofrimento de maneira autêntica, a assumir uma atitude de fé ativa, afirmativa inclusive no sofrimento. A bem-aventurança, porém, vale somente para aqueles que **sofrem por causa de justiça**. Aqui **justiça** é usada no sentido do bom e justo governo de Deus, no sentido do contraste radical com tudo o que é mau, como também em 1Pe 2.24. Por causa da justiça vale a pena sofrer. Novamente cabe ponderar que isso não vale somente para tempos de perseguição. Todo fiel que é prejudicado por causa de sua justiça pode saber que a palavra vale também para ele: bem-aventurado!

Em uma situação dessas tudo depende de uma atitude acertada de fé: **Não os temais nem vos deixeis confundir** (ou: intimidar, abalar, assustar). É uma citação de Is 8.12s. Lá o sentido é que os crentes não devem temer o que teme o povo infiel. Temor diante de pessoas seria um sinal de incredulidade. Para a força de resistência da igreja de Deus é decisivo em todos os tempos que ela não se **atemorize** nem se deixe **confundir**. Ao longo de todos os séculos, infundir medo na igreja de Deus é um princípio dos seus inimigos. Quanto têm sucesso, a luta já está perdida, chegou a apostasia. Quem teme pessoas não depositou sua confiança inteiramente em Deus, e quem crê a rigor não temerá pessoas. Conseqüentemente, tempos de perseguição são sempre tempos de aprovação da fé.

- 15 Como, porém, é possível superar o temor diante de humanos? Pelo temor a Deus. **Santificai, porém, o Senhor, o Cristo, em vossos corações, sempre preparados para defender diante de cada um que demanda de vós razão da esperança em vós.** “Santificai o Senhor” ainda é citação de Is 8.13. Lá a expressão estabelece o contraste com o temor perante pessoas. “Santo” significa “separado”. Logo “santificar o Senhor” significa atribuir-lhe a posição absolutamente superior a tudo

que é humano. **Santificai o Senhor em vossos corações** significa: deixai condicionar vosso coração exclusivamente pela realidade de Deus. O coração é o centro do pensar, planejar e sentir humanos. Se o Senhor for santificado ali, estará assegurada a premissa de um destemido testemunho de sofrimento e fé aqui. Em Isaías (8) “o Senhor” é Javé. É significativo que Pedro transfira o nome dado para Deus no AT (*Javé*, em grego *kýrios*) para Cristo. **Sempre preparados para defender diante de cada um que demanda de vós razão da esperança em vós** – essas palavras estão estreitamente ligadas às anteriores. Considerando que a formulação na realidade expressa uma ligação estreita, porém indefinida das duas partes da frase, provavelmente temos de inferir uma relação de reciprocidade. Preparados para a defesa estão aqueles que santificam o Senhor no coração. E aqueles que se mantêm prontos para responder ao mundo realmente santificam a Cristo. Por meio dessas palavras, porém, fica explícito que a prontidão para responder não é primordialmente uma questão de capacitação e de formulação correta, mas que ela depende de que Cristo de fato seja santificado nos corações dos que o confessam, de que estejam totalmente repletos dele. “Pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (At 4.20) – foi com essa atitude que os apóstolos se tornaram testemunhas tão sensacionais. E daquilo que o coração está repleto, “disso falam os lábios” (Mt 12.34). A continuação do versículo pode ser aplicada tanto a situações tranquilas como a tensas. Podemos traduzir: “sempre preparados para responder a cada um que demanda uma palavra (tradução literal) de vós”, mas da mesma forma também: “para a defesa (ou até mesmo responsabilidade) perante cada um que demandar de vós prestação de contas”. Os termos gregos aqui empregados apresentam um amplo leque de significados. Dessa maneira são condizentes com todos os cristãos, com cada um em sua realidade. Se um cristão em tempos tranquilos é solicitado a dar uma palavra sobre a esperança em seu íntimo ou se outro se encontra em um inquérito diante de autoridades, cada um é desafiado por Deus a estar **sempre preparado**, mais precisamente **para cada pessoa** – Pedro conta com a circunstância de que os próprios concidadãos comecem a indagar. Essa sempre será a situação mais favorável. Assim a mensagem de Jesus não é pregada por imposição, mas por solicitação. Cabe notar que o questionamento do entorno não é motivado tanto pela fé dos cristãos, mas por sua **esperança!** Uma esperança viva chama atenção, porque na realidade as pessoas deste mundo somente produzem para si esperanças enganosas (ou melhor: ilusões), de modo que efetivamente não “têm esperança nenhuma” (1Ts 4.13). Porém a **esperança** que o Ressuscitado incendeia nos seus (1Pe 1.3) confere algo radiante à vida deles, algo atraente. Ressoa em todo o seu falar e agir. Não importa se são capazes de formular sua esperança em palavras dignas de crédito, mas se de fato possuem uma esperança verdadeira. Então também serão capazes de fornecer uma orientação clara. Sua **esperança** designa ao mesmo tempo o patrimônio de esperança que está preparado para eles (cf. o comentário a respeito de 1Pe 1.3). Não a erudição, mas a realidade vigente é decisiva para saber se será demandada deles uma razão (ou “uma palavra”) de sua esperança.

- 16 Também é relevante a maneira como o cristão dá a resposta, ou seja: **com mansidão e temor, tendo boa consciência, para que naquilo em que sois difamados sejam aniquilados os que ofendem vossa boa conduta em Cristo.** Ressalta-se a “mansidão” porque até mesmo no testemunho dos que são zelosos pelo bem facilmente se imiscuem no fanatismo cego, desavenças e sentimento de superioridade. Desse modo surge um clima de controvérsia que deturpa muitas coisas. Por trás do espírito de desavença se oculta o egocentrismo, mas por trás da mansidão (= cordialidade, benevolência) está a dedicação amorosa ao próximo. A resposta do cristão aos semelhantes penetra a mente, quando apresentada com inteligência, mas no coração, quando for marcada pela cordialidade de Jesus para com adversários insensatos. Jesus afirma sobre si: “Sou manso...”. E nos conclama: “tomem sobre si o meu jugo e aprendam de mim” (Mt 11.29)! A mansidão, porém, precisa vir acompanhada do **temor**. Novamente se tem em vista o temor a Deus, aquele cuidadoso levar a sério da santa presença de Deus. Ela protege contra o risco de silenciar sobre a verdade do evangelho por temor diante de pessoas. O temor a Deus faz com que levemos a sério a perdição dos que estão longe de Deus, bem como a circunstância de que a mensagem de salvação para eles foi confiada a nós. O temor a Deus previne contra a falta de retidão e a vanglória, bem como contra a autoconfiança. Quem teme a Deus, portanto, cuidará para continuar dependente do agir de Jesus (Jo 15.5!) e para não ser pessoalmente um empecilho para esse agir. **Ter boa consciência** – a **consciência**, literalmente: o “saber com” é a instância no ser humano que atesta se ele seguiu ou não aquilo que reconheceu como bem. É significativo que nossa **consciência** é um permanente “saber com” de todos os nossos atos e que essa participação no saber nos acompanhará até a eternidade. Não haverá esquecimento, e a

consciência é insubornável. É mais fácil matá-la do que fazer com que chame de bom, em sua constituição, algo reconhecido como mau, ou de mau algo reconhecido como bom. Ela é independente da vontade do ser humano, mas dependente da vida dele. É por isso que, segundo este versículo, uma boa consciência e uma boa conduta formam uma unidade. Podemos parecer impecáveis diante de pessoas. Podemos nos eximir do veredicto delas, contudo não do veredicto de Deus na consciência. Para ter boa consciência cumpre viver de modo tão puro diante de Deus que ele não testemunhe contra nós na consciência. “Boa” é a consciência que Deus não deixa inquieta por causa de pecado e vergonha secretos, ocultos. A que resultado, porém, levam **mansidão, temor e boa consciência? Para que naquilo em que sois difamados sejam aniquilados os que ofendem vossa boa conduta em Cristo.** Novamente se prevêm desde já difamações por causa de Jesus (1Pe 2.12; 4.14). Isso vale também para épocas não caracterizadas por perseguições. No bojo do testemunho correto de Jesus sempre consta também o juízo de Deus sobre os pecados das pessoas. Muitas vezes os impenitentes reagem a esse testemunho procurando identificar pecados nos cristãos. Para isso existe somente uma resposta apropriada e promissora: uma **boa conduta em Cristo.** Se alguém está **em Cristo** – isso significa: recriação da personalidade (2Co 5.17), i. é, ser configurado por Cristo em toda a existência. É isso que produzirá uma nova vida, uma **boa conduta.** Por mais que os difamadores a ofendam, mais cedo ou mais tarde terão de ser aniquilados (ou: envergonhados).

17 Difamadores aniquilados, envergonhados – em todas as circunstâncias isso não significa que parem de difamar ou perseguir. Pode ser que apesar disso, ou justamente por isso, as testemunhas de Jesus tenham de sofrer, porque os difamadores foram atingidos na consciência (cf. At 5.33; 7.54; etc.). Em todos os casos é necessário perseverar inabalavelmente na boa conduta. **Porque é melhor sofrer como quem pratica o bem, se for essa vontade de Deus.** Quem segue o Crucificado precisa contar sempre com a possibilidade do sofrimento. Entretanto não está à mercê da arbitrariedade dos inimigos, mas sob a **vontade de Deus.** É Deus quem determina isso e quem conserva em sua mão a forma e duração do sofrimento. Novamente (como em 1Pe 2.20) sofrer pela prática do bem é uma formulação muito genérica. Pode significar: sofrer, apesar de praticar o bem, ou também: porque e enquanto se pratica o bem. **Porque é melhor sofrer pela prática do bem... que pela prática do mal.** Nos v. 13-16 tratava-se de superar os difamadores pela prática do bem. O v. 17 sintetiza tudo isso: no sofrimento daqueles que fazem o bem reside uma força que supera. O bloco subsequente torna isso palpável pelo exemplo de nosso Senhor Jesus.

18 **Porque também Cristo morreu por nós de uma vez por todas por causa dos pecados, como justo por injustos, para nos conduzir a Deus, em verdade morto na carne, mas vivificado no espírito.** As conjunções aditivas com que começa esse trecho mostram que ela é concebida como fundamentação (“porque”) e como paralelo (“também”) ao bloco precedente. O fato de que o bloco anterior é fundamentado de forma tão exaustiva e central com o anúncio agora subsequente de Cristo visa a realçar sua relevância. A partir do sofrimento de seu Senhor os discípulos devem aprender a perseverar na prática do bem até mesmo no sofrimento, confiando que esse sofrer possui força de superação (“é melhor, mais eficaz”). Ao mesmo tempo a justaposição dos dois trechos lança luzes sobre o entendimento dos seguintes: sofrer sob a prática do bem sempre é eficaz, o sofrimento de Cristo aconteceu até no mundo dos mortos e nos lugares celestiais, com efeito retroativo sobre as gerações passadas e prospectivo sobre as gerações futuras da humanidade. A formulação **porque também Cristo** indica que, de certa maneira, também o padecimento de seus seguidores possui eficácia para a eternidade. A saber, quando por meio dele se evidencia sua esperança, de sorte que, em função disso, pessoas distantes da fé indagam pela razão dessa esperança (v. 15). A chance que reside em tal sofrimento foi demonstrada mais tarde pelas grandes perseguições ao cristianismo. Não obstante, no final do bloco procuramos em vão por um paralelismo de síntese entre o sofrimento de Cristo e o dos cristãos. O sofrer de Cristo é incomparável. A conseqüência que Pedro deriva desse trecho está em 1Pe 4.1, onde consta: “Armai-vos do mesmo pensamento.”

Cristo morreu de uma vez por todas por causa dos pecados. A asserção de que seu sacrifício propiciatório vale de uma vez por todas é muito significativa. Explícita a diferença fundamental entre os sacrifícios de animais da antiga aliança e o sacrifício que alicerça a nova aliança. Enquanto as oferendas da antiga aliança tinham de ser constantemente repetidas, e apesar disso não eram capazes de realmente afastar os pecados (Hb 10.11), o sacrifício de Cristo é único, definitivo, eternamente eficaz, por ter anulado para sempre o pecado de todo o mundo. Por isso consta aqui: **por causa dos pecados** (cf. também Gl 1.4; Rm 4.25). De acordo com toda a Sagrada Escritura o pecado constitui a

miséria fundamental do ser humano, porque causa a separação de Deus (Gn 3; Is 53.5; Jo 3.19). Ele é tão grave que somente a morte do Filho inocente de Deus foi capaz de expiá-la (Cl 1.21s). Somente quem reconheceu o peso do pecado consegue entender a cruz de Jesus. Somente ele poderá compreender que dádiva imensurável é o perdão dos pecados. **Morreu como justo por injustos**, esses dois termos devem ser vistos de forma absoluta e irrestrita. Jesus era inteiramente justo, era “o Justo” por excelência (Is 53.11; At 3.14; 7.52; 22.14; 1Jo 2.1) e não precisaria ter morrido por si mesmo. Contudo também **por injustos** tem sentido absoluto, valendo sem restrições para todos. Todos são injustos por natureza, vale dizer: perdidos. O justo morreu por injustos, o que para nós significa redenção, mas para ele, sofrimento imerecido. Assumiu esse sofrimento pela vontade incondicional de liberar o caminho de volta ao Pai para nós e levar-nos até Deus. **Para nos conduzir a Deus** – esse é o alvo de seu sacrifício. Dessa forma de fato existe acesso até Deus para pecadores. O que todas as religiões almejam, embora jamais o tenham alcançado nem jamais possam alcançar, a saber, encontrar um caminho até Deus – precisamente isso se tornou realidade em Jesus, o Crucificado. Quem pensa encontrar um acesso a Deus sem perdão dos pecados não tem a menor idéia da santidade de Deus e da perdição humana. Seu pecado o separa de Deus. Quem ainda se encontra em pecados nunca poderá ter paz com Deus. No entanto, pelo fato de que Jesus morreu por nós, por causa dos pecados, todo aquele que se entregar a ele realmente chegará a Deus (Jo 14.6). Jesus **em verdade foi morto na carne, mas vivificado no espírito**. Pela concatenação da frase, a ênfase cai sobre a segunda afirmação: vivificado no espírito. Depois que Jesus foi **morto na carne** – dano maior os inimigos não lhe puderam causar – foi **vivificado no espírito**. Isso não significa que o Espírito de Jesus tivesse morrido. Não existe na Escritura nenhuma referência a que Jesus também tivesse morrido “no espírito” (cf. Lc 23.46). O termo grego *zoopoiein* pode significar, além de “vivificar”, também “avivar”. Podemos entender isso no sentido de Rm 8.36 (“Somos mortificados o dia todo”) e de 1Ts 3.8 (“porque agora vivemos, se estais firmes no Senhor”). Das citações depreendemos que as palavras “matar”, “viver”, bem como “avivar”, podem ser entendidas no sentido da obtenção de forças adicionais de morte, respectivamente de vida. Cristo foi morto na carne, porém no espírito foi avivado para uma eficácia nova, maior (cf. Fp 2.9). **Morto na carne** pode dar um reforço a essa idéia. Sua encarnação significou rebaixamento, limitação de sua eficácia. Agora isso foi desfeito, e o espírito está completamente livre para uma atuação irrestrita, de abrangência mundial.

- 19 No qual ele também foi aos espíritos na prisão e lhes anunciou.** Portanto, foi no espírito que Cristo chegou aos espíritos e lhes “**anunciou**”, a saber, sua vitória. Não apenas à terra e ao mundo dos mortos, mas também aos mundos celestiais chega o poder eficaz de seu padecimento (v. 22). “**No qual**”, ou também “pelo qual”, respectivamente “mediante” o espírito, independentemente de como traduzirmos, precisamos interpretá-lo assim: Cristo como espírito e Cristo em espírito. Logo não permaneceu inativo depois de morrer na cruz. Apto agora para se dirigir a esferas que não alcançou na carne, proclamou sua vitória também no mundo dos mortos, tornando-a eficaz. Os “**espíritos na prisão**” são os espíritos dos falecidos (cf. 1Pe 4.6). Também eles não são entes inativos ou “nadas” desligados. Encontram-se “na prisão”, podendo ouvir a mensagem de Cristo e com certeza também responder e tomar decisões. Isso combina com as demais informações do NT: ao morrer o ser humano de fato perde o corpo carnal, mas permanece preservado como pessoa (Mt 10.28; Lc 16.22ss; 23.43; At 7.59; Hb 12.23; Ap 6.9). Nesse caso o falecido pode ser designado tanto como “alma” como também “espírito”, conforme evidenciam as passagens bíblicas citadas. **Prisão** (literalmente: local de depósito ou vigilância) é o local em que se encontram os espíritos dos adormecidos, ou seja, o reino dos mortos (em grego: *Hades*). A palavra **prisão** expressa, sem sombra de dúvida, que cada pessoa continua vivendo, quer queira ou não, quer aceite isso ou não. Visto que os espíritos precisam aguardar o julgamento na prisão, essa palavra também pode ter a conotação de um local inóspito, penoso, de vigilância, no qual os mortos se encontram contra a vontade. Lá, pois, lhes foi anunciado, literalmente: “trazida mensagem de arauto”. Neste ponto Pedro é extremamente reservado e não afirma nada específico acerca do conteúdo da mensagem. Alguns intérpretes pensam que ele teria anunciado juízo aos mortos. No entanto, pelo fato de Pedro empregar aqui o mesmo termo usado no anúncio da mensagem de salvação aos vivos podemos seguramente depreender que também aqui tem em mente uma oferta de salvação (cf. também 1Pe 4.6). A esses mortos que não conseguiram captar em vida a salvação por meio de Cristo ele deve ter oferecido a possibilidade de que a aceitem no reino dos mortos. A boa nova deste trecho da chamada “descida ao inferno” é que

ele se voltou aos que faleceram antes de seus dias na terra, anunciando-lhes sua vitória. Essa “descida” ao mundo dos mortos também é atestada em Rm 10.7; Ef 4.9s; alude-se a ela também em Mt 12.40 e em outras passagens.

20 No v. 20 são descritos em detalhe os espíritos na prisão: **os quais outrora foram desobedientes, quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto era preparada a arca, na qual poucos, a saber, oito almas, foram salvos através da água.** Pedro caracteriza os contemporâneos de Noé como “desobedientes”. Isso somente pode ser afirmado sobre pessoas que tinham certa noção da vontade de Deus. **A longanimidade de Deus aguarda.** Isso multiplica a culpa deles. Perseveraram na desobediência por muito tempo, embora tivessem diante de si a advertência de Deus: a construção da arca. – Porventura o Senhor teria trazido a mensagem somente àquela geração, aos contemporâneos de Noé? Será que não são citados aqui como exemplo para todas as gerações? Contudo, por que justamente eles? Eles evidenciam com especial clareza os efeitos de seu sacrifício. Se ele avança até mesmo em direção aos que faleceram na prístina proto-história, comunicando a essas pessoas permanente e conscientemente desobedientes a mensagem redentora e oferecendo-lhes assim sua salvação consumada – quanto mais sua oferta valerá para todas as demais gerações dos séculos passados, a todos que já viveram sobre a terra até Adão! Naquele tempo era na **arca** que se decidia a salvação ou perdição. Para todos ela representou anúncio do juízo do dilúvio e exortação de Deus. Contudo tornou-se salvação para alguns poucos. **Na qual (entrando) poucos, a saber oito almas, foram salvos através de (da) água** (cf. Gn 7.7; 9.18). **Para dentro da qual** significa: para serem salvas, as oito almas tinham de entrar na arca. Somente é salvo quem atende o chamado de Deus, quem é obediente e vem até o lugar de salvação e abrigo. A menção expressa do pequeno número dos salvos – **poucos, a saber, oito almas** – poderia salientar especialmente o contraste com a grande multidão dos que se perderam. Ou será que o pequeno número pretende evidenciar o número muito maior dos que foram salvos por Jesus? Seu poder redentor na realidade é incomparavelmente maior que o da arca. Naquele tempo somente oito salvos, agora incontáveis. Uma vez que na presente passagem ocorre uma comparação tipológica, como afirma expressamente o v. 21, essa última interpretação é a mais provável. No NT encontramos com frequência a comparação de um exemplo do AT (*typos*) com uma figura oposta do NT (*antítypos*). Nessa forma interpretativa impressiona o superlativo tipológico, a saber, a comprovação de que a salvação trazida por Jesus é maior que o exemplo do AT. **Poucos foram salvos através de (da) água.** Podemos traduzir – novamente de forma livre, no estilo daquele tempo: “salvos por água”. É o que fazem alguns exegetas, interpretando a água como meio através do qual foi salva a família de Noé. Em termos gramaticais estabelece-se uma boa conexão com o v. 21: a qual (a água) salva também a vós. Contudo impõe-se uma objeção de conteúdo. A água certamente também foi meio de salvação, uma vez que sustentou a arca. Mas foi primordialmente elemento de juízo. Por isso daremos preferência à tradução que, embora seja incomum, é mais precisa: (entrando) para dentro da arca as oito almas foram “**salvas atravessando (a) água**”. Conseqüentemente, o texto está aberto para o entendimento duplo: as oito almas foram “salvas através da água” como também “salvas atravessando a água”. Essa formulação corresponde exatamente ao evento do juízo do dilúvio descrito no AT.

21 **A qual agora também salva antitipicamente a vós como batismo, que não é uma remoção da sujeira na carne, mas uma prece dirigida a Deus por boa consciência mediante a ressurreição de Jesus de Cristo.** Gramaticalmente parece plausível relacionar o pronome relativo (“a qual”) com a água. Afinal, a água trouxe à família de Noé a verdadeira salvação por sustentar a arca. E também hoje, na nova aliança, existe de certo modo uma salvação por água. No entanto, o pronome relativo também pode se referir à totalidade do acontecimento da salvação no v. 20. A salvação na nova aliança é descrita, no presente versículo, como antítipo, como contra-figura. O exemplo do AT (o *typos*) é a salvação de Noé e sua família atravessando a água. No dilúvio aconteceram simultaneamente juízo e salvação. As oito almas foram salvas mediante a água atravessando a água do juízo. Agora existe um processo análogo na nova aliança, a saber, o batismo. Também no batismo acontece redenção atravessando-se a água do juízo: o ser humano é batizado na morte de Cristo (Rm 6.3s) e assim simultaneamente entregue a Cristo. Salvação atravessando a água, esse é o evento que liga *typos* e *antítypos*. No entanto, no dilúvio e também no batismo o que redime é o acontecimento todo, não a água em si.

O batismo **não é uma remoção da sujeira na carne, mas uma oração dirigida a Deus por boa consciência mediante a ressurreição de Jesus Cristo.** Agora a comparação tipológica dos dois

processos de salvação foi deixada para trás, e o pensamento prossegue com uma nova ilustração. A água passa a ser vista como elemento de purificação, o que corresponde ao entendimento original do batismo, segundo o qual ele é expressão de um lavar. **O batismo não é uma remoção da sujeira na carne.** Por meio dele de fato acontece uma limpeza, mas isso pode ser interpretado mal. Por isso se destaca: mergulhar e lavar o ser humano exterior ainda não é batismo. O batismo é uma remoção da sujeira no ser humano interior – é assim que a frase deveria ser concluída no paralelismo com a precedente. No entanto, isso novamente poderia levar a mal-entendidos, como se o batismo em si, pela mera execução, descartasse os pecados. Não, diz Pedro: O batismo é uma prece dirigida a Deus por uma boa consciência. Aqui se torna claro que no batismo se trata de um acontecimento no interior do ser humano, de um voltar-se pessoal do batizando para Deus. Assim o batismo caracteriza-se como um ato em que o batizando expressa o primeiro desejo de obter uma boa consciência para com Deus. Confissão dos pecados e subordinação da vida ao senhorio de Deus formam uma unidade indissociável, e no batismo Deus confirma o pertencimento a ele, o perdão dos pecados e conseqüentemente a boa consciência. Logo, está em jogo, no batismo, uma boa consciência. O versículo sob análise mostra que a consciência possui uma relevância central em nosso relacionamento com Deus. Enquanto uma pessoa for “morta” em “transgressões e pecados” perante Deus (Ef 2.1), ela tem uma consciência embotada perante Deus. Há de silenciá-la até certo ponto, fechar-se para a voz de sua consciência. Contudo uma boa consciência jamais será tão embotada. A consciência adormecida constitui praticamente um indício de que a referida pessoa está distante de Deus. Quando, porém, Deus fala para dentro da vida de um ser humano, a consciência acorda. A luz da palavra e do Espírito de Deus revelam à pessoa seu pecado, e dessa maneira sua consciência se torna inquieta. E, quanto mais claramente Deus lhe falar e instar com ele, tanto mais o ser humano se assusta com seu pecado. Porque fica evidente para ele que o pecado significa inimizade contra Deus (Rm 5.10). Por isso forma-se uma boa consciência naqueles que se voltam para Deus, entregando-lhe a vida, confessando-lhe os pecados (1Jo 1.9; Tg 5.16; Mt 3.6; At 19.18) e suplicando por perdão em virtude do sacrifício de Jesus, mas em seguida também recebendo o anúncio dele na autoridade do Ressuscitado (Mt 18.18; Jo 20.23). Quando isso acontece na vida de uma pessoa ela obtém paz com Deus (Rm 5.1) e por decorrência também adquire uma boa consciência como expressão desse novo relacionamento de paz e fé do filho perante Deus. A partir disso lança-se novamente uma luz sobre o batismo. Como prece a Deus por uma boa consciência e como resposta de Deus, ele constitui a síntese e a confirmação da conversão do ser humano. Na medida em que o batismo e o voltar-se para Deus formam uma unidade, os batizados daquele tempo podiam decididamente considerar o batismo como sua redenção. Ele era de fato o acontecimento conclusivo, atestador, no evento geral da redenção.

O último segmento da frase: **pela ressurreição de Jesus Cristo** pode ser relacionado com a frase toda, especialmente, porém, com a prece por uma boa consciência. Batismo, perdão dos pecados e boa consciência, tudo repousa sobre o evento da ressurreição. Porque o fato de que a morte de Jesus na cruz expiou os pecados dos seres humanos foi confirmado por Deus através da **ressurreição de Jesus Cristo**, que de fato sustenta toda a salvação (1Pe 1.3). Sem ela não haveria perdão dos pecados. Sem ela tampouco o batismo teria eficácia, e uma boa consciência não passaria de imaginação. Por isso é somente o Ressuscitado que dá aos discípulos a incumbência: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19).

22 Que está à direita de Deus, após ter adentrado os céus e lhe terem sido subordinados anjos, potestades e poderes. Para entender esse versículo é importante lembrar com clareza a grande linha de todo o bloco: o sofrimento por causa de Jesus é eficaz (v. 17), isso pode ser constatado no sofrimento de Cristo (v. 18). Por meio de seu padecimento obteve poder de ação no mundo dos mortos (v. 19s), na terra (v. 21) e no céu (v. 22). **À direita de Deus** refere-se ao poder governamental divino (Sl 110.1; Mt 26.64; At 7.55; Hb 1.3; etc.). Cristo **está** à direita de Deus: isso vale desde já. “Foi-me dado todo o poder nos céus e na terra” (Mt 28.18). **Ele adentrou os céus.** Nessa concepção os céus são a essência da esfera de poder de Deus. Foi para lá que ele tinha de “ir”, para assumir a plenipotência de Deus. Pelo fato de lhe ter sido dado todo o poder nos céus e na terra, foram também sujeitos (literalmente: subordinados) a Jesus os anjos, potestades e poderes. A Bíblia testemunha que existe um sem-número de poderes acima e também debaixo da terra (Fp 2.10), que por sua vez influenciam os poderes e potestades terrenos, e principalmente nós humanos (em geral sem sabermos

e sem querermos isso). Em função disso, são citados pela Bíblia no plural. E o NT sempre fala deles em uma lista de várias expressões, p. ex., “anjos, potestades e poderes” ou “anjos, principados e potestades” (Rm 8.38). Segundo a Escritura existem de um lado poderes angelicais que servem a Deus e que se destacaram com especial nitidez no nascimento de Jesus, em sua tentação, sua luta no Getsêmani, sua ressurreição e ascensão, mas muito mais se destacarão em seu retorno (igualmente em Mt 13.39; 18.10; 26.53; At 5.19; 8.26; Hb 1.13s; Ap 1.1; etc.). Por incumbência de Deus eles intervêm na história do mundo e da igreja (cf. também Dn 10.13,20; certamente também 2Ts 2.6s). Por outro lado existem também anjos, potestades e poderes a serviço de Satanás (Mt 25.41; 2Co 12.7; 2Ts 2.9; Ap 13.2). São eles os mencionados quando Paulo afirma em Ef 6.12: “Nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (cf. Ef 2.2). Todos os anjos, poderes e forças foram subordinados a ele (Jesus). É o que também atesta Paulo: Deus fez Jesus “sentar à sua direita nos lugares celestiais acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro” (Ef 1.20ss; cf. também Cl 2.10-15; 1Co 15.24). Quem conhece a superioridade absoluta de Jesus sobre todos esses poderes, colherá desse saber confiança e esperança. Ainda que padeça, não precisará temer realmente esses poderes. Nas aflições depositará sua confiança em seu Senhor, que foi exaltado acima de tudo, para honrá-lo e servi-lo.

Suportar o mal com a mentalidade de Jesus – 1Pe 4.1-6

- 1 – Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado,**
- 2 – para que, no tempo que vos resta na carne, já não vivais de acordo com as paixões dos homens, mas segundo a vontade de Deus.**
- 3 – Porque basta o tempo decorrido para terdes executado a vontade dos gentios, tendo andado em dissoluções, concupiscências, borracheiras, orgias, bebedices e em detestáveis idolatrias.**
- 4 – Por isso, difamando-vos, estranham que não concorrais com eles ao mesmo excesso de devassidão,**
- 5 – os quais hão de prestar contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos.**
- 6 – pois, para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus.**

- 1 Tendo, pois, Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós da mesma mentalidade.** “Sofrer na carne” é um sofrimento grave, doloroso, que atinge profundamente nossa existência terrena. Entretanto, “sofrer na carne” é sofrimento passageiro na carne transitória. Pedro visa encorajar os cristãos para não temerem o sofrimento na carne. O bloco anterior mostrou que efeitos de bênçãos para outros foram originados pelo sofrimento. Este bloco, pois, explicita que efeitos de bênçãos o sofrimento traz para os próprios sofredores: separa-os cada vez mais do pecado e de seu antigo ambiente e, conseqüentemente, do juízo sobre eles. **Armai-vos também vós com a mesma mentalidade.** A palavra se refere à mentalidade de Cristo que considera a vontade de Deus e a salvação dos seres humanos mais importante que o bem-estar pessoal na terra. Jesus abominou tanto o pecado, que morreu em prol de sua eliminação. Não viveu para os desejos, mas para Deus. E não temeu os escarnecedores, mas tolerou que o matassem, a fim de cumprir a vontade de Deus. **Armai-vos** (literalmente: “muni-vos”) aponta para luta. Como discípulos de Jesus, deparamo-nos com a rejeição por parte daqueles à nossa volta que crêem de maneira diferente. Nesse contexto a tentação de preservar a própria carne pode tornar-se uma luta interior. Então é importante armar-se a tempo, do contrário a carne ficará mal-acostumada, e imprestável para as incumbências de Deus. Quem, no entanto, se munuiu desde o princípio com a mentalidade de Cristo está preparado contra as investidas do pecado, das paixões e dos escarnecedores. **Porque quem sofre** (ou: sofreu) **na carne parou com o pecado** (ou também: largou do pecado). É uma experiência antiga que dias de sofrimento nos tornam menos propensos ao pecado e que, em contrapartida, dias de bem-estar são dias em que mais corremos o perigo de pecar. O v. 3 cita os pecados típicos da abundância! Para quem está armado com a mentalidade de Cristo, a decisão contra o pecado e a favor de Deus já foi tomada no íntimo. Para aquele que, ademais, já se encontra **sofrendo na carne**, chegou a hora da aprovação, na qual ele

confirma a decisão de que prefere sofrer a servir ao pecado. Rendtorff afirma: “Ter de sofrer pela hostilidade do mundo é um indício seguro de que a grande ruptura foi realizada, de que foi dado o passo para fora do mundo, rumo ao discipulado de Cristo” (op. cit., p. 77). Jesus quer que seus seguidores se tornem semelhantes a ele (Mt 11.29; Jo 13.15; Rm 8.29; Gl 4.19; 2Co 3.18). Para tanto, porém, requer-se a coragem de ser conseqüentemente diferente do mundo. Também é necessário saber que isso está associado ao sofrimento, mas que esses padecimentos podem até mesmo ser considerados de forma positiva, porque contribuem para uma vida decidida de entrega a Deus.

2 A fim de já não viver o tempo ainda restante na carne para os desejos dos humanos, mas para a vontade de Deus. É importante que um cristão capte nítida e conscientemente esse alvo. Quem se converteu e se decidiu em favor desse alvo terá de sustentar essa decisão também na vida cotidiana. O conteúdo da vida do cristão é formulado por Pedro de forma negativa: **já não viver para os desejos dos humanos**, e positiva: **mas para a vontade de Deus. A vontade de Deus** sobrepõe-se de forma compromissiva sobre sua vida, tem validade incondicional para eles. **O tempo ainda restante na carne** refere-se ao tempo de vida ainda disponível. Ele é dádiva, e até mesmo uma chance. Contudo, é limitado. Como declara a Escritura? “O tempo se abreviou” (1Co 7.29a [TEB]), porque: “A hora (estabelecida por Deus) está próxima” (Ap 1.3). Logo tudo depende de que o tempo de graça ainda concedido seja vivido apropriadamente (Ef 5.15). A vida de nosso Senhor estava tão cabalmente voltada para a vontade de seu Pai que ele podia dizer que ela era o alimento que o sustentava na realização da vontade daquele que o enviara, e na condução da obra dele à consumação (Jo 4.34). Nele notamos o que é verdadeira “vida” no sentido original, a saber, segundo o plano do Criador para nós.

3 Porque basta o tempo decorrido, de terdes feito o desígnio dos gentios, tendo vivido em devassidões, paixões, embriaguez, orgias, comilanças e idolatrias infames. Essa curiosa formulação **basta**, que também conhecemos em nossa língua (“agora basta” no sentido de: já chega), pretende afirmar: está na hora de acabar com isso. A retrospectiva de **tempos passados** torna o cristão humilde, porque viveu para suas paixões, **realizando o desígnio dos gentios**. Essa retrospectiva vexatória, porém, reforça a decisão: **basta**. Com o termo *éthne* = **gentios**, ou: **nações**, designam-se originalmente todos os povos, exceto Israel. Para os gentios o normal é viver sem vínculo com Deus, i. é, em pecado e dissolução. O desígnio dos gentios é um poder do qual normalmente não conseguem nem querem escapar. Pedro demonstra a configuração concreta desse tipo de vida no subsequente “catálogo de vícios”. **Tendo vivido em devassidões, paixões, embriaguez, orgias, comilanças e idolatrias infames.** Dessa maneira se explicita para os leitores a diferença entre o outrora e o agora em sua vida. Só lhes resta recordar com imensa gratidão de que tipo de vida foram resgatados. Ao mesmo tempo tornam-se conscientes de que se formou um profundo abismo entre eles e seu antigo círculo de amizades, e que a tensão é causada pela mudança de sua vida. Compreendem que essa tensão precisa ser suportada, ainda que sob sofrimentos.

Todos os termos do catálogo de vícios estão no plural. A idéia é de diversos tipos de devassidões, paixões e idolatrias. **Devassidões** são decorrentes de paixões interiores. A palavra grega para **embriaguez** significa p. ex. consumo excessivo de vinho, bebedeira de vinho. O termo também alude ao palavreado vazio que acompanha o consumo excessivo de vinho. O fato de que além disso ainda são citadas as **orgias** mostra que importância essa área tem para a vida na perdição, agora superada e passada. **Comilanças e bebedeiras** por sua vez acarretam uma série de outros pecados. A **idolatria** representa o ápice dos vícios, porque nela se concede aos ídolos o que compete a Deus, adoração e serviço. Por trás de todos os tipos de ídolos está o poder contrário a Deus. Por essa razão a Bíblia não consegue falar dessas coisas sem, ao mesmo tempo, acrescentar uma condenação. Em Dt 18.12 a superstição é chamada de “abominação”, e no presente versículo a idolatria recebe o adjetivo **infame** ou também **sacrílego**. Chama atenção que Pedro cite aqui especialmente pecados da sociedade. É verdade que as paixões são de cunho mais íntimo, pessoal, mas são vivenciadas no contato com outros. Na presente passagem duas coisas são dignas de nota: por um lado Pedro conta naturalmente com o fato de que, para os cristãos, essa vida de vícios faz parte do passado. Por outro, é importante para ele que armar-se com a mentalidade de Cristo ajuda a viver de forma determinada contra o pecado. É evidente, pois, que persiste o risco de contemporizar com o pecado. Sempre que cristãos assumem uma posição resoluta diante dos pecados da sociedade, surgem conflitos com o ambiente de outrora.

- 4 **A propósito disso, estranham pelo fato de não (mais) correrdes com eles na torrente da devassidão, e por isso blasfemam.** A palavra **estranham** (ou “admiram-se”) tem a conotação da irritação. Realmente surge um estranhamento. A causa: quem caiu em si e se arrependeu **não corre (mais) com eles na mesma torrente de devassidão**, ou também: “correnteza de desleixo”. **Correr com** expressa a caçada por diversões, a desenfreada trajetória decadente. Correnteza (ou torrente) de devassidão caracteriza a ampla disseminação dessa atitude de vida gentílica. Como uma torrente, ela tem algo de cativante. Quem, no entanto, não se deixa arrastar por esse contexto causa escândalo e é visto com estranheza. Trata-se de uma experiência antiga, já atestada na Bíblia (Mt 10.22; Lc 6.22; Jo 15.18ss): a pessoa que se nega a arrepender-se tenta desviar-se da interpelação de Deus em sua consciência pelo recurso da **blasfêmia**. “Por isso blasfemam” consta aqui sem objeto, sem indicação se a blasfêmia é dirigida contra Deus, sua igreja ou sua mensagem. Pois no fundo tudo isso está interligado. Quem tentar se livrar da reivindicação de Jesus sobre sua vida procura maldade naqueles que dão testemunho de Jesus, escarnecendo deles. Precisamente quando estes já não acompanham a torrente de devassidão, acabam acusados de falta de companheirismo, de estraga-prazeres, orgulhosos, mesquinhos e fanáticos... **Blasfemar** (ou também difamar, divulgar má reputação) contém desde sempre uma tendência de perseguição. Toda a opressão contra a igreja começa quando se cria uma má reputação para ela. Às vezes, porém, as pessoas atingidas na consciência não têm escrúpulos de blasfemar diretamente o Santo e Altíssimo.
- 5 Essa blasfêmia por parte dos que sentem estranheza diante do novo caminho de seus antigos parceiros precisa ser levada muito mais a sério que o falar tolo dos que estão na ignorância (1Pe 2.12,15). Afinal, esses blasfemadores reconheceram o que Jesus realizou em seus santos e o que ainda pretende realizar neles. Logo, já não são ignorantes, mas renitentes. Suas controvérsias com a igreja não são meras contendias em torno do cristianismo, mas dirigem-se contra o próprio Senhor vivo, com quem se depararam por meio dos cristãos... É isso que torna o encontro tão pleno de responsabilidade: **hão de prestar contas àquele que se mantém de prontidão para julgar vivos e mortos**. É impressionante o verbo no futuro: **hão de prestar contas**. Embora não queiram, o juízo há de alcançá-los inevitavelmente. Aquele, porém, **que se mantém de prontidão para julgar**, não será outro senão aquele a quem desprezam, do qual se desviam e cujas testemunhas injuriam: Jesus, o Crucificado (Jo 5.22; At 17.31). Não haverá, então, para os perdidos nenhuma saída, nenhuma salvação, nem mesmo pela morte. Porque não apenas **vivos**, mas também **mortos** terão de prestar contas. Naquele dia a morte, o *Hades*, o mar, terão de entregar os mortos, para que todos possam ser avaliados, cada qual segundo suas obras (Ap 20.13). Ainda que curiosamente não conste aqui “os vivos...”, mas “vivos e mortos” (sem artigo!), isso evidentemente não significa, p. ex., que apenas alguns deles tenham de comparecer perante o julgamento. A Escritura declara expressamente que diante do grande trono branco comparecerão “os mortos”, indistintamente: os grandes e pequenos, os importantes e humildes, os pobres e os ricos, os decentes e os blasfemos, de todas as religiões e nações, bem como de todos os séculos (Ap 20.11,12a). – Não obstante, a ausência do artigo deve ter um significado: porque nem todos os vivos e mortos serão submetidos ao julgamento geral do mundo. Os justos, cujo nome está inscrito no livro da vida, não terão de comparecer diante do grande trono branco para serem julgados (cf. Lc 10.20; Jo 5.24; Ap 20.12!), mas pelo contrário: como santos do Senhor, terão de julgar junto com ele o mundo (1Co 6.2). Por esse motivo tampouco participarão da ressurreição geral dos mortos com os demais falecidos, mas foram despertados da morte antes do reino dos mil anos. Pertencendo ao Messias, já foram despertados para a vida na ocasião de sua volta (1Co 15.23b): essa é a ressurreição seletiva – literalmente “levantamento para fora dos (do meio dos demais) mortos” (Fp 3.11) – ou a “primeira ressurreição” (Ap 20.5s), que o Senhor designa como “ressurreição da vida” (Jo 5.29a). No presente versículo se fala com grande seriedade sobre o juízo e a morte. Os apóstolos não tratam do juízo com frequência, mas quando o fazem, usam de grande responsabilidade. Muitas pessoas só conseguem viver uma vida leviana porque se esquivam das realidades últimas, morte e juízo. Em função disso também a igreja de hoje precisa testemunhar fielmente e sem cortes a mensagem bíblica da morte e do juízo.
- 6 O julgamento dos vivos ainda pode ter sido compreensível para os ouvintes. Sua responsabilidade foi delineada no v. 5. Porém, os mortos? Como pessoas **mortas**, de séculos passados, ou seja, da época da antiga aliança poderiam ser responsabilizadas e julgadas? Afinal, só pode ser responsabilizado e julgado quem teve a oportunidade de ouvir a mensagem de Deus e se decidir. O v. 6 fundamenta a verdade de que isso vale não apenas para os vivos, mas igualmente para os mortos: **Pois para esse**

fim que o evangelho foi anunciado também a(os) mortos, para que, mesmo julgados na carne à maneira humana, vivam no espírito à maneira de Deus. A própria conjunção da frase **pois para esse fim** indica que o objetivo é fundamentar o versículo anterior. A proclamação do evangelho sem dúvida se refere à mesma coisa que 1Pe 3.19, de modo que essa afirmação especifica o conteúdo do termo “dar notícia de arauto” de 1Pe 3.19. Quando, porém, se proclama o evangelho, existe também a possibilidade da decisão e da redenção. O **para que** se dirige tanto a **sendo julgados** como também a **viver**. Mas a concatenação da frase faz cair a ênfase sobre o segundo segmento da sentença, ou seja: **para que eles... porém, vivam no espírito à maneira de Deus**. Por causa desse alvo o evangelho foi anunciado não apenas aos vivos, mas também aos mortos que não o haviam ouvido em vida. **Para que, mesmo julgados na carne não apenas à maneira humana:** o juízo, portanto, já ficou para trás deles. Em vista disso não é possível que se tenha em mente o juízo geral do mundo perante o grande trono branco (Ap 20.11ss), mas a própria morte. Sem dúvida o âmbito da teologia bíblica inclui que a morte em si já seja chamada de juízo na carne à maneira humana. Afinal, a morte constitui o último inimigo (1Co 15.26) e salário do pecado (Rm 6.23). Por isso a própria morte é considerada, para a igreja, no tocante à carne, um flagelo (2Co 5.4).

Bons administradores da multiforme graça de Deus – 1Pe 4.7-11

- 7 – Ora, o fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações!**
- 8 – Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados.**
- 9 – Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração.**
- 10 – Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus.**
- 11 – Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!**

- 7 Ora, o fim de todas as coisas está próximo.** O termo grego *telos* significa “fim” e ao mesmo tempo “alvo” no sentido de consumação. A Sagrada Escritura como um todo atesta que este mundo terá um **fim**, e que ele, por desígnio de Deus, ruma a determinado **alvo**. Também o próprio Jesus diz com clareza: “Céus e terra passarão” (Mt 24.35; cf. 1Co 10.11; 1Tm 4.1; 1Jo 2.18; etc.). Porém esse passar não representa um fim real, mas o encerramento da condição atual e o começo de um mundo novo, divino: o “esquema”, a configuração deste mundo passa (1Co 7.31). A expressão **está próximo** (ou também: “se aproximou”) já soou na primeira mensagem, com a qual Jesus se apresentou na hora certa publicamente como Messias: “Arrependei-vos, porque o reino dos céus está próximo (aproximou-se)” (Mt 4.17; etc.). Isso quer dizer duas coisas: com Jesus, o reino de Deus está presente e vigora. Ao mesmo tempo, porém: o reino de Deus, sua consumação, apenas está chegando e se aproxima cada vez mais. É assim que também deve ser entendida a presente passagem. **O fim de tudo** já está presente em Jesus (Hb 9.26; 1Co 10.11 e Hb 1.2). O tempo escatológico iniciou com a vinda dele para a terra, com a proclamação do governo de Deus, com a crucificação, ressurreição e ascensão do Messias. Ao mesmo tempo, porém, vale: o fim de tudo ainda está por ocorrer e se aproxima cada vez mais. O tempo escatológico alcançará auge e conclusão nos eventos do fim que encerram e consomem o curso deste mundo, com a parusia do Senhor, com a implantação do reino messiânico, com o juízo e com a consumação dos céus e da terra (cf. v. 5; Mt 24.6; 1Co 15.24; etc.). A formulação **o fim está próximo** engloba simultaneamente passado e futuro, e ambos determinam o presente. Como o fim já começou, todo o tempo atual é tempo determinado pelos acontecimentos escatológicos situados antes e diante de nós, é tempo escatológico. E como o fim se aproxima mais a cada momento, esse tempo é tempo limitado, que finda sem que possa ser repetido. Conseqüentemente, a igreja deve reconhecer o tempo presente como escatológico e permitir que sua vida seja determinada por esse reconhecimento. Já ouvimos isso em 1Pe 1.13. O bloco final da carta, que começa agora, mostrará como se caracteriza uma vida marcada a partir dos eventos escatológicos. Nesse trecho está em jogo a ligação de cada pessoa com o Senhor exaltado e sua inserção apropriada na vida da igreja.

Tende, pois, vos tornado sensatos e sóbrios para orações! Quando os apóstolos exortam para estarem prontos para a vinda do Senhor, eles não conclamam primeiramente para a ação e o esforço, mas para orações. Nisso seguem seu Senhor, cuja vida inteira era marcada por seu contato com o Pai em oração, para o que reservava muito tempo, exclamando a seus discípulos: “A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.” (Mt 9.37s). Também seu grande discurso sobre a parusia termina com a convocação: “Vigiai, pois, a todo tempo, orando...” (Lc 21.36). Pela vida de oração fica comprovado se a igreja confia em sua própria força ou na do Senhor. Fato é que Pedro escreve como alguém que pessoalmente reservou o mais importante espaço à oração em todo o serviço eclesial (“e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra.”: At 6.4). O plural **para orações** pode conter o convite para orar muito. Assim igualmente é expressa a multiplicidade de formas e maneiras de orar, comunitária e solitária, livre e pré-formuladas, adoração, intercessão, etc... O apóstolo sabe que orar é penoso para nós, que a falta de tempo, a desconcentração e o amor ao mundo nos impedem de orar. Por isso, além da exortação, ele fornece também ajuda: **Sede sensatos e sóbrios** para orações. Segundo a Bíblia são **sensatos** (ou também: “sábios”) aqueles que contam com Deus, que buscam em primeiro lugar o reino de Deus e deixam determinar a vida a partir daí (Pv 1.7; 15.31; Jr 9.22s; Tg 3.13,17). O termo grego *sophronein* (ser sensato, sábio) expressa o conhecimento de como viver corretamente e ao mesmo tempo com disciplina e autocontrole, para configurar a vida cotidiana de acordo. **Ser sensato para orações** significa, portanto: reconhecer a importância decisiva das orações para a vida correta no tempo escatológico e, então, realmente orar. **Tende vos tornado sóbrios** recorda que o arrependimento no passado de fato gerou um despertar radical para a sobriedade, e ao mesmo tempo contém o convite para, na condução da vida, controlar-se devidamente na área do bem-estar e da vida confortável. Quem segue isso encontrará o tempo e a concentração necessários para orar e para o agir decorrente. É assim que contar com o fim de todas as coisas e com o futuro de Deus os torna “**sensatos e sóbrios**”.

- 8 Os versículos seguintes dependem do v. 7, afirmando em tradução literal: “... tende-vos tornado sóbrios para orações, mantendo sobretudo persistente o amor recíproco..., sendo hospitaleiros..., servindo uns aos outros...”. Desse modo fica claro que orar e agir estão inseparavelmente interligados, que amor de irmãos, hospitalidade e diaconia na verdade começam pela oração e têm a oração por fundamento, mas que em contraposição é preciso ter cautela para não esquecer o agir por causa da oração. **Mantende sobretudo persistentemente o amor recíproco** (cf. o comentário a 1Pe 1.22). O amor é o fruto fundamental do Espírito Santo, do qual dependem todos os demais frutos (Gl 5.22); ele é o vínculo da perfeição (Cl 3.14). A expressão **sobretudo** mostra quanta importância possui o amor de irmãos para o relacionamento entre os membros da igreja. Quando ele falta, a amabilidade se torna hipocrisia, e a indelicadeza se transforma em desavença. **Mantende o amor recíproco persistentemente** (ou também: perseverante, duradouro; literalmente: retesado). Em face de todos os riscos que partem do próprio eu e do irmão cumpre preservar o amor fraternal. **Porque amor cobre uma multidão de pecados** (Pv 10.12). A intenção aqui não é falar da dissimulação de pecados, mas de uma atitude que aprendeu do amor de Deus. Deus vê nitidamente o pecado, leva-o a sério e desmascara-o. Somente então ele o encobre, perdoadando-o. O mesmo devem fazer os membros da igreja entre si: seu amor não os torna cegos, pelo contrário, vêem os pecados do irmão com clareza e, na conversa pessoal, também os citarão pelo nome. Porém o **amor recíproco** os move a perdoar os pecados. E o amor jamais divulgará pecados e erros do irmão perante outros. Perdoar torna-se particularmente difícil quando se trata de uma **multidão de pecados**, quando um irmão peca com frequência. Nesse caso somente o amor que vive e aprende do amor de Deus levará ao sucesso.
- 9 **Sede hospitaleiros uns com os outros sem murmuração.** Outras passagens da Escritura também exortam a sermos hospitaleiros (Rm 12.13; 1Tm 3.2; Hb 13.2; etc.). Naquela época isso era especialmente necessário, porque na realidade não havia hotéis no formato atual. Contudo também hoje a hospitalidade (literalmente: amor ao estrangeiro, ao hóspede) possui uma relevância crescente. Difícilmente algo favorece tanto a comunhão dos fiéis como a hospitalidade. Sem ela a convivência cordial e alegre da igreja nem sequer é possível. Não se trata apenas de oferecer alojamento para pernoite, mas da acolhida cordial e amável no lar em diferentes ocasiões. Ser hospitaleiro pressupõe amor, abertura para o irmão e desistir do conforto e do egoísmo familiar. Ser hospitaleiro demanda sacrifício de tempo e energia, às vezes também de dinheiro. Por isso Pedro declara: Sede hospitaleiros (mais precisamente: amáveis com hóspedes) entre vós **sem murmuração**. A

murmuração destrói a melhor ação. É melhor nem acolher hóspedes do que fazê-lo com murmuração. Murmurar contamina o relacionamento mútuo. Ser hospitaleiro sem murmuração não é tanto uma questão de ceder espaço de moradia. Depende da disposição do coração, da dedicação ao irmão.

10 Cada um, conforme recebeu um dom da graça – servi uns aos outros com ele como bons administradores da multiforme graça de Deus. Visto que os dons da graça (em grego: *charisma*) são dados pelo Espírito Santo, eles também são chamados de “dons do Espírito” (1Co 14.1). Este versículo presta uma importante contribuição para a pergunta a respeito do que são os carismas e como devem ser exercidos. O contexto demonstra que ser hospitaleiro, falar a palavra de Deus e exercer a diaconia são serviços dos dons da graça. O NT, portanto, não restringe o termo “dom da graça” aos dons particularmente notórios, p. ex., cura de enfermos (1Co 12.9) ou línguas (1Co 12.10; 14.13). Quem pratica de modo alegre e consciente a hospitalidade provavelmente obteve um carisma para isso. Porém, todo aquele que recebeu um dom para a edificação da igreja é um “carismático”. Pedro não escreve: “cada um, quando recebeu um dom da graça”, mas **como** (ou: “na proporção em que”) recebeu. Logo tem por certo que cada cristão participa da multiforme graça de Deus, que conseqüentemente também possui dons da graça. Não é possível produzi-los a partir de si mesmo, mas somente **recebê-los**. É verdade que podemos “buscá-los” (1Co 14.1), mas sempre continuarão sendo dádiva de Deus através do Espírito Santo. **Servi uns aos outros com eles** significa: os dons da graça foram dados para o serviço mútuo. Obviamente os dons não devem ser mal usados pelo seu detentor, p. ex. para a fama pessoal, pois então se tornam uma ameaça. Os dons da graça que nos foram confiados não devem nos tornar “carismáticos” deslumbrados, mas *servidores* humildes e singelos. Desse modo a dádiva se torna incumbência. Cada qual é servo do outro, essa é a ordem da igreja de Jesus. **Como bons administradores da multiforme graça de Deus.** A **graça de Deus** é sua dadivosa dedicação aos seus (cf. o comentário a 1Pe 1.13). **Multiforme** ela é na medida em que exerce uma obra diversificada na igreja e em cada cristão (cf., p. ex., 1Pe 5.10). Como graça multiforme ela também é suficiente para todas as múltiplas carências da igreja. **Administradores** é o nome dado pelo próprio Jesus a seus discípulos em várias parábolas (Lc 16.1; cf. Mt 25.14ss). Um administrador é caracterizado pelo fato de ter recebido dádivas em confiança para o serviço, que não são de sua propriedade. Cabe-lhe prestar contas sobre seu uso, razão pela qual tem de aproveitar tempo e oportunidade, enquanto possui os dons. Um laborioso empenho em prol de seu Senhor com os dons da graça que lhe foram confiados constitui o **bom administrador**.

11 Quando alguém fala – em palavras de Deus; quando alguém serve – a partir da força que Deus oferece. Uma vez que aqui se trata do serviço mútuo (v. 10), com “falar” Pedro provavelmente tem em vista tanto o discurso na reunião da igreja como também a palavra pessoal de irmão para irmão. **Quando alguém fala**, que sejam **palavras** (ou: “enunciações”) **de Deus**. Aqui não se refere a palavras da Bíblia, mas a palavras que brotam de ouvir a Deus, embora não dissociadas da Sagrada Escritura. Trata-se do falar de Deus aqui e agora, de seu falar relativo a uma situação específica. Quando alguém fala – **em palavras de Deus** não devemos traduzir de forma atenuada: “como palavras de Deus”. No grego não apenas se usa uma comparação, mas designa-se a realidade. Aquele que fala deve enunciar palavras que de fato se originam de Deus. Quando isso acontece, será um falar eficaz – para honra de Deus e não para a honra pessoal – determinado pelo Espírito Santo e seus dons da graça (cf. também Cl 3.16): um “culto carismático”. A presente palavra de Pedro corresponde à de Paulo: “Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis. (em grego *propheteuein*)” (1Co 14.1). Importa para Pedro a fala compreensível, concedida por Deus e desmascarando o que está oculto no coração (1Co 14.24s). Em 2Co 2.17 Paulo assevera: “É da parte de Deus, na presença de Deus, em Cristo que falamos” [TEB]. É vontade do Senhor que isso aconteça na igreja de forma abundante e clara. **Quando alguém serve – a partir da força que Deus oferece.** O grego *diakonein* = “servir” formou o termo “diaconia”. Originalmente *diakonein* significa “servir à mesa” e se refere, no NT, ao auxílio prestado em situações de carência e necessidade física, mas também espiritual (cf. ThBl, artigo “Dienen”). O fato de Pedro citar, dentre a grande variedade de carismas, justamente o *diakonein* demonstra como ele é importante em uma igreja viva. Uma vida eclesial apropriada sempre se manifestará através da diaconia. Não estamos diante de uma exortação especial para diáconos e diaconisas, mas de uma convocação para toda a igreja. Pedro conta naturalmente com o fato de que na igreja existem muitos servidores. *Todos* os discípulos são instruídos a servir (Jo 13.15-17). É verdade que nos primórdios do NT já houve exercício do

ministério do diácono e da diaconisa (At 6.3; Fp 1.1); a exortação de Pedro à igreja toda, no entanto, revela com nitidez e clareza que esses serviços organizados não devem tornar desnecessário o agir diaconal específico de todos os membros da igreja. A incumbência diaconal é tão grande que o “ministério” diaconal do indivíduo e o agir diaconal de todos os membros da igreja precisam completar um ao outro. Quando alguém serve – **a partir da força** (ou “vigor”) **que Deus oferece**. Na força que Deus oferece residem, teológica e historicamente, as raízes da diaconia. Por isso a diaconia verdadeira somente poderá ser exercida por alguém que vive diariamente da força que Deus oferece. A miséria com que o cristão se depara pode ser tão dura e desanimadora que não se pode enfrentá-la de outra forma que não pela força suprida por Deus. Também nesse ponto fica evidente: a diaconia somente pode ser realizada mediante oração e no poder de Deus.

É significativo como o presente trecho termina: **para que em tudo Deus seja exaltado por meio de Jesus Cristo**. Somos chamados a ser algo para o louvor da glória de Deus (Ef 1.12). É para isso que aponta toda a atuação do Filho (Mt 6.9s; Jo 17.4). É para isso que aponta também o Espírito Santo em nós, que ele convocou. Não existimos para nós mesmos. Quando nos transformamos no centro das atenções, erramos nosso alvo. Sempre estão em jogo Deus e sua honra. Toda a vida, também o amor fraternal, a hospitalidade e diaconia, têm em Deus seu fundamento e alvo: **para que em tudo Deus seja exaltado** (ou: honrado, glorificado) **por meio de Jesus Cristo**. Servindo ao irmão o cristão honra a **Deus**. **Em tudo** (ou: através de todos) **Deus deve ser exaltado**. O alvo da exortação apostólica é que cada um viva, em tudo que fizer, para a glória de Deus, engrandecendo assim o nome dele. Além disso, importa que Deus seja exaltado através de todos. Um cristão não pode fazer nada sem Jesus, nem mesmo prestar a Deus a honra que lhe é devida. O que ele fizer para a honra de Deus acontece por meio de **Jesus Cristo**. Conseqüentemente, também na glorificação de Deus a honra não cabe aos cristãos, mas a Jesus Cristo. **Para ele é** (ou: ele possui) **a honra e o poder para os éons dos éons**. **Amém**. O trecho encerra com uma exaltação, uma “doxologia” (de *doxa* = honra). Como nosso Deus é grande! Aqui Pedro diz enfaticamente: “Para ele é a honra e o poder”, não apenas “para ele seja” ou “a ele compete a honra”, como normalmente. Devemos estar cientes disso no sofrimento. Éon significa “era”. A Sagrada Escritura desconhece nosso conceito estático, onerado pela filosofia, de “eternidade” em repouso. A Bíblia fala de forma mais dinâmica de **éons**, referindo-se às diferentes eras marcadas pelo agir salvador de Deus. Quanto à expressão: **para os éons dos éons**, lemos, p. ex., no Comentário Esperança sobre Rm 16.27: “O futuro não é eternidade vazia, mas uma plenitude de novas eras, que hão de desenvolver cada vez mais e de forma mais profunda a exuberante riqueza de sua graça (Ef 2.7).”

Alegrai-vos por sofrer com Cristo! – 1Pe 4.12-19

- 12 – Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo,**
- 13 – pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando.**
- 14 – Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados (sois), porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus.**
- 15 – Não sofra, porém, nenhum de vós como assassino, ou ladrão, ou malfeitor, ou como quem se intromete em negócios de outrem.**
- 16 – mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe disso; antes, glorifique a Deus com esse nome.**
- 17 – Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus!**
- 18 – E, se é com dificuldade que o justo é salvo, onde vai comparecer o ímpio, sim, o pecador?**
- 19 – Por isso, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem a sua alma ao fiel Criador, na prática do bem.**

Pedro escreve uma autêntica carta, sem uma estrutura rígida. Por isso também não se importa em retomar assuntos anteriores. A carta toda é perpassada pelo fato de que a situação das igrejas da Ásia Menor era determinada pelo sofrimento. Já em 1Pe 1.7 Pedro havia explicitado aos leitores que o sofrimento cumpre uma finalidade relevante, visando a comprovar a autenticidade de sua fé. Até o

momento, porém, escreveu pouco a respeito das conseqüências que o sofrimento traz, e da atitude com que deve ser suportado. É o que passa a fazer agora. Em vista disso, a presente passagem de forma alguma é mera repetição do tema “sofrimento”, mas uma etapa a mais, ajudando a sermos aprovados no sofrimento. Novamente chama a atenção que Pedro exorta de forma pouco amena e não-sentimental. Afinal, para os apóstolos o cerne não é ocupado pelo ser humano e sua “felicidade” terrena, mas pela obra e honra de Deus: se, porém, sofrer como cristão, não se envergonhe, antes, glorifique a Deus com esse nome.

- 12 Amados, não estranheis o fogo ardente entre vós, que vos sobrevém para provação, como se algo estranho vos acontecesse.** Quanto à expressão **amados**, cf. o comentário a 1Pe 2.11. Antes de posicionar-se novamente a respeito do sofrimento, Pedro enfatiza mais uma vez sua ligação especial no amor de Jesus Cristo. **Não estranheis** (ou: estejais surpresos ou admirados) expressa o mesmo que: não vos deixeis irritar, não vos deixeis abalar, não vos sintais decepcionados. Se encarassem o sofrimento como algo estranho, poderiam surpreender-se, poderiam pensar que algo não estaria certo com as promessas de Deus ou com a filiação divina deles. Poderiam temer que algo alheio, como o maligno, fosse mais forte que a proteção de Deus. No entanto, sofrimentos de forma alguma são **algo estranho** para seguidores do Crucificado, e sim algo normal. São parte inerente do discipulado. Aqui o sofrimento é chamado de **fogo ardente**. Cf. 1Pe 1.7: assim como o ardor do fogo depura o ouro, assim o sofrimento purifica a fé. Ao denominar “sofrimento” como ardor do fogo, Pedro lhe dá uma interpretação, ligando a ela a frase relativa subsequente: **que vos sobrevém para provação** (cf. o exposto sobre 1Pe 1.7). Quem sabe disso não fugirá do sofrimento, mas concordará com ele. Desse modo é presenteado com a atitude que o ajuda a suportar o sofrimento! Não obstante, algo muito maior será propiciado aos cristãos.
- 13 Pelo contrário, na medida em que participais dos sofrimentos do Cristo, alegrai-vos, para que também vos alegreis jubilando na revelação de sua glória.** A frase grega contém duas asserções, para as quais precisamos de duas frases na tradução. A idéia é: na medida em que (ou: assim como) participais nos padecimentos do Cristo, participareis e vos alegrareis com júbilo na revelação da sua glória. E: por isso concordai com o sofrimento, e até alegrai-vos com ele na mesma proporção em que sofreis. É algo grandioso poder convocar pessoas sofredoras à alegria com tanta autoridade. Que força está por trás disso! É a força da expectativa cristã primitiva (cf. 1Pe 1.3), da esperança viva pela manifestação da glória do Messias. Pedro experimentou pessoalmente que o Senhor Jesus é capaz de encher os corações dos seus em meio à aflição e tortura com vitoriosa alegria. Diz-se dele e de João: “E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome. (de Jesus)” (At 5.41). Aqui se afirma: **participais em** (ou: estais em comunhão com) **os sofrimentos do Cristo**. O que ele, como Cordeiro de Deus, suportou vicariamente por nós sem dúvida aconteceu de uma vez por todas (1Pe 3.18; Hb 9.27): a vitória do Calvário está consumada (Jo 19.30). O padecimento expiatório da culpa da humanidade jamais se repetirá. Apesar disso continua havendo **sofrimentos do Cristo**, porque o Senhor exaltado sofre com sua igreja. E sua igreja sofre porque se apega a ele, testemunhando o nome dele neste mundo. O sofrimento na verdade a atinge, porém aponta para Cristo. Ele se ligou indissolúvelmente à sua igreja: afinal, é o cabeça dela (Ef 1.22; 4.15; 5.23; Cl 1.18) e ela é seu corpo (1Co 12.27; Ef 1.23; 4.12,16). Ele identifica-se tanto com sua igreja que é capaz de dizer a Saulo, perseguidor da igreja: “Por que me persegues (At 9.4)? Em Cl 1.24 Paulo escreve: “Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja;” O Comentário Esperança diz o seguinte acerca desta passagem: “Até então (até a parusia), porém, ainda durarão as ‘dores de parto do Messias’, que agora atingem seu corpo, a igreja. Por isso o ‘tem de’ da obrigatoriedade divina do sofrimento também paira sobre a trajetória da igreja rumo ao reino vindouro (At 14.22)” [p. 308]. De forma muito clara testemunha-se de antemão que ao confessar Jesus a igreja terá de passar por sofrimentos (Mt 10.22; Mc 13.9; 1Ts 3.3s; 2Tm 3.12; Ap 1.9; 2.9s; 7.14). Porém a participação nos sofrimentos do Messias a insere simultaneamente na participação na consumação: **para que também vos alegreis jubilando na revelação de sua glória** (cf. também Rm 8.17). Essa glória, que ele já possui agora, na realidade ainda está oculta, e a igreja ainda aguarda sua **revelação**; então, porém, se alegrará com júbilo. É rumo a esse evento que ela vive e sofre. Unicamente a escatologia bíblica não-deturpada, a expectativa da glória vindoura de Jesus conferem aos cristãos força, e até mesmo alegria no sofrimento! Alegrar-se antecipadamente por isso constitui sua força!

- 14 Quando sois injuriados em (ou: com) o nome do Cristo – ditosos (sois), porque o Espírito da glória e de Deus repousa sobre vós.** Isso não inclui apenas palavras ofensivas, mas pode igualmente se referir a um tratamento vexatório. Todas as desvantagens e todas as perseguições andam de mãos dadas com difamação ou ofensa. Ser injuriado por esse nome não é vergonha para os que o amam, mas uma honra. Representa um forte consolo e uma vitória interior descobrir no sofrimento por Cristo, ao ser ofendido e desprivilegiado: posso ser considerado ditoso. Pedro fundamenta a bem-aventurança: **porque o Espírito da glória e de Deus repousa sobre vós.** Para compreender a força assertiva desse versículo é preciso considerar o contraste e a simultaneidade da injúria sofrida e da glória. Aos que segundo a promessa receberam a dádiva do Espírito Santo já por ocasião da conversão (At 2.38) é assegurada uma atuação especial do Espírito Santo neles e por meio deles para quando sofrerem: **o Espírito da glória e de Deus repousa sobre vós.** Quanto ao termo **repousar**, cf. Is 11.2; Nm 11.25s; 2Rs 2.15s; além de At 2.3: ele, o Espírito, “pousou” sobre cada um deles. A afirmação de que o Espírito da glória repousa sobre os injuriados quer dizer: permanece com eles, marca-os, e atua neles e por meio deles. É justamente acerca dos que estavam sob acusação e injúria por causa de Jesus que o NT informa que o Espírito de Deus, como Espírito da glória, se tornou eficaz neles e por meio deles. Cumpriu-se neles a promessa de Jesus, de que aos discípulos chamados à responsabilidade será concedida a assistência especial do Espírito Santo (Mt 10.19s; Lc 12.11; 21.14s). Muitas vezes perguntamos por que a experiência mostra que discípulos difamados e oprimidos estão repletos de uma força especial e por que igrejas sofredoras crescem. Esta é a resposta: sobre eles repousa o Espírito da glória, isto é, o Espírito de Deus.
- 15 Pois, a saber, nenhum de vós sofra como assassino, ou ladrão, ou malfeitor, ou como quem se intromete em negócios alheios.** Este versículo contém uma exortação e advertência. Importa que os ameaçados e perseguidos superem os preconceitos das “pessoas insensatas” pela prática do bem (1Pe 2.12,15s,20; 3.16s). Mas isso somente acontecerá se não for possível imputar-lhes nenhum outro “delito” além desta declaração em favor de Jesus. A conjunção explícita o nexos interior das duas frases: porque o Espírito da glória não pode repousar sobre malfeitores, **a saber**, por isso é importante que ninguém sofra como assassino, ladrão ou por causa de outro delito. Tudo estaria perdido se um cristão tivesse de sofrer como malfeitor, mais ainda se fosse comprovado que é assassino ou ladrão. Não valeriam para ele nem a bem-aventurança nem a promessa do v. 14, mas o juízo do v. 17. Pedro é conselheiro espiritual e sabe dos riscos também para o crente. Por isso visa acordar a consciência dos ouvintes em perigo através da advertência de não serem incriminados como **“assassinos, ladrões ou malfeitores”**. É difícil de dizer em que ele está realmente pensando ao afirmar: ninguém sofra... como alguém **que se intromete em negócios alheios**, literalmente: que se arvora em supervisor sobre (pessoas ou coisas) alheias. Poderia ser uma intromissão na competência de outro, ou simplesmente fazermos-nos de importantes em coisas que não nos dizem respeito. Schlatter cita como exemplo a intromissão na educação dos filhos de outros ou no matrimônio alheio. Schweizer pensa “na indelicada insistência com que muitos cristãos avaliam e julgam os outros”. O perigo de intrometer-se em coisas alheias pode assumir numerosas formas, dependendo das condições em que nos encontramos. É verdade que cada cristão tem responsabilidade por outros, sendo de fato “guardião de seu irmão” (Gn 4.9). No entanto, quem se intromete em tudo por excesso de entusiasmo ou projeção pessoal não deve se surpreender com eventuais resistências. Nesse caso, porém, não deve pensar que está sofrendo por ser cristão.
- 16 Quando (ele), porém, (sofrer) como cristão, não se envergonhe, mas glorifique a Deus com esse nome.** A expressão **cristão** ainda é rara no NT. Surgiu em Antioquia (At 11.26) e designa os que pertencem a Cristo. Em todas as épocas de sofrimento e perseguição o mundo acusou os cristãos de muitos e graves delitos, a fim de justificar a opressão movida contra eles. Para o cristão é importante que essas acusações sejam injustificadas (v. 15). Sendo esse o caso, existe a certeza de que ele de fato precisa **sofrer como cristão**, que portanto a razão de seu sofrimento é o fato de pertencer a Cristo. Então **não se envergonhe**. Não é vergonha ser discípulo de Cristo. Não se envergonhar significa confessar que somos cristãos, quando acusados. Foi isso que Pedro e João confessaram perante o Sinédrio (“Não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos”, At 4.20; cf. também At 16.2-22). Na seqüência Pedro encoraja seus leitores a terem uma atitude idêntica. Quem não se envergonha de pertencer a Cristo, mas assume que é cristão, glorifica a Deus com esse nome. As pessoas perguntarão quem concede aos cristãos a força para assumir esse nome com tanta consciência e alegria apesar de escárnio e sarcasmo, e notarão por trás dessa atitude a realidade de

Deus. Em termos gramaticais o presente versículo traz a conotação de uma promessa: “não se envergonhe” pode significar também “não será envergonhado”.

- 17 Porque é tempo** (ou: chegou a hora) **de que o juízo comece pela casa de Deus.** Para **tempo** consta no grego novamente *kairós* (cf. a nota 31, sobre 1Pe 1.5), agora designando o tempo determinado a partir do acontecimento do juízo. Existem duas passagens no AT que Pedro pode ter tido em mente ao escrever. Em Ez 9.5s se fala de um juízo de punição que sobrevém ao povo de Deus por causa do pecado. Os emissários que devem executá-lo recebem a incumbência de distinguir cuidadosamente entre os pecadores e aqueles que sofrem com a perdição pecaminosa do povo. A tarefa dirigida a eles continua com as palavras: o juízo deve começar pelo santuário e depois se estender por todo o povo. Em Jr 25.29 também se descreve um juízo de punição que deve começar pela cidade de Deus. Pedro deixa claro que assim está acontecendo também agora no tempo escatológico. Este tempo é de juízo, no qual Deus pune os pecados da humanidade, sua rebeldia contra ele. Como Deus é absolutamente justo, seu juízo incide necessariamente sobre toda a maldade dos seres humanos, já aqui na terra (Ap 6.17; 14.7; Ef 5.6s; etc.) e completamente depois deste tempo (Mt 25.31ss; Ap 20.11-15). A igreja precisa saber que Deus não apenas castiga os pecados do mundo, mas também as maldades e transgressões daqueles que pertencem a Deus. Por essa razão é importante que ninguém na igreja seja encontrado como assassino, ladrão ou malfeitor, porque **juízo** significa punição dos malfeitores, não importa quem forem. O fato de **o juízo iniciar pela casa de Deus** significa: Deus leva singularmente a sério o pecado no seio de seu povo. É ali que o pune primeiro. **É tempo**, ou “chegou a hora”, diz: agora é tempo de juízo. Em função disso é decisivo para a igreja romper hoje com todos os pecados, não adiar a confissão dos pecados nem o arrependimento. No entanto, sendo o pecado uma questão tão grave, o que ainda sobrevirá ao mundo? **Se, porém, primeiro conosco, qual (será) o fim daqueles que não são obedientes ao evangelho de Deus.** Os apóstolos não vêem apenas a igreja, mas sempre também o mundo. O evangelho está aí para todo o mundo, e é decisivo como cada um responde a ele e a sua disposição para obedecer, a sujeitar-se ao governo de Deus. Afinal, a expressão **desobedientes ao evangelho de Deus** somente pode referir-se a pessoas que já ouviram o evangelho e o rejeitaram, que portanto lhe negam obediência (cf. 2Ts 1.8). Diante da gravidade do juízo, quem ainda poderá permanecer sossegado? Quem consegue, como pessoa salva, compreender a situação das pessoas sem amor compassivo, sem pensamento cavalheiresco, sem empenho total, sem a prontidão plena de advertir os desobedientes e lhes apresentar a redenção em Jesus?
- 18 E, se é a custo que o justo é salvo, onde vão comparecer o ímpio e o pecador?** Essa pergunta é uma citação de Pv 11.31, segundo a LXX, e realça ainda mais a gravidade da situação. O **justo** certamente será salvo, porém **a custo**, ou “com dificuldade” (cf. Mt 24.22), porque passa por tempos tão graves, por tal ardor do fogo da provação e juízos de padecimento que somente conseguirá alcançar o alvo se evitar o mal de maneira extremamente resoluta. **Onde vão comparecer o ímpio e o pecador**, i. é, onde “se reencontrarão”? Nos justos, na igreja já podemos notar o quanto Deus leva o pecado a sério. Sobrevindo esse juízo sério ao ímpio e pecador, somente poderá causar um final terrível.
- 19** Na seqüência – pela conexão com **por isso** – o trecho todo é sintetizado, abstraindo-se dele a conseqüência: **Por isso, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem as almas ao fiel Criador, na prática do bem.** Os destinatários da carta sofrem **segundo a vontade de Deus.** Pois em última análise por trás do sofrimento deles está não a arbitrariedade dos humanos nem o poder do diabo, mas Deus. Unicamente ele é quem define a medida de seu sofrimento. Nada poderá separá-los do amor dele, nem mesmo o sofrimento (Rm 8.35). Ao se falar do **fiel Criador**, visa-se a expressar tanto a onipotência daquele que a tudo criou e por isso também governa a tudo, quanto também seu amoroso cuidado paterno – segundo o conhecido verso: “O que nosso Deus criou, mantê-lo também deseja.” E porque ele é **fiel**, não decepcionará, e podemos confiar nele. O que lhe for entregue estará bem guardado. A esse fiel Criador os sofredores podem **encomendar a alma.** Que privilégio! (quanto ao conceito de “alma”, cf. acima o comentário a 1Pe 1.22 e 1.9). Entre outros, **alma** também designa a vida interior do ser humano com seus sentimentos e humores, sua dor e irritação, suas esperanças, anseios e temores. Quem se encontra no meio do sofrimento ou ainda o tem diante de si é convidado a entregar a alma, com toda a sua intranqüilidade, a Deus. Pois, se lhe for confiada a **alma**, estará simultaneamente encomendado a ele o ser humano inteiro, visto que a alma perpassa espírito e corpo. Encomendar ou também “confiar a” significa literalmente: “entregar” (cf. At 14.23; 20.32). Disso resultam, em meio aos perigos, aconchego e desprendimento interior. Em

decorrência, o cristão sofredor se torna livre de preocupação consigo mesmo, livre para fazer o bem. A formulação **na prática do bem** declara: tudo está englobado na prática do bem. O Senhor espera de seus discípulos que façam o bem, onde quer que estejam, independentemente de qual seja sua situação. Um exemplo disso é At 4.23ss. Depois que Pedro e João foram ameaçados pelo Sinédrio a não mais falar em nome de Jesus, a igreja ora com eles Àquele que fez... céus e terra: Encomendam, portanto, a alma ao Criador (v. 29) e suplicam pela ousadia de, apesar da proibição, entregar a mensagem de *Jesus*. A prática do bem, ou seja, sobretudo o testemunho da boa nova, não está reservada para eles apenas para tempos tranquilos, mas para todos os lugares e momentos, inclusive em situação arriscada, reconhecendo eles que essa é sua incumbência. Não permitem que ninguém lhes proíba executá-la.

A responsabilidade dos anciãos e dos mais jovens pela igreja – 1Pe 5.1-5

- 1 – Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada:**
- 2 – pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade**
- 3 – nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho.**
- 4 – Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, receberéis a imarcescível coroa da glória.**
- 5 – Rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça.**

- 1 Aos anciãos, pois, entre vós exorto, (eu) co-ancião e testemunha dos sofrimentos do Cristo, que também (sou) participante da glória, que está prestes a ser revelada.** A palavra **pois** pode simplesmente indicar o começo de um novo bloco, mas em geral faz a conexão entre dois trechos. Nesse caso, assinala que o trecho seguinte contém uma conclusão do anterior. A vida eclesial depende do relacionamento correto entre os membros da igreja. A congregação judaica já havia transferido a função da liderança a **anciãos**. Foi o que também adotaram as novas igrejas, instituindo “anciãos” como dirigentes. No grego são chamados *presbyteroi*, em tradução literal: “os mais velhos”. Para a direção da igreja são necessárias maturidade na idade e maturidade em termos espirituais. O presente texto não permite notar claramente se, ao falar aos *presbyteroi*, Pedro simplesmente se refere ao grupo etário mais idoso ou se tem em vista “anciãos” no sentido do ministério de presbítero. Pelo fato de escrever a um número maior de igrejas, pode ter optado conscientemente por essa formulação genérica. Afinal, a realidade de cada igreja deve ter sido distinta. Quanto ao termo **exortar**, veja o comentário sobre 1Pe 2.11. Aqui Pedro não se chama de apóstolo (como em 1Pe 1.1), mas de co-ancião, colocando-se, portanto, no mesmo nível dos anciãos. Indica, assim, que toda exortação dada por ele vale também para si mesmo, não impondo aos leitores um fardo que ele mesmo não está disposto a assumir. Além disso, designa-se de **testemunha dos sofrimentos do Cristo**. Testemunha em grego é *martys*. Deriva-se daí nosso termo “mártir”. A uma testemunha do Cristo cabe atestar o que vivenciou, e estar disposta a também sofrer por isso (At 4.20s; Ap 2.13; 17.6). Portanto, o fato de Pedro denominar-se testemunha dos sofrimentos do Cristo pode significar: partilhou da experiência desse sofrimento, cabe-lhe agora anunciar essa mensagem, ele mesmo sofreu por ela e se prontifica, junto com os destinatários da carta, a sofrer por ela também no futuro, “se necessário” (1Pe 1.6). Entretanto, em geral Pedro não se define como testemunha do sofrimento, e sim da ressurreição de Jesus (At 2.32; 3.15; 4.30-32; 10.41). Declara pessoalmente que um apóstolo tem de ser testemunha da ressurreição de Jesus (At 1.22). Sem dúvida ser testemunha ocular dos sofrimentos de Jesus é algo grandioso. Como tal, Pedro tinha muito a relatar à igreja. Contudo, não havia também escarnekedores incrédulos que tinham presenciado o sofrimento de Jesus na cruz? Por que, então, Pedro não se denomina aqui de testemunha da ressurreição de Jesus, e sim **de seus sofrimentos**? Em 1Pe 4.13 foram mencionados os leitores: participantes dos sofrimentos do Cristo. Isso pode ser entendido como um sofrer do Senhor exaltado com sua igreja e como sofrer da igreja com ele (cf. 1Pe 4.13). Por isso Pedro deve estar se referindo nesta passagem tanto ao testemunho dos sofrimentos de Jesus, pessoalmente presenciados por ele, quanto também à sua

participação nos sofrimentos do Cristo no sentido de 1Pe 4.13. Quem está disposto a pessoalmente sofrer ou já se encontra em meio a sofrimentos, também é capaz de falar a pessoas sofredoras de maneira digna de crédito. Provavelmente Pedro já não estava longe da morte do martírio. Em seguida complementa a informação acerca de si mesmo: **que também** (sou) **participante da glória que está prestes a ser revelada**. Referente ao conceito **glória**, cf. o exposto sobre 1Pe 1.21. Sofrimento e glória formam uma unidade, como dois lados do mesmo objeto, a saber, do discipulado de Cristo (cf. Rm 8.17s). É importante ver ambos os aspectos em conjunto. Quem vê somente o sofrimento desanima, e quem vê somente a glória, desconsiderando a necessidade do sofrimento, é um sonhador que fracassa no momento decisivo. Ao denominar-se participante da glória, Pedro expressa: serei participante da glória, razão pela qual já o sou agora (assim como “herdeiro” em 1Pe 1.4 designa simultaneamente futuro e presente). Para os apóstolos, a glória vindoura não é mero ideário de consolação, mas uma realidade, da qual participam todos os que aceitaram o chamado de Deus (v. 10). A glória **está prestes a ser revelada**. Ela já existe, mas sua revelação ainda se situa no futuro. Pedro emprega no grego não simplesmente o tempo futuro, mas uma expressão que realça a certeza e a proximidade cronológica do acontecimento.

- 2 A incumbência aos anciãos é: **Apascentai o rebanho de Deus entre vós!** A metáfora do pastor e do rebanho é usada com frequência na Bíblia (sobretudo em Ez 34 e Jo 10). O verdadeiro pastor de seu povo é o próprio Deus (cf. 1Pe 2.25), enquanto as pessoas incumbidas da direção são pastoras por incumbência de Deus. Em consonância, a igreja é **rebanho de Deus**. Nunca seres humanos podem ter direitos sobre ela, nem mesmo quando nela trabalharam laboriosa e fielmente como pastores. O fato de ela ser **rebanho de Deus** é que torna o serviço nela tão cheio de responsabilidade. Importa também aqui o que Paulo diz em 1Co 3.17 com uma figura diferente: “Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá.” Assim como no AT, também no NT Deus confiou o serviço de pastor a pessoas, “supervisores” (At 20.28), pastores (Ef 4.11) e anciãos (ou “os mais velhos”). Pelo fato de Pedro não diferenciar claramente entre “anciãos” e “mais velhos”, nenhum dos mais velhos pode transferir a responsabilidade pelo rebanho aos “anciãos”. Cada um deles possui perante Deus uma responsabilidade pela igreja. A tarefa dos pastores consiste em **apascentar**. O foco está nas necessidades do rebanho. Apascentar é regido pela pergunta: de que a igreja precisa para um bom desenvolvimento e para ser protegida de perigos? Um verdadeiro pastor pode se esquecer de seus próprios interesses por causa das carências do rebanho e de cada uma das ovelhas que lhe foram confiadas, e o mesmo vale para um ancião no tocante à igreja que lhe foi confiada.

O serviço do pastor é ameaçado particularmente por três perigos: pela falta de disposição, por ganância e pela avidez de poder. Com as palavras **não coagidos, mas voluntariamente, conforme Deus** Pedro refere-se à falta de disposição para cooperar. Há uma forma de cumprimento do dever que não traz alegria para ninguém. Indisposição e contrariedade transferem-se para aqueles que cumprem o “dever”, marcando a obra. Obviamente a rigor ninguém pode ser **coagido** a prestar um serviço na igreja. Contudo, quando alguém pertence ao grupo dos presbíteros ou quando até mesmo chega a ser ancião, ele tem a tarefa, e espera-se que preste o serviço. É dessa “coaçoão” que se fala. “Não coagido” significa, então, realizar o serviço não porque isto é esperado, mas de livre e espontânea vontade. Voluntariamente, ou “disposto”, “por livre iniciativa” refere-se à iniciativa pessoal, ser cativado e impelido pela seriedade e magnitude do serviço. Quando a vontade de Deus determina a vontade dos “mais velhos”, eles agem de forma espontânea, mais precisamente **conforme Deus**. Isso pode significar: “segundo a maneira de Deus” ou “segundo a vontade de Deus”. Schlatter traduz: “em vista de Deus”. De qualquer modo visa-se expressar que qualquer serviço de pastor depende de Deus. E mais uma advertência: **não em sórdida ganância, mas de boa vontade**. É verdade que Jesus dissera: “porque digno é o trabalhador do seu salário.” (Lc 10.7). Será que os anciãos recebiam pagamento já nos tempos do NT? Seja como for, é grande o perigo de buscar nesse serviço primeiramente a vantagem pessoal. Isso contamina o coração e o serviço. Os anciãos, como bons pastores, devem estar realmente empenhados pelo rebanho, tendo em vista o bem das ovelhas, e não mirando a lã delas. O significado básico do termo grego *prothymos* (= disposto), expressa: inclinado, com simpatia, com dedicação, com zelo, com gosto. O bem e as angústias dos outros ocupam, portanto, o foco, e o motivo é a determinação de servi-los.

- 3 Segue uma última exortação aos anciãos. **Tampouco como aqueles que se fazem senhores sobre o que lhes foi distribuído, mas como aqueles que se tornam** (ou: são) **exemplos do rebanho**. O termo grego para **o que lhes foi distribuído** na realidade significa “sorteio”. Em seguida passa a

significar: o que foi sorteado, a herança, o quinhão sorteado. No presente contexto refere-se com certeza à igreja, respectivamente à área de tarefas confiada a cada um dos anciãos. Duas coisas repercutem nessa palavra: que se trata de algo grandioso e que eles não o buscaram por si, mas que lhes foi atribuído. **Não como aqueles que se fazem senhores** sobre o que lhes foi distribuído significa textualmente: “olhar de cima para baixo”, depois “oprimir”, “subjugar”. Os anciãos devem conduzir a igreja, e nessa função também exercer a disciplina eclesial. Nessa posição de liderança reside o perigo do abuso, devido à pulsão humana pelo poder. Existe um abuso da liderança, um senso equivocado quanto ao cargo. Ao **senhorear** sobre os demais, os servidores da igreja se portam como senhores, privam Deus da honra e posição de domínio que lhe cabem e impõem inferioridade aos membros da igreja. Nisso sua liberdade e cooperação responsável se perdem, bem como a alegria em servir e o senso comunitário. É assim que anciãos, por “olhar de cima para baixo”, praticamente conseguem “gerir os negócios para baixo”. A isso Pedro contrapõe a maneira correta de apascentar: como aqueles que se tornam exemplo para o rebanho. Também Paulo emprega o termo **exemplo** ou “molde” (em grego *typos*) e exorta no mesmo sentido os responsáveis pelas igrejas (1Tm 4.12; Tt 2.7; cf. também 1Ts 1.4; 2Ts 3.9). Em Fp 3.17 ele conclama: “Imitai-me todos juntos, irmãos, e fixai o vosso olhar naqueles que se conduzem segundo o exemplo que tendes em nós” [TEB]. A igreja não precisa de ídoles dominadoras, mas de exemplos. Quem se transforma em senhor gosta de exigir da igreja serviços que ele mesmo não está disposto a executar. Quem, no entanto, é exemplo, antecipa-se no servir. Todos os “mais velhos” estão submetidos à tarefa de se tornar **exemplos do rebanho**. Para o serviço de ancião não são necessários em primeiro lugar o dom da pregação nem capacidades humanas de destaque, mas, pelo contrário, uma atitude de vida que é marcada por Jesus e pelos apóstolos, ou seja, pela Sagrada Escritura.

- 4 **E quando o Supremo Pastor tiver sido manifesto receberéis a imarcescível coroa da glória.** Os anciãos precisam saber que acima das igrejas está um Supremo Pastor, e que receberam a propriedade dele somente para cuidar. Ele avaliará e recompensará o serviço deles (1Co 3.8,14; Ap 11.18). No serviço que prestam, portanto, os anciãos são responsáveis perante ele, e independentes do julgamento das pessoas. A sentença sobre seu ministério pastoral será proferida naquele dia em que tiver sido manifesto o Supremo Pastor, que agora ainda está oculto, mas já presente com todo o poder. Ele, pois, observa o serviço dos presbíteros. Considerando, porém, que todos os acontecimentos na igreja e no mundo originados em Deus têm por alvo a manifestação do Messias, é necessário que também os presbíteros direcionem seu serviço para esse evento. Isso reforça seu senso de responsabilidade e sua confiança, porque vale para eles a promessa: **recebereis a imarcescível coroa da glória**. Naquele tempo, após as competições cada vencedor recebia uma grinalda. Logo a grinalda é sinal do triunfo. É assim que um dia o Supremo Pastor recompensará todos que apascentaram bem seu rebanho com a **grinalda da glória**, que, ao contrário de todas as coroas terrenas, é incorruptível, não consistindo de material terreno, mas de glória (cf. também 2Tm 4.8; Ap 2.10; 3.11). A **glória**, porém, é a essência da proximidade de Deus e conseqüentemente de todo bem, toda luz e toda beleza. Paulo escreve em Cl 3.4: “Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória.” Essa promessa vale de forma singular para aqueles que apascentaram fielmente o rebanho de Deus.
- 5 **Igualmente vós mais jovens, sede subordinados aos anciãos.** Por meio da palavra **igualmente** Pedro expressa que a exortação do apóstolo aos mais jovens possui peso idêntico para que venha a existir um convívio alegre. Todo grupo, e também cada uma das gerações na igreja, tem seus dons específicos, suas incumbências e seus riscos. Os jovens poderiam abusar de uma exortação aos mais velhos com o fim de criticá-los. Do mesmo modo, os mais velhos poderiam causar mal estar por uma exortação aos mais jovens. Quem ouve somente a admoestação dirigida aos outros tem uma visão imatura de si mesmo e da igreja. Provavelmente a exortação aos **mais jovens** esteja direcionada a este grupo etário específico, mais do que a exortação aos “mais velhos”. Quando à exortação **sede subordinados**, cf. o comentário sobre 1Pe 2.13; e também 2.18 e 3.1. Depois de Pedro ter exortado os presbíteros a não abusar do serviço de dirigente com ânsia de dominação, é possível instar com os mais jovens para que se subordinem. Assim como no matrimônio a subordinação não significa perda de direitos, mas aceitação de dons e tarefas distintos, assim também a subordinação dos mais jovens. Ainda que uma igreja ocasionalmente estabeleça uma ordem diferente, é normal que os mais velhos sejam mais chamados para a direção, e os mais jovens, para a subordinação. Na subordinação os mais

jovens aprendem obediência e disciplina, adquirindo a necessária visão de conjunto e experiência para mais tarde dirigir a igreja. **Todos, porém, tende cingidos a humildade uns para com os outros.** Quanto ao termo **humildade**, cf. acima o comentário sobre 1Pe 3.8. No helenismo essa palavra em geral tinha uma conotação negativa, mas no NT ela designa uma atitude necessária, considerada de forma positiva, e que é importante e imprescindível para o serviço eclesial (At 20.19) e para a convivência na igreja (Ef 4.2; Fp 2.3; cf. também Fp 2.8; Cl 3.12). Orgulho gera orgulho e, conseqüentemente, separação; humildade cura relacionamentos contaminados. É significativo que Pedro saliente a humildade como atitude básica para velhos e jovens. Surgirão conflitos em todas as igrejas. Mas quando os membros da igreja estiverem cingidos de humildade, tanto para a liderança quanto para a subordinação, é possível solucionar os conflitos em paz. A questão é tão relevante que Pedro a fundamenta com autoridade extrema, a saber, a partir de Deus: **porque Deus se opõe aos orgulhosos, mas aos humildes concede graça** (citação de Pv 3.34 – LXX). Deus observa a atitude que assumimos em relação ao próximo e responde a ela com oposição ou graça. Quem leva Deus a sério em sua fé se acautelará do orgulho, porque ter Deus por adversário é impossível para a fé, ao passo que a graça de Deus lhe é mais importante que tudo. Schlatter escreve sobre o texto: “Tão logo buscamos avidamente nossa honra, iniciamos a luta contra Deus. Deus, porém, sabe como dobrar o arrogante.” Deus “habita” somente entre pessoas humildes (Is 57.15). E “é grande a sua misericórdia para com os que o temem.” (Sl 103.11).

Exortação à vigilância – 1Pe 5.6-11

- 6 – **Humilhai-vos (ou: rebaixai-vos), portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo (oportuno), vos exalte,**
- 7 – **lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós.**
- 8 – **Sede sóbrios e vigilantes!²²⁶ O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar.**
- 9 – **resisti-lhe firmes na (ou: por) fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos estão-se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo.**
- 10 – **Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar (ou: munir), firmar, fortificar e fundamentar.**
- 11 – **A ele seja o domínio, pelos séculos dos séculos. Amém!**

- 6 **Tende-vos, pois, humilhado sob a poderosa mão de Deus, para que ele vos exalte em tempo** (certo). A citação de Pv 3.34 havia fundamentado a exortação à subordinação mútua (v. 5). No presente trecho Pedro retoma a palavra da humildade, inferindo dela conseqüências para a situação dos destinatários da carta. Isso se torna evidente pelo **pois**. **A poderosa mão de Deus** é o poder atuante de Deus, com o qual ele estabelece realidades. Determina a seus filhos lugares, horas e circunstâncias, dons e limitações, tempos de perseguição e de sossego. Para todas as circunstâncias às quais a carta se referiu, situações sociais (1Pe 2.13-25) e familiares (1Pe 3.1-7), especialmente, porém, o sofrimento e as ordens estabelecidas na igreja, vale o seguinte: **Tende-vos, pois, humilhado** (ou: rebaixado) **sob a poderosa mão de Deus**. Isso significa: depois que vos distanciastes de todo orgulho e vos “cingistes” da humildade (aoristo!) na conversão, demonstrai-o (imperativo!) agora na vida cotidiana, não vos rebelando contra acontecimentos difíceis da vida, mas reconhecendo por trás deles, pela fé, a mão poderosa de Deus. No entanto significa igualmente: subordinai-vos às pessoas que Deus colocou acima de vós! Quem se humilha dessa forma sob a mão poderosa de Deus terá muito mais facilidade para encontrar seu lugar em circunstâncias adversas. Assume prestimosamente o lugar que lhe é atribuído, concordando fundamentalmente com os anciãos, superiores e companheiros complicados. Dessa maneira honra a mão poderosa de Deus, seu coração se contenta, e ele fica livre para reconhecer e cumprir a vontade de Deus. Em contraposição, o arrogante é esfolado por circunstâncias e pessoas. Porque Deus concede graça aos humildes (v. 5), eles recebem a promessa: **para que ele vos exalte em tempo** (certo). Quem tem certeza, pela fé, de que Deus concede graça aos humildes, há de curvar-se prontamente sob Deus e as condições que ele lhe coloca. É assim que a fé gera humildade. Deus, porém, exalta no tempo (apropriado). “Seu tempo” ou “o tempo certo” pode referir-se a uma hora depois ou ainda durante o curso da vida

terrena. Muitas vezes humilhações são seguidas por surpreendentes “exaltações”. Deus transforma a situação e levanta da aflição e humilhação, de modo que reconhecemos nisso a sua ação, com gratidão. Acontece que muitas vezes Deus já age por meio dos concidadãos, quando o orgulhoso atrai para si a rejeição dos semelhantes além da oposição de Deus. Em contrapartida, quem se humilha, encontra graça junto de Deus e ainda a simpatia dos semelhantes. A verdade e relevância do presente versículo podem ser apreendidas nitidamente da história de José (Gn 37 e 39-50; cf. também Lc 14.18s e 18.13s). Porém nem sempre a hora de Deus, em que ele nos exalta, chega durante o tempo de vida na terra, e mesmo nesse caso isso acontece de forma apenas simbólica e limitada. A exaltação plena dos humilhados acontecerá somente no contexto da parusia de seu Senhor. Por isso “*en kairó*”, “no tempo” também pode significar: “na hora final”.

- 7 Em seguida Pedro mostra aos ouvintes como este humilhar-se deve ser praticado no dia-a-dia: **lançando toda a vossa ansiedade sobre ele** (literalmente: **tendo lançado**), **porque se importa convosco** (citação de Sl 55.22). Depois da exortação para que se curvassem sob a poderosa mão de Deus, Pedro podia prever a resposta: eu bem que gostaria de me humilhar e reconhecer meus superiores como colocados pela mão de Deus sobre mim. Mas para onde isso vai levar? Preocupo-me com o bom andamento na igreja. Pedro replicaria: lança sobre Deus as preocupações válidas a respeito da realidade da igreja (e também sobre todo o resto), e estarás livre para te curvar, te enquadrar e para servir. Isso vale em todas as situações. Quem lançou sua preocupação sobre Deus está livre para humilhar-se sob sua poderosa mão e fazer o que é necessário. A exortação também é dirigida aos sofredores. Normalmente o sofrimento traz consigo preocupação. Contudo, quem aprendeu a ver a mão poderosa de Deus por trás de todas as circunstâncias sabe: essa mão poderosa dá conta de qualquer preocupação. Assim somos alertados a não tentar dar conta da preocupação sozinhos. **Lançar** contém atividade, mas também a decisão de separar-se totalmente de algo. Representa uma entrega decidida da preocupação nas mãos de Deus. Schlatter afirma: “Libertamo-nos corretamente de nossa preocupação quando a transformamos em prece: Preocupa-te, Deus.” A justificativa é: **porque ele se importa convosco**, ou: “ele cuida de vós.” Deus não é apenas suficientemente poderoso para dar conta das preocupações de seus filhos, mas ele também está disposto a fazê-lo. A palavra **ele se importa convosco** expressa o cuidado pessoal, paternal, de Deus por seus filhos. Quem compreende isso pela fé ficará feliz por poder lançar todas as preocupações sobre ele, e grande consolação e aconchego o cobrirão.
- 8 Por causa do imperativo do aoristo, as palavras: **Sede sóbrios, sede vigilantes!** precisam ser entendidas aqui como recordação e como grito de alerta. A expressão **tende-vos tornado sóbrios** é importante sob dois aspectos. Exorta para refrear-se nas necessidades da vida e para a liberdade, daí resultante, da embriaguez espiritual e psíquica (sobre esse aspecto, cf. 1Pe 1.13, 4.7). Contudo, igualmente exorta para ver as coisas como são. O ser humano sóbrio conta com a realidade subjacente, a divina e a satânica. Ele sabe que precisa morrer (Sl 90.12), que o mundo e seus prazeres passam (1Jo 2.17) e que “todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo” (2Co 5.10). Por isso encontramos a exortação à sobriedade especialmente em contextos escatológicos (1Ts 5.6,8; 2Tm 4.5). A admoestação **tende-vos tornado vigilantes** também é usada no NT, sobretudo com vistas ao fim dos tempos (Mt 24.42; Mc 13.35; At 20.31; 1Ts 5.6). Quem dorme não percebe o que acontece ao seu redor. Ser vigilante significa prestar atenção a todos os indícios de perigo para a vida espiritual da igreja (At 21.32) e do indivíduo. Trata-se de reconhecer cada um dos poderes de sedução escatológicos e, por isso, viver em estado de alerta e não obstante saber-se ao mesmo tempo protegido.

O chamado à vigilância aponta para o perigo em que as igrejas se encontram: **vosso inimigo, o diabo, anda em derredor como leão que ruge, procurando alguém para devorar**. É importante para a igreja contar com a realidade do diabo. Ele é “o deus deste mundo” (2Co 4.4), “o pai da mentira” e “assassino desde o início” (Jo 8.44; cf. também Ef 2.2; 2Ts 2.9; Ap 13.2; etc.) Aqui ele é chamado de **inimigo** ou “antagonista” (a rigor: adversário em processo). O termo grego traduzido por **diabo** (*diábolos*) na realidade significa “difamador” ou também “acusador” (cf. Zc 3.1; Ap 12.10). A isso corresponde no hebraico a designação Satanás. O diabo é comparado aqui com um leão que ruge. Com seu rugido o leão causa medo e pânico ao seu redor. É assim que o diabo também nos tenta infundir pavor, de modo que reneguemos a Deus. Os destinatários da carta devem ver por trás da ameaça de pessoas as tentativas de intimidação de Satanás, que visa levá-los a apostatar de Deus e a abandonar a igreja. **Anda em derredor**. Devemos contar com ele em todos os lugares, de forma

que não estamos livres dele em nenhum local. Está à procura de quem possa devorar. Essas palavras explicitam sua intenção: está à espreita de pessoas paralisadas de pavor ou autoconfiantes e, por isso, indefesas. Por isso é importante que conheçamos a intenção do diabo. O risco é total. Está em jogo a vida!

- 9 O que precisa ser feito? A resposta é: **Tende prestado resistência a ele, firmes na (ou: por) fé, sabendo que o mesmo sofrimento está se cumprindo em vossa irmandade pelo mundo.** No início dessa frase está o verbo *anthistamai* = contrapor-se, prestar resistência, resistir, na forma verbal do imperativo do aoristo: quando os ouvintes se renderam a Jesus pela decisão que revolucionou sua vida, isso significou a renúncia radical ao seu senhorio anterior, o dominador deste mundo, e por isso a resolução de considerá-lo desde então como inimigo, ao qual cumpre **prestar resistência**. A concretização dessa decisão, no entanto, aponta para a atualidade – e por isso o imperativo: em cada ocasião, pois, em que o diabo lhes vem ao encontro e os ataca, é preciso resistir-lhe, fazendo-o de maneira firme (ou: constante) **na fé**. Na fé Jô resistiu às hostilidades do diabo e não se rebelou contra Deus. “Pela fé” os “antigos” (Hb 11) tinham força para dar honras a Deus e resistir às tentações. Tiago (Tg 4.7) escreve: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.” E Paulo exorta: “Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo” (Ef 6.11; cf. também 2Co 10.4s; Hb 10.39; Is 16). Por mais sagaz que seja a estratégia de nosso inimigo, que anda em derredor de forma invisível, não temos razão nenhuma para ficarmos apavorados ou até mesmo resignados, abandonando a luta, uma vez que estamos do lado daquele que venceu o antagonista de forma definitiva na cruz. Por isso, prestar resistência firme na fé não significa nada mais que, diante do ataque satânico, apelar para Jesus e recorrer à vitória dele em nosso favor. Ele é o primeiro e o último e aquele que está vivo (Ap 1.17c), diante do qual o diabo precisa render-se em todos os casos, porque através da cruz ele e todas as suas multidões de auxiliares foram desarmados de uma vez por todas (em grego *apekdysamenos*: Cl 2.15). Por essa razão cabe aos redimidos fazer tão-somente uma coisa na luta diária, nas respectivas tentações e investidas do antagonista: desviar o olhar para Jesus, desbravador e consumidor da fé (Hb 12.2), e proclamar a sua vitória.

Pedro prossegue: **sabendo que o mesmo sofrimento está se cumprindo em vossa irmandade pelo mundo.** Essa frase pode fortalecer as igrejas sofredoras de três maneiras. Em primeiro lugar elas podem ter certeza de que se encontram em uma **irmandade** de âmbito mundial, com a qual têm participação na salvação e também nos sofrimentos, porque quando *um* membro sofre, *todos* sofrem com ele (1Co 12.26). Em segundo lugar, que o sofrimento em que se encontram não representa um castigo, um sinal de que algo estaria errado com eles: não, no fato de que **o mesmo sofrimento está se cumprindo em sua irmandade pelo mundo** podem reconhecer que o sofrimento faz parte “normal” do caminho com Jesus. Em terceiro lugar, que seu sofrimento está inserido no plano de salvação de Deus: *epiteleisthai* (= **cumprir-se**) significa também “aperfeiçoar-se” ou: “ser consumado”, mas igualmente “ser imposto”. Isso assinala um processo necessário, previamente ponderado: um acontecimento que repousa muito solidamente na mão de Deus. Quando a igreja sofredora está **sabendo**, quando conhece o plano de Deus e a condição da igreja no mundo, ela é fortalecida desse modo para a luta da fé em seu lugar.

- 10 **O Deus de toda a graça, porém, que vos convocou para sua eterna glória em Cristo, depois de terdes sofrido um pouco, pessoalmente vos há de aperfeiçoar, firmar, fortalecer, fundamentar.** Pedro encerra as exortações dos v. 6-9 com esse incentivo. No NT, com frequência uma exortação é seguida de um incentivo, a fim de dirigir o olhar para Deus (Rm 16.20; 1Co 15.58; 2Co 13.11; 1Ts 5.24; Jd 24). Nosso Pai nos céus frequentemente é caracterizado pelas dádivas que concede: o Deus da paciência e da consolação (Rm 15.5; 2Co 1.3), da esperança (Rm 15.13), da paz (Rm 15.33; 16.20; etc.), do amor (2Co 13.11). Aqui ele é chamado **Deus de toda a graça**. Sobre **graça**, veja 1Pe 1.13; 3.7; 4.10. Graça é presente imerecido, dádiva espontânea daquele de quem vem toda a graça. Nele está tudo de que a igreja e cada cristão precisam. Podemos esperar com convicção da parte dele toda a graça de que precisamos para uma vida como vencedores. **Que vos convocou** deixa claro que a nova vida não começa pela ação humana, mas pela vocação de Deus. A vocação, porém, aponta para nossa participação **em sua eterna glória**. O que “nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano”, é o que “Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1Co 2.9). Assim nosso alvo é posto diante de nós de forma clara e esperançosa. Contudo, unicamente **em Cristo** torna-se possível a vocação de pecadores para a glória eterna de Deus, porque sem o sacrifício do Messias, em função do pecado, a ira de Deus fatalmente permanece sobre os filhos da

desobediência (Jo 3.36; Ef 5.6). Por isso, quem deseja alcançar a eterna glória de Deus precisa acolher o Crucificado. Essa é a única salvação para os perdidos. A todos aqueles, porém, que se deixaram resgatar por Jesus pode-se exclamar com convicção: “Aquele que começou em vós uma obra excelente a prosseguirá em sua conclusão até o dia do Messias Jesus” (Fp 1.6 TEB) – ou nas palavras do texto em análise: “O Deus de toda a graça... **depois de terdes sofrido um pouco, pessoalmente vos há de aperfeiçoar, firmar, fortalecer, fundamentar.**” Em comparação com a glória eterna, a duração do sofrimento somente pode ser classificada de *oligon* = um pouco (ou: um pequeno tempo; cf. 1Pe 1.6; 2Co 4.17; Rm 8.18!). O próprio Deus, portanto, está operando. Se ele os convocou, iniciando assim sua obra, ele também a levará a termo, conduzindo-os ao alvo, à glória eterna. Ele fará isto **pessoalmente**. Não é aos perseguidores que os santos estão rendidos, mas o próprio Deus os segura em suas vigorosas mãos e age nas igrejas de quatro maneiras: em primeiro lugar, ele os **aperfeiçoará**, a rigor: instalar, ou também: colocar na ordem certa, posicionar na devida condição, restaurar, equipar. Em segundo lugar, ele os **firmará**, que se traduz como “colocar de pé”, depois também: respaldar, confirmar, encorajar, tornar constante. Isso é uma preocupação importante para todos os apóstolos. Gostam de utilizar para isso esta palavra grega, *sterizein*, p.ex., 1Ts 3.2,13; Tg 5.8; At 14.22; 15.32. Em terceiro lugar, **fortalecer** ou revigorar (em grego: *sthenóo*). No NT ele ocorre somente neste texto e reforça o termo anterior. Em quarto lugar, **fundamentar**, em grego: *themelióo*, cf. *themelion* (= fundamento), ou seja, literalmente: prover de um fundamento. Deus quer e há de fortalecer os seus nos sofrimentos, fazendo-os sair revigorados dessa situação. Essa solidez também os protegerá diante do perigo de se “deixar agitar por qualquer vento de doutrina” (Ef 4.14).

- 11 A ele o poder, pelos éons dos éons! Amém** (cf. 1Pe 4.11). Essa doxologia conclui o trecho. Tem a forma de uma exclamação. Como falta o verbo auxiliar, podemos traduzir: para ele “é”, ou para ele “seja” o poder. A exclamação é homenagem e adoração: não queremos mais ser autocráticos. Esperamos toda a salvação do Deus de toda a graça. Queremos este Senhor, e nenhum outro, e aguardamos a hora em que ele assumirá o poder também diante dos olhos de todos (para ele “seja” o poder). Ao mesmo tempo, a doxologia representa fortalecimento. Alegramo-nos porque Deus já possui agora o poder e em breve o exercerá de forma visível (para ele “é” o poder). Pode parecer que Deus é impotente! “Mas a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1Co 1.25). Os eleitos deserdados da Ásia Menor somente conseguem suportar o sofrimento em vista do poder e da vitória de seu Senhor. “A ele o poder, **pelos éons dos éons**” (cf. acima o comentário a respeito de 1Pe 4.11). A palavra **Amém**, adotada do hebraico, significa algo como: é firme, certo, verdadeiro (cf. o Comentário Esperança sobre 1Co 14.16 [pág. 221] e a nota 62 sobre 2Co 1.20 [pág. 322]). Por meio dela a pessoa que ora, assim como a igreja, ressalta mais uma vez a oração ou louvor.

Saudações e voto de bênção – 1Pe 5.12-14

- 12 – Por meio de Silvano, que para vós é fiel irmão, como também o considero, vos escrevo resumidamente, exortando e testificando, de novo, que esta é a genuína graça de Deus; nela estai firmes.**
- 13 – Aquela que se encontra em Babilônia, também eleita, vos saúda, como igualmente meu filho Marcos.**
- 14 – Saudai-vos uns aos outros com ósculo de amor. Paz a todos vós que (vos achais) em Cristo.**
- 12 Por meio de Silvano, o fiel irmão, como estou convicto, eu vos escrevi sucintamente, exortando-vos e testificando que essa é a verdadeira graça de Deus em que vos posicionastes.** Praticamente não há dúvidas de que este **Silvano** é o mesmo irmão que encontramos em Atos dos Apóstolos sendo chamado de “Silas”. Há duas possibilidades: ou ele tinha dois nomes, ou Silvano é a forma latina de seu nome grego Silas. Pedro já o conhecia de Jerusalém. Afinal, foi um dos dois irmãos incumbidos de visitar as igrejas cristãs gentias em Antioquia para lhes comunicar a resolução da assembléia dos apóstolos (At 15.22,27). Depois disso ele permanecera em Antioquia (At 15.32-34) e acompanhara Paulo como colaborador em sua segunda peregrinação missionária (At 15.40; 18.5; cf. também 2Co 1.19; 1Ts 1.1; 2Ts 1.1). As referidas passagens desenham um quadro bem concreto da pessoa e atuação desse irmão fiel. Atesta-se que engajou a vida em prol do nome de Jesus (At 15.27). Foi profeta e, por meio desse carisma, tinha capacidade especial e era chamado a fortalecer as igrejas (At 15.32). Ao lado de Paulo suportou aprisionamento e tortura (At 16.22-24).

Agüentou com Paulo e Timóteo as agruras e os perigos do serviço missionário. Quando passavam por situações difíceis, ele podia ser deixado junto às igrejas para dar continuidade ao trabalho e fortalecer os crentes (At 17.14; etc.). Foi assim que ajudou fundamentalmente na condução do trabalho missionário de Paulo. Não nos foi transmitido o que Silvano fez depois da atuação na equipe missionária em Corinto (At 18.5). Será que permaneceu no âmbito grego e na Ásia Menor, para consolidar as igrejas? Será que retornou para Antioquia? De qualquer modo, quando Pedro se dirige a igrejas da região de atuação missionária de Paulo e refere-se simplesmente, sem maiores especificações, a “Silvano”, ele só pode estar se referindo a um colaborador conhecido e bem-quisto por Paulo na Ásia Menor. A nota: **por meio de Silvano... eu vos escrevi sucintamente** pode debelar uma dificuldade, a saber, por que 1Pe foi redigida em um grego surpreendentemente bom. Com certeza Silvano tinha a possibilidade de influenciar o estilo da redação em grau maior ou menor durante o ditado. Existe até mesmo a possibilidade de que ele próprio tenha redigido a carta de maneira autônoma após instrução oral ou escrita de Pedro, porque sem dúvida é muito provável que tenha sido erudito e sabia escrever (cf. At 15.23). No entanto, é igualmente possível que o presente versículo nem mesmo designe o escrevente, mas o portador da carta, como um atestado em favor do entregador, por meio do qual se confirma que Silvano vem por incumbência do apóstolo. Talvez ele tenha ao mesmo tempo recebido a instrução de fortalecer as igrejas verbalmente. Na verdade, boa parte da eficácia de uma carta dependia da atitude daquele que a trazia. Seu empenho em fazer com que a carta de fato chegasse a todos os destinatários, a forma de explicar e complementá-la, tudo isso era decisivo. Por isso Pedro acrescenta: **o fiel irmão, como estou convicto**. Será que Silvano é escrevente ou apenas portador da carta, ou talvez até mesmo as duas coisas? Afinal, já realizara no passado este serviço duplo, cabendo-nos ponderar quanto engajamento e quanto desprendimento são necessários para isso. A igreja de Jesus não pode prescindir de pessoas dispostas a tanto.

Sucintamente (a rigor: “com poucas” palavras) **eu vos escrevi** – apenas o mais importante, embora Pedro gostaria de ter elaborado mais diversas questões, algo a que, no entanto, precisa renunciar. Sintetiza mais uma vez o alvo e conteúdo da carta: **exortando-vos e testificando que essa é a verdadeira graça de Deus**. Importante é que o termo grego *parakaléo* (= “exortar”) significa também “consolar” e “encorajar” (cf. o comentário sobre 1Pe 2.11). Quem está gravemente atribulado necessita de auxílio interior, consolação e encorajamento. Mas só pode ser encorajado quem já se encontra **na verdadeira graça de Deus**. E por meio desta carta Pedro deseja **atestar que essa é a verdadeira graça de Deus**. Obviamente tinha claro em sua mente que o principal foi “nosso amado irmão Paulo” (2Pe 3.15b), através de cuja evangelização surgiram as igrejas às quais escreve. Por meio dessas palavras confirma, pois, o serviço daquele, expressando a fraternidade entre os dois. Ainda que tenha ocorrido um choque entre eles (Gl 2.11), não deixamos de sentir aqui uma profunda unanimidade. Deus certamente providencia que verdadeiros irmãos se reencontrem e reaprendam a valorizar um ao outro. Pedro atesta **“que essa é a verdadeira graça de Deus, em que vos posicionastes”**. Outros traduzem: “em que vos deveis posicionar”. De qualquer modo repercute que os destinatários já se encontram na graça. Ao mesmo tempo, porém, as palavras contêm a exortação para que novamente se insiram de forma consciente na graça testemunhada por Paulo e Pedro. Isso corresponde inteiramente à natureza da exortação (cf. 1Ts 4.1).

- 13 Saúdam-vos a co-eleita na Babilônia e Marcos, meu filho.** “A co-eleita” ou “co-selecionada” deve referir-se a uma igreja cristã. Já no AT Israel foi visto como “noiva” (Jr 2.2), e no NT a igreja é chamada de “senhora eleita” (2Jo 1). Também poderíamos lembrar 2Co 11.2, onde Paulo escreve aos coríntios que ele se empenha por eles com paixão divina, pois os desposou com um esposo único, para finalmente apresentá-los “como virgem pura a um só esposo, que é Cristo.”. Falar da igreja como de uma mulher única corresponde, portanto, ao linguajar bíblico. Como a carta se dirige aos estrangeiros “eleitos” da Ásia Menor (cf. o exposto sobre 1Pe 1.1), é plausível que Pedro cite a igreja do local de redação como “a co-eleita”. Ao mesmo tempo isto indica o local de redação: **Babilônia**. Na época do NT de fato ainda havia uma considerável comunidade judaica na velha Babilônia real, e em tese seria concebível que Pedro tivesse desenvolvido um serviço missionário ali. Contudo a maioria dos comentaristas tende a supor que “Babilônia” seja um codinome para *Roma*. Desde o cativo babilônico a Babilônia representou para o povo da aliança do AT a essência da inimizade contra Deus, da idolatria e da sedução mundana. Entrementes este papel de potência mundial esbanjadora e antidivina havia passado à metrópole Roma. Por isso é bem possível que Pedro diga “Babilônia” referindo-se a Roma, para assinalar que escreve de um centro do movimento anticristão,

que também ameaçava as igrejas da Ásia Menor. Da mesma forma o vidente João usou mais tarde o nome “Babilônia” em sentido figurado (Ap 14.8; 16.19; 17.5; 18.2). De acordo com a tradição bíblica Pedro teria atuado em Roma no final de sua vida, sofrendo ali também o martírio. Aliás, aponta para Roma como local da redação também a presença de **Marcos**. De acordo com Fm 24, bem como Cl 4.10 e 2Tm 4.11, ele deve ter vivido em Roma no início dos anos sessenta. Também Silvano (v. 12) aponta mais para o mundo greco-romano que para o babilônico. **Marcos, meu filho** deve ter sentido espiritual, ou porque Marcos chegou à fé por meio de Pedro, ou porque se porta diante dele como diante de um pai espiritual.

14 Saudai-vos uns aos outros com o ósculo do amor. Este beijo refere-se ao amor sagrado, originado de Deus (em grego *agape*). Paulo designa esse beijo fraternal de “ósculo santo” (Rm 16.16; 1Co 16.20; 2Co 13.12; 1Ts 5.26), que no cristianismo primitivo era expressão de sua comunhão interior, de seu amor fraternal (cf. 1Pe 1.22; 4.8). O fato de existir uma igreja de redimidos, unificada pelo amor de Deus e repleta dele, que apesar de todas as diferenças entre seus membros está ciente de que *unum corpus sumus in Christo* (=somos um só corpo em Cristo) representa uma questão de significado amplo e eterno. Essa comunhão espiritual deveria ser expressa constantemente, independente da forma. Os membros das primeiras igrejas confirmam seu vínculo mútuo em ocasiões especiais, p.ex., na celebração da ceia em um culto ou após a leitura de uma carta como a presente, **saudando-se com o ósculo do amor**, mais precisamente entre irmãos e também entre irmãs.

A carta termina com as palavras: **paz a todos vós que** (estais) **em Cristo** (cf. 1Pe 1.2). Na palavra paz pode-se resumir tudo o que desejamos de bom a outros. O termo grego *eiréne* (= paz) corresponde ao hebraico *shalom*, a saudação das pessoas da velha aliança. *Shalom* abarca a paz com Deus e, como conseqüência, também todos os benefícios que Deus nos propicia para corpo, alma e espírito. Tudo isso vale também para o termo *eiréne* no NT. Jesus aprofundou essa saudação de paz quando foi ao encontro dos discípulos após a ressurreição dizendo: “Paz seja convosco!” (Jo 20.19). Não apenas desejou a paz, mas a *trouxe*, aliás, de forma abrangente. Depois de ter, por seu sangue (Cl 1.20), firmado a paz no Calvário conosco, nós que na realidade éramos inimigos de Deus (Rm 5.10), todos que se deixaram reconciliar por ele (2Co 5.20) têm paz com Deus (Rm 5.1). Assim também fica estabelecida a premissa para a paz do coração e a paz uns com os outros. Uma **paz** nesse sentido abrangente é anunciada aqui com autoridade divina a **todos** aqueles que estão **em Cristo**. A expressão **em Cristo** não designa um “relacionamento místico com Cristo”, mas a nova existência dos convocados, sendo usada também por Paulo inteiramente nesse sentido (p. ex., Rm 8.1; 2Co 5.17). Os apóstolos designam os membros das igrejas de múltiplas maneiras (p.ex., “chamados” em Ap 17.14; “amados de Deus”, “santos” em Rm 1.7; “eleitos” em Cl 3.12; etc.), expressando assim ao mesmo tempo a sua natureza. Em todos os casos sua marca decisiva é o relacionamento pessoal com Cristo. Aos que estão **em Cristo** pode-se confiantemente assegurar paz a partir de Jesus, ainda que em condições difíceis.

1

¹Holmer, U. (2008; 2008). *Comentário Esperança, Primeira Carta de Pedro; Comentário Esperança, 1Pedro* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.